

**DAGOBERTO BUIM ARENA**

**EM TORNO  
DOS RUSSOS  
E DE SEUS  
CONCEITOS  
DE LINGUAGEM**



**Pedro & João**  
editores

**Em torno dos russos  
e de seus conceitos de  
linguagem**



**Pedro & João**  
editores



**Dagoberto Buim Arena**

**Em torno dos russos  
e de seus conceitos de  
linguagem**



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Dagoberto Buim Arena**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

Dagoberto Buim Arena

**Em torno dos russos e de seus conceitos de linguagem.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 241p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-1713-0 [Impresso]  
978-65-265-1714-7 [Digital]**

1. Bakhtin. 2. Volóchinov. 3. Medviédev. 4. Linguagem. I. Título.

---

CDD – 410

**Capa:** Luid Belga Ignacio

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Para Adriana, que caminhou comigo pela  
vida, pelos caminhos das pesquisas no Brasil e  
no exterior, e que me fez publicar livros



## Sumário

Apresentação	9
1. Em torno de Mikhail Bakhtin	17
2. Em torno de Volóchinov	51
3. Em torno de Medviédev	59
4. Diálogo e monólogo	67
5. Linguagem interior e rascunhos mentais...	99
6. Massa aperceptiva, diálogo mediatizado e não- mediatizado	137
7. Aspectos imateriais no ato de ler	147
8. Mediação e mediadores em debate	163
9. Estudos de conceitos e suas traduções em <i>Marxismo e Filosofia da Linguagem</i>	187
10. O capítulo III da primeira parte de MFL: conceitos e traduções	207



## Apresentação

Meu primeiro encontro com o livro *Marxismo e Filosofia da linguagem* se deu em 1988, quando iniciei o mestrado em Educação na UNESP, em Marília-SP. No programa, recentemente criado, colaboravam professores do curso de Filosofia, entre os quais Lauro Frederico Barbosa da Silveira (1937-2021), especialista em Peirce (1839-1914), e Oswaldo Giacóia Jr. (1954- ). Giacóia nos ensinava Kant, cotejando a tradução do português com uma edição alemã, graças ao doutorado e aos pós-doutorados feitos por ele na Alemanha e na Áustria. Observava os seus comentários com interesse, mas eu não tinha a versão alemã para acompanhar os contrapontos que ele fazia. Entendi, todavia, que seria uma metodologia que eu, um dia, poderia praticar, se tivesse de comentar algum autor e sua obra publicada em duas edições em línguas distintas. Eu havia cursado alemão no curso de Letras, lera literatura alemã na graduação, mas nunca o tinha empregado como instrumento de trabalho, nem acumulava conhecimento adequado para ler Kant. Lauro me levou, na mesma época, a abrir as páginas pela primeira vez do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, editado pela Hucitec, com autoria naquela época concedida a Mikhail Bakhtin, com um estranho, incógnito e inexplicável nome inserido entre parênteses como se fosse um pseudônimo, um apelido do mesmo tal Bakhtin.

O suposto pseudônimo era Volochínov<sup>1</sup>, como todos os que viram e leram esta obra sabem.

Lauro, do canto da filosofia, que estudava semiótica, comentava um livro de filosofia da linguagem rotulado no título como filiado ao pensamento de Marx. Anos depois Lauro publicaria sua grande obra em 2007, parafrazeando Saussure (1857-1913), com o nome de Curso de Semiótica Geral, pela editora Quartier Latin do Brasil. A obra *Marxismo e Filosofia da linguagem (MFL)* fazia parte desse conjunto de referências de Lauro. Meu queixo caiu quando comecei a ler MFL e a ouvir os comentários de Lauro. Dessa obra nunca mais me afastei, nunca a abandonei, e a consultava frequentemente para fundamentar meus estudos a respeito da linguagem, notadamente os de linguagem escrita, porque eu pesquisava, e ainda pesquiso, a apropriação da linguagem escrita pelas crianças pequenas.

Em 1991, vinculei Bakhtin à alfabetização em um artigo publicado pela revista Educação, de Santa Maria-RS. Lia a obra para fundamentar afirmações, elaborar artigos e defender a linguagem discursiva como objeto de apropriação pelas crianças. Lia principalmente as duas primeiras partes.

A partir de 1998, professor no programa de pós-graduação em Educação na UNESP, em Marília, introduzi, nas disciplinas por mim ministradas, os estudos dos capítulos iniciais de MFL. Para a

---

<sup>1</sup> O leitor encontrará, nesta obra, este mesmo nome com ortografias diferentes. A opção do autor será a de respeitar a grafia da obra referenciada, a saber: Volóchinov, Volochínov, Voloshinov, Vološinov. Quando não houver referência, será empregada a ortografia Volóchinov.

contextualizar filosoficamente a obra, convidei, em algumas ocasiões, um colega do programa do programa de Filosofia, Ricardo Monteagudo, para esclarecer o lugar do marxismo do mundo filosófico para que meus alunos e eu melhor compreendêssemos o pensamento de Bakhtin.

Como nunca havia estudado coletivamente a obra, parágrafo por parágrafo, decidi debruçar-me sobre ela com os mestrandos, doutorandos e colegas do grupo de Pesquisa *Processos de leitura e de escrita: apropriação e objetivação*. O nome do grupo estabelecia maior vínculo com os pressupostos de Vigotski (1896-1934), notadamente com um dos capítulos de sua vasta obra: *Pensamento e linguagem*. O objetivo era analisar a aproximação possível, na área da linguagem, entre os dois russos, um da psicologia, outro da filosofia da linguagem.

Entretanto, houve uma ruptura que me obrigaria a me aprofundar nos estudos da obra MFL. Entre 2013 e 2014, fiz um estágio pós-doutoral, com financiamento FAPESP, no grupo de pesquisa *Le laboratoire de recherche en sciences de l'information et de la communication (Gripic) da L'école des hautes études en sciences de l'information et de la communication (CELSA)*, vinculado à Sorbonne, Paris IV. Vivendo em Paris, ouvia comentários a respeito de um livro que havia provocado estardalhaços porque, ao mesmo tempo que retirava de Bakhtin a autoria de MFL, o qualificava com adjetivos pouco éticos. Me refiro ao livro de Jean-Paul Bronckart e Christian Botta, publicado no Brasil pela Parábola em 2012, não lido por mim antes da ida a Paris: *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo*. Em Paris, em 2012, uma outra publicação havia provocado também

intensos comentários. Frederic François havia lançado uma obra com título e subtítulos enormes, maiores do que os de Bronckart e Botta, como contraponto: *Bakhtine tout nu. Une lecture de Bakhtine en dialogue avec Volochinov, Medvedev et Vygotski.*

Adquiri o livro de François e a nova tradução bilingue do russo para o francês de MFL feita por Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva, ambos publicados pela Lambert-Lucas. O de Bronckart e Botta deixei para ler em português, no Brasil. O Prefácio de Sériot, posteriormente publicado pela Parábola, me desconcertou porque me convenceu de que Bakhtin não era marxista e quem escrevera a grande obra de minha referência teria sido Volóchinov. Reli o livro todo em francês (não sei russo para poder comparar a tradução) e o comparava com o que tinha levado na bagagem, a edição brasileira da Hucitec. Ali me descobri praticando o que aprendera com Giacóia. Em vez do alemão, como meu professor, eu me enfiava pelas páginas da obra com o francês.

Assim que retornei, no segundo semestre de 2014, ministrei no programa de pós-graduação a disciplina *Em torno de Mikhail Bakhtin*. Os livros de referência eram a edição brasileira, para mim já envelhecida, e a francesa, bilingue, em francês e russo, de Sériot e Tylkowski-Ageeva, agora com conceitos refeitos, com um novo autor e um novo contexto no campo da linguagem. Fazia como Giacóia. Os alunos se debruçavam sobre o livro em português e eu fazia o cotejo com a edição francesa recente. O russo não nos ajudava, infelizmente. Era, para nós, grego, como dizíamos, em tom de brincadeira. Desnudou-se, para todos, os labirintos estranhos das traduções. Como dizia Sériot no prefácio, a tradução dele

e de sua orientanda não era nem a pior nem a melhor em relação às demais. Cada tradução se faz em um lugar e em um tempo. Elas não são precisas, intocáveis. Inegavelmente, a tradução francesa dos anos 2010 se deu em outros tempos, distantes dos anos 1970, com dados bem melhor contestados a respeito da autoria da obra.

Em 2015 voltei à França, desta vez como pesquisador visitante na faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo. Uma livraria na praça Kleber era meu lugar de buscas e servia como intermediação para a aquisição de livros. Por ela pude adquirir um livro que me levaria a me aprofundar ainda mais nos estudos de MFL. Era o livro *Volosinov en contexte: Essai d'épistémologie historique* (2012), resultante da tese de doutorado da co-tradutora de MFL para o francês, Inna Tylkowski, orientanda de Sériot. As referências de Volóchinov, não indicadas em sua própria obra, agora reveladas pela autora, abriram para mim um vasto campo de discussões e de aprofundamentos que vieram elucidar a elaboração de conceitos, suas raízes e seus desdobramentos.

Da livraria Kleber trouxe também uma tradução italiana e uma tradução argentina. Tinha, então quatro traduções: a primeira do Brasil, a segunda da França, uma em italiano, da editora Piero Manni, e uma em espanhol, Editora Godot, de Buenos Aires. Trouxe também, na bagagem, o livro de Tzvetan Todorov em francês *Mikhail Bakhtine: suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine*, de 1981, com o intuito de ler o artigo *La structure de l'énoncé*, atribuído a Volóchinov, incluído no final da obra como anexo.

Ao voltar para o Brasil, soube que a Editora 34 estaria prestes a lançar uma segunda tradução brasileira, sob a responsabilidade de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova

Américo. Com a ajuda de uma participante do grupo de pesquisa, Érika Khole, conseguimos que viesse da Alemanha um livro de primeira edição, de 1974. Eram cinco livros, então. Ficamos aguardando a nova tradução brasileira, ansiosamente esperada.

Nas reuniões do grupo líamos, parágrafo por parágrafo, marcando e discutindo divergências, eu com a edição francesa e outros integrantes do grupo com o alemão, italiano e espanhol. Eram muitas e surpreendentes as divergências. Provocavam-nos frequentes indagações, e, ao mesmo tempo, sentíamos prazer em descobrir nuances conceituais que iluminavam ainda mais nossa visão da totalidade da obra. Somente em 2017 sairia a tradução de Grillo e Américo. Embora a autoria tivesse sido atribuída a Volóchinov, como já sabíamos, uma nota discreta entre parênteses na capa registrava: *Do círculo de Bakhtin*. Pareceu-nos haver apenas uma inversão de posição de nomes em relação à primeira edição brasileira. Volóchinov passou a ocupar o lugar de destaque e Bakhtin foi deslocado para um registro entre parênteses, sem sair da capa.

Foi possível, a partir daí, estabelecer confrontos entre as duas traduções brasileiras e as demais estrangeiras. Tínhamos uma versão em inglês apenas em PDF. Eram, portanto, 7 traduções de uma mesma obra. Os detalhes a respeito da autoria destas traduções serão comentados nos capítulos deste livro.

Das discussões no grupo de pesquisa, além dos artigos reorganizados para compor esta obra, há uma tese não publicada, de meu orientando Fábio Silva Ortega, à disposição no repositório da UNESP em Marília. Seu nome é *A síntese monista e dialética em Marxismo e Filosofia da*

*Linguagem: dupla negação ao idealismo.* (<https://repositorio.unesp.br/items/6d09c261-0566-401f-a37e-09b07ef278f6>).

No último capítulo deste livro, insiro alguns trechos selecionados para o leitor-pesquisador se debruçar sobre as variações das traduções de alguns conceitos, sem que sejam agregados meus comentários. Se algum leitor souber ler em russo, terá a grande oportunidade de verificar pequenos recortes do original de Volóshinov publicado na edição bilingue da editora Lambert-Lucas.

A partir desta virada em que Volóchinov passa a ser, por muitos pesquisadores, considerado o autor de MFL, passei a escrever artigos e me aprofundar nas páginas da obra de Tylkowski. O grupo discutiu também as traduções dos demais trabalhos de Volóchinov feitas por Américo e Grillo na obra *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas* (2019) e até a obra *O Freudismo: um esboço crítico*, da editora Perspectiva (2001). Embora contasse o nome de Bakhtin em *O Freudismo*, a liamos com a história e com os textos precusosres de Volóchinov a nos orientar.

Em 2025, decidi revisitar artigos e organizar esta obra que revela meu percurso por autores russos que trançam, em línguas diversas, conceitos de filosofia da linguagem. No final, antes das Referências, o leitor encontrará a relação das revistas e do livro onde originalmente foram publicados um capítulo e os artigos que serviram de base para esta obra. Espero, com ela, inserir mais fios nessas tranças.

Os capítulos, como estão dispostos, cuidarão, inicialmente, de apresentar uma rápida biografia dos três russos que, entre outros citados, teriam formado o chamado Círculo de Bakhtin. Apresento o próprio

Bakhtin e junto à biografia os estudos referentes a seu pensamento e suas tendências religiosas, motivo principal pelo qual foi preso e exilado pelo regime stalinista. Faço inserção de dados em torno de Volóchinov com a intenção de lhe atribuir nome, sobrenome e percurso no mundo acadêmico que legitimam sua autoria de MFL. Recorri a apontamentos de Iuri Medviédev (2012; 2013) e de Craig Brandist (2014) para iluminar também a figura, historicamente apagada pelos estudiosos da área, de Pável Medviédev.

Pelos capítulos seguintes, entro, como agulha e linha, por textos tecidos por esses russos e por outros, por eles citados ou não, que a eles se juntaram para compor tramas e esclarecer conceitos.

## Em torno de Mikhail Bakhtin

Este capítulo apresentará, em tópicos, alguns dados biográficos da vida de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) e informações de sua formação e atuação religiosas. As intenções são as de evidenciar contradições e dúvidas em relação a fatos e eventos de sua vida, e as de contestar a tradução para o francês de uma de suas afirmações em entrevista, a que o situa, no campo religioso, como espírita.

Essas minhas intenções têm o objetivo de responder a perguntas que eu mesmo me fazia quando me deparava com as controvérsias a respeito da vida de Bakhtin, tanto no campo da autoria, quanto no campo que dizia a respeito à prisão e também no de suas atividades em sociedades filosóficas, religiosas e políticas. A afirmação de Bakhtin, traduzida para o francês, de que era filiado ao espiritismo será contestada. A hipótese é de que tenha afirmado o ser filiado a religiões espiritualistas, mas não ao espiritismo, doutrina organizada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec (1804-1869), no século XIX. Essas perguntas não me eram próprias, porque eram também compartilhadas por colegas e alunos em rodas de discussão em grupos de pesquisa.

A apresentação de Yaguello na edição brasileira de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL) (1988) aponta que

Bakhtin nasceu em 1895, em Oriol, em uma família rica que perdera suas posses. Passou a adolescência em Vilna, Lituânia, e em Odessa, Ucrânia, onde teria iniciado a sua vida universitária; posteriormente continuou seus estudos em São Petersburgo, onde teria, segundo Yaguello, se diplomado em História e Filologia em 1918. Em 1920, com 25 anos, casado com Helena Okolovitch, mudou-se para Vitebsk, hoje na Belarus, para trabalhar na área da cultura, a convite de Pável Medviédev (1891-1938), influente intelectual, que será apresentado também neste livro. Estes dados não são os mesmos encontrados na entrevista concedida a Duvakin (2008), cujos trechos serão incorporados logo adiante.

Por volta de 1930 Bakhtin viveu em Kustanai, entre a Sibéria e Cazaquistão (Yaguello, 1988, p. 11). Em 1936, estava em Saransk, na Moldávia, e em 1937 próximo a Moscou, em Kimri, onde viveu até 1945, trabalhando no Instituto de Literatura da Academia de Ciências da União Soviética, instituição onde defendeu uma tese em que a literatura do francês Rabelais foi seu objeto de pesquisa. Aposentou-se em 1961, em Saransk. A partir de 1963, tornou-se conhecido nos meios intelectuais russos. Em 1969 mudou-se definitivamente para Moscou, onde veio a falecer em 1975. Yaguello confirma que *O freudismo* e MFL “saíram sob o nome de Volochínov”, em 1927 e 1929, respectivamente, e que o livro chamado *Método Formalista Aplicado à Crítica Literária: introdução crítica à poética sociológica* foi publicado “sob a assinatura de Medviédev (Yaguello, 1988, p. 11-12), mas afirma, de modo peremptório, que “não há dúvidas quanto à paternidade de suas obras” (Yaguello, 1988, p. 12).

## A entrevista de Bakhtin a Duvakin

Os dados acima encontrados na apresentação de Yaguello não coincidem com os ditos por Bakhtin. É importante dedicar atenção às informações dadas por ele em entrevista concedida em 1973, dois anos antes de sua morte, ao pesquisador russo Duvakin (1909-1982). Ele informa ao pesquisador ter nascido em Orel, no dia 4 de novembro de 1895, de acordo com o antigo calendário russo, que equivale ao dia 17 no calendário atual. Antes da revolução russa, Bakhtin informa ter entrado em uma universidade em Odessa, e posteriormente teria ido para Faculdade de Estudos Histórico-filológicos da Universidade de São Petersburgo, onde estudava seu irmão Nicolai Bakhtin (1894-1950), um ano mais velho que ele. Seu irmão, segundo Bakhtin, abandonou o território russo na época da revolução para juntar-se à Legião Estrangeira. Teria concluído seus estudos universitários na Sorbonne, em Paris, e em Cambridge, Inglaterra, onde faleceu.

Esses dados a respeito de seu irmão merecem destaque porque, graças a eles, será possível compreender acusações feitas por alguns estudiosos de que Bakhtin inventou dados de sua biografia que, na verdade, seriam dados biográficos de seu irmão. Indagado por Duvakin sobre os estudos em Odessa, Bakhtin afirma que estivera lá antes de 1914, porque durante a primeira guerra permaneceu em São Petersburgo, mas parece se atrapalhar com as perguntas do entrevistador:

B - Com relação aos anos pode ser que a memória me traia, faço confusão...

D – A guerra começou em julho de 1914. Se o senhor frequentou em Odessa só o primeiro ano no ano escolástico de 1913-14, antes da guerra, e se depois, como parece, mudou-se durante o segundo, então, evidentemente, estando, como o senhor diz...

B – Durante o segundo, o segundo curso.

D – Então o senhor... somente um ano...

B – Somente um ano.

D – ... ficou em Odessa. Então o porquê de Lange e de todo o resto. O senhor era estudante do primeiro ano?

B – Sim, ali terminei o ginásio, mas depois eu fiquei na Universidade somente por um ano.

D – Assim, então 1914-15, 15-16 e 16-17 foram o segundo, o terceiro e o quarto curso da Universidade de São Petersburgo?

B – Sim, da Universidade de São Petersburgo. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 39).

As inconsistências das datas informadas pelo próprio biografado solicitam a necessidade de colher dados de várias fontes, entre as quais a entrevista citada.

Quando criança, foi diagnosticado como portador de osteomielite. Entre nove e dez anos passou por cirurgia, quando então “perfuraram-me a perna, transpassaram a bacia e perfuraram a tíbia.” (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 50). Esta perna foi posteriormente amputada:

D – E amputaram sua perna há muito tempo?

B – Não, a perna foi amputada muitos anos depois, relativamente, digamos, há não muito tempo atrás.

D – Mas como? ... Eu o vi com uma perna só já um pouco antes da guerra; (Guerra de 1939-1945)

B – Um pouco antes da guerra, certo. Eu sofri a amputação dois anos antes da guerra. Apenas dois anos antes. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 50).

Todorov informa que a perna foi amputada em 1938. (Todorov, 1981). A imprecisão de datas dá margens às acusações de que sempre as trocava conforme as situações em que se encontrava. O primeiro círculo de que participou não foi o chamado Círculo de Bakhtin, mas outro, na adolescência, em São Petersburgo, aos 16 anos:

D – Bem, passemos então, ao período posterior de sua vida – em São Petersburgo.

B – Sim. E aqui, para começar, talvez vou (sic) contar sobre aquele círculo que foi organizado em São Petersburgo já em 1911-12.

D – Quando o senhor chegou já existia?

B – Já existia, já era ativo. Eu o frequentava quando ia a São Petersburgo, antes ainda de transferir-me para lá de maneira definitiva. Tinha como líder o meu irmão, Nikolai Mikhailovich Bakhtin. [...] (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 58).

Ele participou deste círculo chamado *Omphalos* – *Umbigo* – durante suas viagens a São Petersburgo, quando morava em Odessa. Declara claramente não ter se preocupado com política, porque “nem certamente simpatizava, pelos extremos, digamos, com as iniciativas extremas no campo da instrução pública. Não simpatizava, absolutamente.” (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 73). A respeito da autoria da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), ele atribui claramente a Volóchinov:

D – Mas onde se encontraram?

B – Encontrávamo-nos em Leningrado, à noite; me apresentaram ele ali... o caso é que eu tinha um amigo íntimo, Volóchinov... é autor do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, livro que, digamos, atribuem a mim. Bem, indico o próprio Valentin Nikolaevich Volóchinov [...] (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 80.)

Apesar desta afirmação, em outras ocasiões ele não foi tão assertivo, por isso, grandes nomes como Viacheslav Ivanov (1866-1949) e Aleksej Leontiev (1903-1979) entenderam que essa obra seria de sua própria autoria. Essa dubiedade se depreende da sua declaração a Duvakin, ao afirmar “que, digamos, atribuem a mim.” Da mesma maneira, as informações sobre seus estudos são sempre imprecisas:

D – Bem e qual era, digamos, o seu círculo universitário? Conte os seus últimos anos estudantis. Por quantos anos estudou, depois de Odessa, na Universidade de Petersburgo?

B – Estudei ainda por quatro anos.

D – Ainda quatro anos? Lá dois e aqui quatro?

B – Não, lá somente um.

D – Então cinco anos? Normalmente.

B – Sim. Cinco anos. Não normalmente. Em geral um curso era de quatro anos. Mas raramente quem... (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 114).

E ainda,

D – [...] Antes de mais nada o que era o senhor naquela época? Um livre letrado?

B – Naquela época? Sim, então, naquela época.

D – Ao final de seus estudos universitários?

B – Não totalmente. Ao final dos estudos universitários ...

D – Como vivia em Petrogrado entre 1918 e 1921?

B – Não, o fato é que fui embora de Petrogrado em 1918. Foi assim [...] (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 136).

Entre os anos 1918 e 1919, Bakhtin lecionou em Nevel, na Belarus, graças ao auxílio, conforme declara, de seu amigo Lev Pumpianski (1891-1940). Logo depois dirigiu-se para Vitebsk a convite de Medviédév. Em virtude de suas declarações dúbias, é indagado por Duvakin:

D – E o senhor viveu ali por todo o ano de 1918 e ainda depois? (Em Nevel).

B – Ainda o ano 1919. Vivi lá dois anos.

D – Ah-ha [ri], eis o porquê... É por isso que não conseguia entender porque o senhor tivesse tal lapso de memória, porque não se lembrava dos Cafés.... [...] (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 137).

A respeito de suas relações com o pintor Marc Chagall (1887-1985), em Vitebsk, parece se contradizer:

D – E o senhor conheceu Marc Chagall pessoalmente?

B – Um pouco. Sim, o conheci, mas pouco, não me lembro quanto tempo ficamos os dois lá, e depois ele logo partiu.

D – Então o senhor estava ali em 1920?

B – Estava ali... em 20, 21, 22.

D – Mas, perdão, e como o senhor em 1921 ...?

B – Ah-ah (ri), eu ia a Moscou e Leningrado. Ia. Não morava em Moscou... Vim para Vitebsk de Leningrado e depois voltei para Leningrado. E a Moscou fazia breves visitas.

D – Bem, agora está claro. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 137).

Em relação ao Círculo de Bakhtin, comenta:

D- Sim. Entendi. Moscou era somente um lugar ao qual o senhor ia de vez em quando... Mas depois, a um certo ponto, em 1923, o senhor se transferiu para Petrogrado? E viveu ali até 1929?

B – Sim, até 1929.

D – O senhor... Eu lembro do seu livro, mas... O senhor não teve uma estrepitosa notoriedade....

B – Não, tive notoriedade somente nos círculos muito restritos. Ao meu redor tinha um círculo que era chamado de “o círculo de Bakhtin”... Isso, ultimamente escrevem muito isso. Incluo nele antes de mais nada Pumpianski, Medvedev Pavel Nikolaevich, Volóchinov. A propósito, todos esses estavam também em Nevel, com exceção de Medvedev, na verdade. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 144).

Bakhtin conheceu Volóchinov em Nevel em 1919, e compartilharam um apartamento em Vitebsk. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 289. Notas). Na época da entrevista, em 1973, Bakhtin já era um intelectual reconhecido. Ele confirma ter tido uma posição importante entre os amigos em Vitebsk e São Petersburgo. Duvakin solicitava explicações a respeito de contradições, como as suas relações com o linguista Jan Baudouin de Courtenay (1845-1920):

D – Mas o senhor conheceu Baudouin de Courtenay?

B – O conheci, como não? Certamente o conheci. Assistia às suas aulas. Sim, nesse ponto posso até dizer, bem: fui embora de Petrogrado e depois voltei a Leningrado.

D – Como? Em 1924 já era Leningrado? Em 23 era ainda Petrogrado.

B – Bem, claro, sim, mas logo virou Leningrado.

D - Virou Leningrado em maio de 1924.

B – De 24, exato. Bem, de qualquer forma, já a minha vida a seguir passava a se desenvolver em Leningrado. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 145).

Alguns pesquisadores (Brandist, 2012, Sériot, 2010 e Bronckart; Bota (2012) contestam a autoria a ele atribuída de MFL, obra publicada inicialmente por Volóchinov (1895-1936) e de *O método formal nos estudos literários* (MFEL), publicada por Medviédev (1891-1938), porque seus fundamentos filosóficos eram kantianos, não marxistas, como ele mesmo afirma a Duvakin, quando aborda sua prisão pelo regime stalinista.

B – [...] Não, isso aconteceu já, certamente em 1929 ou em 1930. Em 1929. Isso. Me jogavam na cara o passado: que dava aulas kantianas, e assim por diante. Eu, em essência, fui acusado de dar aulas de maneira não-oficial com caráter idealista. Em suma, não acusando-me (sic) nem mesmo do fato... de nada. O interrogatório era um.... [...] É preciso dizer que na época o GPU, todavia, seguia o modo de proceder de Dzerainski, eram ainda mantidos os procedimentos de Dzerainski. Por isso, por exemplo, não posso me lamentar, o tratamento era o mais, digamos, correto, sob todos os aspectos.

D – Não o repreendiam usando palavras, e não lhe batiam?

B – Não, não! [...] (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 146).

Além da acusação de lecionar Kant, Bakhtin teria declarado a um dos estudiosos de sua obra – Sergei Bocharov (1929 -) – que tinha sido preso com Aleksander Meier (1875-1939). Meier foi condenado à morte, mas sua

pena foi refeita para dez anos de prisão, como Bakhtin. Neste caso, porém, houve redução da sua pena para cinco anos para ser cumprida em Kustanai. Meier, com quem Bakhtin mantinha estreitos vínculos, liderava o *Círculo Ressurreição*, um círculo religioso-filosófico considerado ilegal pela ditadura stalinista. (Bakhtin; Duvakin, 2008, Nota nº 42).

A primeira obra de Bakhtin – *A Filosofia do Ato Responsável*, editada em 1921, tem, segundo alguns de seus críticos (Brandist, 2012, Bronckart; Bota, 2012), tons kantianos, possivelmente por influência de um intelectual com quem convivera em Nevel chamado Matvei Kagan (1889-1937), que tinha feito estudos na Alemanha. Ele confirmou essa sua tendência intelectual ao reclamar da acusação feita em 1928, quando foi preso.

Em 1924, em Leningrado, participou de encontros de intelectuais proferindo conferências com teor kantiano:

D: Ah! O senhor intervinha?

B- Intervinha também.

D – Sempre sobre temas filosóficos?

B- Sim, filosóficos, estéticos, principalmente, filosófico-estéticos.

D – Como kantiano?

B – Sim.

D – E o senhor se permitia ao luxo, digamos – eu, naturalmente, falo ironicamente – se permitia ao luxo, na Leningrado de 1924, de intervir com conferências filosóficas como kantiano?

B – Como kantiano. [...] (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 146).

Em Nevel, aos 22 anos, conforme com suas declarações, ministrou aulas de filosofia, que se

concentravam “sobre Kant e o kantismo. Considerava isso central na filosofia”. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 234). Foi criticado por Bronckart e Bota (2012) de ter se baseado neste filósofo sem fazer a ele as devidas referências.

Ele declara a Duvakin que o aprisionaram em 1928, mas o libertaram porque necessitou de internação em Leningrado, (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 315) em virtude do agravamento da osteomielite. As notas do tradutor italiano do livro de Duvakin informam que ele foi preso em 24 de dezembro de 1928, com sentença de 22 de julho de 1929, e ida para o exílio forçado em Kustanai, Cazaquistão, em março de 1930. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 308. Notas). Kustanai era um lugar remoto:

B – A estepe ao redor, a estepe, pouquíssimas árvores. A estepe nua.... O clima era terrível: no inverno, frio demais, e no verão o tormento das tempestades de pó. O vento fortíssimo levantava a poeira e era literalmente impossível caminhar, se sufocava. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 209).

Em Kustanai exerceu as funções de contador em uma cooperativa durante cinco anos de exílio. Depois desse período, permaneceu na cidade até 1936 por não ter onde se abrigar sem trabalho (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 315, Notas). Parte para Saransk em 1937.

As datas informadas por ele não conferem com as existentes nas notas do livro de Duvakin. Em 9 de setembro de 1936 teria sido convidado, por influência de Medviédev, a ministrar aulas no Instituto Pedagógico Estadual da Moldávia. Foi demitido em 10 de março de 1937, segundo as Notas no livro de Duvakin, por “ter introduzido, no ensino de literatura, o objetivismo

burguês, não obstante uma série de adversões...". (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 316-317. Notas).

Conforme suas declarações, ia para a casa dos pais em Leningrado e para Moscou na casa de uma irmã, ilegalmente, porque não tinha autorização para visitar essas cidades:

B – Bem, as coisas foram assim: saí de Saransk, fugi, pude-se dizer... não no sentido literal, mas fui embora sentado tranquilamente no trem, etc...

D- Mas não havia obrigação do comparecimento mensal?

B – Em Saransk?

D- Sim.

B – Em Saransk não; eu não tinha essa obrigação.

D – Mas o senhor havia já terminado o seu exílio?

B – Havia terminado o meu primeiro período de exílio, por isso não devia apresentar-me todo mês à polícia. (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 212).

Medviédev tinha trabalhado em Saransk e o recomendou a um instituto pedagógico, onde então lecionou durante um ano. Em Saransk continuou a escrever o livro a respeito da obra de Rabelais, iniciado em Kustanai, e o concluiu em Savelovo, nas proximidades da capital, onde se fixou após a morte de Stalin, em 1953. Antes de ir para Moscou, saiu de Zavidovo e permaneceu em Saransk, entre 1948 e 1953, onde se encontrou com pesquisadores moscovitas, entre os quais Vladimir Turbine (1927-1993). (Bakhtin; Duvakin, 2008, p. 218). Somente em 1972, aos 83 anos, foi viver em Moscou. Em Saransk foi editada a segunda edição de seu livro sobre Dostoiévski. A primeira teria sido em 1928, com ajuda de

Sergei Bocharov, responsável pelo seu reconhecimento intelectual.

## As religiões do homem Mikhail Bakhtin

Os primeiros anos deste século XXI viram repercutir temas polêmicos em torno de autoria de obras de Mikhail Bakhtin (1895-1975), notadamente a respeito das atribuídas inicialmente a Valentim Volóchinov (1895-1936) e a Pável Medviédev (1892-1938). A publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* no Brasil, inicialmente derivada da tradução francesa, acompanhada de apresentação e prefácio de Marina Yaguello e de Roman Jakobson, semeou dúvidas e incertezas sobre outro aspecto - os motivos da condenação de Bakhtin à prisão por cinco anos. Olhares apressados sobre o livro editado no Brasil entenderam que Volóchinov teria sido um pseudônimo. Mas nem tudo é assim tão claro. Depretto (1997) revela as zonas de sombra que rondam a vida de Bakhtin:

É verdade que com ele tudo era inabitual: sua vida continua mal conhecida e comporta sempre zonas de sombra. Neokantiano, cristão ortodoxo, detido no fim dos anos vinte por suas ligações com os círculos religiosos de Leningrado, ele conta em seu entorno, com duas figuras oficiais, P. Medvedev e V. Volóchinov, que dividem visivelmente as orientações sociológicas da época e que teriam lhe servido de codinomes. (Depretto, 1997, p. 10)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>Todas as traduções de citações derivadas do francês são de responsabilidade do autor

Na esfera religiosa, a autora o situa, ainda na juventude, em movimentos da igreja ortodoxa russa e na filosofia de Immanuel Kant (1724-1804). Esses dois eixos, longe de serem contraditórios, encontram-se juntos na questão moral que vai acompanhar parte de sua obra. Os motivos reais de sua prisão teriam sido as suas atividades ligadas ao cristianismo ortodoxo, a sociedades espiritualistas, e ao ensino religioso ministrado a grupos de jovens. Teria sido essa militância que o levaria à prisão, mas não a sua militância política (Duvakin, 2008). Não foi marxista militante, como declarou em entrevistas na velhice (Duvakin, 2008), nem participante de movimentos contrarrevolucionários. Sua militância persistente esteve vinculada a preleções, palestras e aulas de natureza religiosa. (Botcharov, 1997; Sériot, 2010).

Minha atenção foi atraída para essa temática pela primeira vez quando me deparei com a leitura da entrevista dada a ele a Botcharov (1997). Entre as perguntas que eu me fazia, estava a que se referia aos motivos de sua prisão. Surpreso, vi que em uma das respostas dadas ao entrevistador, Bakhtin afirmava ter se interessado pelo freudismo e pelo espiritismo:

Botcharov: M.M., o senhor não foi seduzido em algum momento pelo marxismo?

Bakhtin: Não, jamais. Eu me interessei, como a muitas outras coisas, pelo freudismo e mesmo pelo espiritismo. Mas eu nunca fui, de maneira alguma, um marxista. (Botcharov, 1997, p. 191. Tradução minha).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>Em francês: - M.M., vous avez peu-être séduit um moment par le marxisme? – Non jamais. Je m’y suis interesse, comme à beaucoup

Não é possível saber se a tradutora francesa da entrevista usou o termo *espiritismo* na acepção corrente na França concernente à doutrina espírita organizada por Hippolyte Léon Denizard Rivail, cujo pseudônimo é Allan Kardec, ou se se trata de uma tradução próxima ao conceito de espiritualismo. Esta é apenas uma das referências que indicariam a religiosidade em Bakhtin, a maioria delas relativas à Igreja Ortodoxa ou a movimentos considerados de natureza ocultista. Meyer, um dos mais referenciados por ele, teria sido detido na mesma época em que fora processado e condenado. (Bronckart; Botta, 2012).

Tive minha atenção atraída por essa sua afirmação porque o espiritismo, conjunto doutrinário organizado por Kardec, se espalhou por muitas esferas da sociedade francesa e brasileira nos séculos XIX e XX, enquanto todas as outras referências relacionadas a Bakhtin se circunscreveram a outros movimentos próprios do contexto social, religioso, cultural e político da Rússia. Com o intuito de tentar melhor compreender o universo religioso por onde transitara o autodenominado filósofo Mikhail Bakhtin (Duvakin, 2008), decidi me enveredar por caminhos percorridos por alguns autores e por algumas obras em busca de pequenas referências e detalhes escondidos. Há informações ou comentários que se repetem, mas nenhum autor aprofunda essa discussão, porque, suponho, não interessa a pesquisadores de um Bakhtin visto como estudioso de linguagem e de literatura. Como vida e obra, palavra e vida, não vivem

---

d'autres choses – au freudisme et même au spiritisme. Mais je n'ai jamais été, en aucune façon, un marxiste.

apartadas, retomo essas discussões para incluir alguns aspectos de sua vida pouco divulgados.

Qual é o Bakhtin que se revela ao conhecimento? Vários, como afirma Depretto (1997):

[...] Bakhtin é apresentado como uma personalidade fervente, tanto como um adepto do sociologismo; é visto indiferentemente como um pensador cristão, um neokantiano, um clássico do pensamento russo, um tradicionalista, um ultra modernista, um relativista absoluto... Cada um o toma de acordo com o que lhe convém e se deixa a generalizações abusivas. (DEPRETTO, 1997, p. 108).

O Bakhtin que me interessa neste tópico é o que não consta da lista acima: é o que participa de círculos e de debates nas fronteiras das tradicionais religiões, notadamente a Ortodoxa, em grupos de estudo que se metem nas profundezas da espiritualização humana. É um Bakhtin que concilia, no início, a filosofia kantiana e o espiritualismo, e que mais tarde, envereda para a visão estética da vida.

Para cumprir a tarefa a que me propus, recortei trechos de pesquisadores para revelar o que eles afirmam e, vez ou outra, foi preciso recorrer a consultas no mundo digital a respeito de nomes de líderes de movimentos e de sociedades russas que tocam em temas religiosos. Minha hipótese é a de que Bakhtin não se teria se filiado fielmente a alguma organização religiosa, porque não se comprometia com os seus princípios por muito tempo e delas retiraria a sua essência, o seu núcleo, a moral. É este recorte que o fez aproximar-se da filosofia kantiana, em

sua juventude, e aos princípios do cristianismo (Bakhtin, 2010) desde a juventude até os seus últimos anos.

O percurso desta exposição não obedeceu à cronologia de sua vida. A decisão foi a de tomar como ponto de partida as suas econômicas declarações dadas a dois de seus entrevistadores, Botcharov (Depretto, 1997) e a Duvakin (2008). Em seguida, foram recortados alguns trechos de seus comentadores com o intuito de evidenciar a sua infidelidade aos movimentos e o vínculo persistente à questão moral que parece ser o fundamento cristão por ele destacado. No caso do espiritismo, a moral formaria o tripé de sua constituição: filosofia, ciência e moral (Kardec, 2012). O espiritismo valoriza o específico e faz recortes dos evangelhos, com ênfase no aspecto moral dos ensinamentos atribuídos a Jesus. Bakhtin, todavia, parece não ter se dedicado ao espiritismo, tal como é conhecido no Brasil pelas obras de Alan Kardec (2012; 2013), mas ao espiritualismo, conceito genérico atribuído ao que transcende a vida material.

O motivo pelo qual os princípios morais-religiosos de Bakhtin são tão dispersos e pouco conhecidos se deve a ele próprio, a seu modo evasivo, o mesmo modo empregado nas polêmicas sobre a autoria das obras consideradas disputadas. Pistas foram deixadas pelos seus rastros e por seus escritos, por vezes truncados, inacabados, inconclusos, repetitivos ou contraditórios. No que diz respeito à religiosidade ligada à estética, especificamente, Botcharov afirma que

O aspecto religioso da estética de Bakhtin é profundo, mas escondido, é por isso que ele é profundo, íntimo, como um tema não expresso. Visivelmente, não somente por razões

exteriores que havia na época. É dissimulado, como se Bakhtin não se permitisse decidir definitivamente essas questões. (Botcharov, 1997, p. 199).

Botcharov o provoca na entrevista para obter manifestações objetivas a respeito do tema, remetendo-o à obra que escrevera sobre Dostoiévski. Bakhtin revela que não queria falar das coisas essenciais, as filosófico-religiosas que teriam atormentado o escritor e que sobre elas não fora muito a fundo, mas expressara, pelo menos, seu distanciamento em relação à Igreja, supostamente, a ortodoxa:

As questões filosóficas, aquilo que atormentou Dostoiévski toda a sua vida, foi a existência de Deus. Eu era constantemente forçado a me virar, de um lado a outro. Era preciso que eu me contivesse, mal meu pensamento começava a deslanchar, era preciso pará-lo. [...] eu mesmo fiz reservas ao olhar da Igreja. (Botcharov, 1997, p. 181).

Julia Kristeva (1941- ), nas palavras de Botcharov, “deu uma descrição eloquente, embora pouco condescendente da linguagem de seu *Dostoiévski*, linguagem humanista e ‘mesmo surdamente cristã’. (Botcharov, 1997, p. 197). Mesmo contido ao analisar o escritor, seus dramas pessoais e sua relação com Deus, Bakhtin desafia outros enfrentamentos nessa mesma temática ao dialogar com um artigo de Elena Sergueevna Boulgakova (1893-1970) que analisava um Cristo de tradição espiritualista, situado na Idade Média, e as relações livres de autoridade e de submissão entre homens e Deus. Para Botcharov,

A temática espiritualista era próxima a Bakhtin que gostava de repetir que a verdade e a força são incompatíveis, que a verdade existe sempre em uma imagem de submissão, que todo poder e todo triunfo são perigosos e que a expressão 'vitória da verdade' é um *contradictio in adjecto*'. É por causa dessa ligação da tradição espiritualista que o Cristo de Boulgakov interessava a ele. (Botcharov, 1997, p. 183.)

O que importa para Bakhtin é a visão espiritualista de Cristo, que a ele toca profundamente, mas não a do espiritismo de Kardec. A força, a imposição e a vitória pela força se distanciam da verdade, ela própria resultante da consciência, da decisão pessoal, da escolha que faz o homem quando livre da imposição de dogmas. Ele deixa entrever o aspecto moral que atrai a sua atenção e o vincula à verdade e à liberdade. Há, todavia, uma análise de Dennes (1997, p. 88) que vê o deslocamento das atenções de Bakhtin distanciadas das questões da metafísica e da religião:

Deus se encontraria remetido ao domínio da fé e a filosofia parecia não ter nada a fazer com a metafísica. Compreende-se, a partir de então, a rejeição à metafísica e à religião que Bakhtin proclama quando ele desenvolve sua caminhada aos fundamentos filosóficos. (Dennes, 1997, p. 89).

Tal como afirmara Depretto (1997), os seus pensamentos esgueiram-se por áreas nebulosas. Embora alimentem rejeições, os estudiosos de sua obra encontram aqui e ali traços que o encaminham para uma relação entre a moral kantiana e a moral espiritualista ou cristã. Esses traços impregnam, como apontam seus analistas, a

sua primeira obra - *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), incompleta como outras, escrita por um Bakhtin jovem, com pouco mais de vinte anos, banhado pela espiritualidade russa e pela influência marcante do kantismo nessa fase inicial de sua vida intelectual. O interessante é que Dennes (1997) articula os escritos finais de Bakhtin com essa obra iniciante, como se, próximo ao desencarne, ele tivesse promovido um retorno às suas origens como pensador envolvido pelos ensinamentos morais cristãos e pelo amor incondicional no núcleo dessa moralidade:

[...] mas no final de sua vida, seus escritos são de conteúdo mais filosófico remetendo ao que escrevera em *Para uma filosofia do ato*, quando ele vivia em uma atmosfera cultural impregnada não somente de influências ocidentais, mas também de interesses marcados pela espiritualidade russa. Nos seus primeiros trabalhos, ela indicava uma vida de renascimento das tradições russas antigas privilegiando as qualidades de fidelidade e de amor. (Dennes, 1997, p. 103).

A respeito desse clima composto por estudos sobre a espiritualidade que envolvia a sociedade russa nos anos pós-revolução, Bakhtin declara em entrevista a Duvakin (2008), quando estava com 78 anos em 1973, que participara de associações, movimentos ou círculos, comuns à época, de caráter filosófico-religioso:

Bakhtin: [...] Mas eu participava de alguns círculos. De círculos pós-revolucionários.

Duvakin: De quais círculos? Círculos literários? Filosóficos?

Bakhtin: Filosóficos, de caráter filosófico-religioso e de estudos literários, não oficiais.

[...]

Bakhtin: [...] É preciso deixar claro que não simpatizava muito com essa Vol'fila. [...] era uma espécie de, sabe ... oratória, principalmente de caráter liberal-democrático....

Duvakin: ... e ao mesmo tempo de um certo ideal-misticismo...

Bakhtin: ... e em parte de caráter ideal-místico. Participei também das reuniões da associação filosófico-religiosa. Essa, porém, era algo mais significativo.

Duvakin: Tinha Merenkovski, certo?

Bakhtin: Sim, tinha Merenkovski... Então, Karrachev era presidente dessa associação. Merenkovski, Gippius.... bem, e depois ainda [Dimitri V.] Filósofo que teve papel importante. (Duvakin, 2008, p. 73).

Bakhtin não revela fidelidade a este ou àquele círculo, embora tenha sido condenado por sua participação em um deles. Convém destacar a estreita ligação entre religião e filosofia, ou espiritualidade e filosofia, mas não propriamente a uma religião sistemática e de tradição. O adjetivo empregado na tradução do trecho acima é *ideal-místico*, mas a palavra *místico* pode revelar aspectos da espiritualidade ou da vida além da morte do corpo, porque este mesmo tema se tornaria objeto de palestras de Bakhtin em Nevel, (Sériot, 2010) cidade em que, abrigado durante a crise econômica, participaria de círculos de estudos e debates.

Ao analisar os estudos sobre Bakhtin na década de 1980 nos Estados Unidos, Ollivier (1997) dedica especial atenção aos trabalhos de Clark e Holquist, que não escaparam das críticas de Bronckart e Botta (2012) que

acusam os dois de terem colaborado para a mitificação de Bakhtin no Ocidente. Ollivier, apoiando-se nesses dois autores, destaca, entre outros temas, a religiosidade, mas é importante evidenciar a defesa que fazem da autoria de Bakhtin da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e o esforço em conciliar as atividades dele, aparentemente religiosas, a princípios marxistas. Parecem ignorar o que ele mesmo dissera em suas poucas e evasivas respostas a seus entrevistadores ao repudiar sua filiação ao marxismo (Duvakin, 2008). Nas palavras de Ollivier (1997, p. 138),

Mas sobretudo Clark e Holquist defendem que Bakhtin é o autor. Rejeitando as objeções de pesquisadores para quem Bakhtin não poderia ter escrito textos marxistas, eles afirmam que as ideias religiosas de Bakhtin não eram incompatíveis com o marxismo, que os membros dos círculos religiosos que conheciam Bakhtin no início dos anos vinte queriam aliar a verdade cristã à sociologia marxista, reconciliar Cristo e o comunismo, e que a sua meditação neokantiana sobre as relações do eu e o outro tinham já um caráter social.

A obra de Clark e Holquist não escapa também de outras críticas, notadamente em relação ao exagerado destaque dado a uma certa “teologia disfarçada” (Ollivier, 1997) espalhada pelas obras bakhtinianas, mesmo entre aquelas de autoria disputada. Se a vida de Bakhtin parece nebulosa, as publicações a seu respeito não são menos conflitantes e polêmicas. Entretanto, nesse mar de contradições e de informações não há espaços, pelo menos em Bakhtin, para conciliar o marxismo com seu pendor para o mundo além da carne, porque seus próprios atos e suas próprias declarações o aproximavam

de movimentos religiosos e o afastavam de preocupações político-marxistas.

## As conferências e os debates em Nevel

Em 1918, com 23 anos, Bakhtin chegou a Nevel (a convite de um de seus amigos, Pumpianski (1893-1940) para fugir da crise que varria Petrogrado. “É lá que Vološinov conhece M. Bakhtin e um grupo de jovens refugiados talentosos, entre os quais o filósofo Matvej Kagan, o filósofo e especialista em literatura L. Pumpjanskij e a pianista, Judina.” (Sériot, 2010, p. 21). Nessa pequena cidade de dez mil habitantes situada na rota dos trens que iam da Rússia em direção à Polônia, Bakhtin fez parte, com outros que ali chegaram pelo mesmo motivo, entre os quais Volóchinov, de um conjunto de intelectuais em torno da figura de Kagan (1889-1937), kantiano que estudara em Magdeburgo, na Alemanha. (Tylkowski, 2012). Esse círculo, como tantos outros, fora formado em torno de um tema central. Em Nevel, o pensamento de Kant era o tema articulador. Judit Kagan, filha de Kagan, publica em 1981 um artigo, sob pseudônimo, em que

ela destaca o papel de seu pai Mateje Kagan na organização em 1918, em Nevel, do ‘seminário kantiano’ do qual participou Bakhtin, Vološinov, Pumpianskij, a pianista Marija Judina, o poeta, escultor e arqueólogo Boris Zubakin. (Tylkowski, 2012, p. 21).

Entretanto, os estudos já feitos em Petrogrado em outros círculos de natureza filosófico-religiosa não foram

deixados à margem dos debates. Alguns estudiosos de Bakhtin relatam esses acontecimentos dentro dos limites do que puderam descobrir em jornais publicados nessa época, porque nada de documentos, artigos, anotações ou apontamentos foram encontrados. Entre os estudiosos há destaque para as pesquisas feitas diretamente em documentos por Sériot (2010), e para as de Bronckart e de Botta (2012), e ainda para as de François (2012).

Em longa citação, Sériot (2010) recupera parte de um noticiário de um jornal revolucionário, o *Molot*, que jocosamente comenta uma noite de palestras dedicadas a temas religiosos ou que remetiam a discussões sobre a vida além da morte, em que não havia, segundo o autor da matéria, líderes tradicionais, mas novos líderes com as mesmas ideias do período anterior à revolução. Pumpianski se declarou cristão ortodoxo, não socialista, e discorrera sobre a relação entre o novo regime em formação e a Igreja. Bakhtin, por sua parte, defendeu a religião – chamada pelo articulista de ‘mordaca obscurantista’ –, admitiu apreciar o socialismo, abordou a necessidade de esse movimento não abandonar a reflexão sobre a morte do corpo, portanto, sobre a sobrevivência do espírito, sob pena de ser julgado pelo povo no futuro. As críticas do *Molot* foram ácidas e irônicas:

A bem da verdade, ouvindo-o discorrer, tinha-se a impressão de que estava prestes a se erguer e a ressuscitar o exército de mortos que jazem e apodrecem nas tumbas, e que eles iam varrer da superfície da Terra todos os comunistas e o socialismo que eles promovem. (Nevel’skaja, 1979: 274, apud Sériot, 2010, p. 33).

Sériot não tece comentários a respeito dessa performance de um Bakhtin que contava 23 anos, impregnado pelos círculos filosófico-religiosos de Petrogrado e pelo pensamento kantiano. Supostamente, seria a sua veia ocultista ou espiritualista que ainda podia ser publicamente exposta, cujas consequências viriam a se manifestar em 1928 com a sua prisão. Poder-se-ia estabelecer um elo entre a declaração dada por ele a Botcharov, de que se preocupara com o espiritismo, e esses primeiros debates públicos em Nevel, uma vez que o espiritismo de Kardec aborda não o conceito de ressurreição, difundido por algumas religiões cristãs, mas o de reencarnação e seu vínculo com o desenvolvimento moral e progressivo dos espíritos, ocupantes periódicos dos corpos humanos, como registra Kardec (2012 p. 121):

132. Qual é o alvo da encarnação dos Espíritos?

“Deus a impõe com a finalidade de fazê-los chegar à perfeição. Os Espíritos passam pela experiência da encarnação visando a objetivos; para uns é uma expiação; para outros, uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, devem sofrer todas as vicissitudes da existência corporal. Esta é a expiação. A encarnação tem também outro objetivo, que é o de colocar o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da criação. É para executá-la que, em cada mundo, toma um corpo, constituído de sua matéria essencial, a fim de nele cumprir as ordens de Deus. Desta forma, concorre ele à obra geral, avançando progressivamente.”

A ação de seres corpóreos é necessária à marcha do Universo, mas Deus, em Sua sabedoria, quis que, nessa mesma ação, encontrassem um meio de progredir e de aproximar-se Dele. É assim que, por uma lei admirável da

Providência, todas as coisas estão inter-relacionadas e tudo é solidário na Natureza.

Mas, como já alinhabei antes, todas as relações mantidas por Bakhtin o afastam do espiritismo e o aproximam de um espiritualismo sincrético, disperso, estreitamente vinculado ao que há na tradição do cristianismo da Igreja Ortodoxa Russa. Esses acontecimentos em Nevel (Tylkowski, 2012) foram também citados, mas sem comentários, por Todorov (1981), e retomados por François (2012) e Bronckart e Botta (2012), com base em Sériot (2010).

### As associações filosófico-religiosas

Com a intenção de destacar a diversidade das referências religiosas de Bakhtin desde a sua juventude e para registrar o seu distanciamento do espiritismo, informação por ele concedida a Botcharov (conforme a tradução para o francês), incorporo aqui registros de nomes e de sociedades com os quais ele manteve, por algum tempo, relações. Para isso, me servirei, primeiramente, de suas duas entrevistas aqui citadas e de outros estudiosos que fizeram esforços para desvelar essas zonas sombrias. Dennes (1997, p. 82) reafirma a relevância em destacar “certas correspondências entre os princípios que orientaram a obra de Bakhtin e certos dados da tradição espiritual da Rússia. Nós podemos ver aqui uma das razões que o levaram a privilegiar o contexto social e o dialogismo”.

Entre as pessoas, igrejas e sociedades com os quais manteve relações próximas, nenhuma foi tão marcante e

tão longa quando a com Alexandre Meyer, porque, com ele, Bakhtin esteve em Petrogrado, nos primeiros anos, depois em Nevel, e novamente em Petrogrado, quando ambos foram condenados pelo stalinismo, acusados de promoverem reuniões religiosas, campo condenado pelo regime (Sériot, 2010). Botcharov (1997) declara ter ouvido do próprio Bakhtin, em entrevista em 1972, referências de destaque a Meyer, cujos dados em nota de rodapé dessa obra, fornecidos pelo tradutor do russo para o francês, informam:

A.A. Meyer (1875-1939), pensador religioso, anima nos anos vinte em Leningrado o círculo “Ressurreição”. Preso em 1929 e condenado a dez anos no campo Solovki, depois no canal do Mar Branco-Báltico (Beilbatlag). Liberado em 1935, morre de câncer do fígado em 1939. (NdT). (Botcharov, 1997, p. 202).

Convém notar que ambos nasceram em 1875, portanto Meyer não tinha ascendência sobre o amigo por sua idade, mas por ser líder de um movimento. Bakhtin, inicialmente também condenado a dez anos, cumpriu apenas cinco, graças a sua doença crônica. Esteve em situação melhor que a de Meyer, inicialmente condenado à morte (Botcharov, 1997). Bakhtin disse a Botcharov que Meyer advogava a ideia de que era preciso “evitar misturar espiritualidade e política” e que para Bakhtin também, a “política não é uma esfera que esclarece a verdade”. (Botcharov, 1997, p, 202-203). Se há elos entre os dois, há também divergências, como aponta Botcharov, notadamente em relação à metafísica:

Os itinerários de Bakhtin e de Meyer são paralelos como suas filosofias, mas com diferenças significativas: de um lado, a metafísica declarada de Meyer, de outro, em Bakhtin, uma atividade dramática se completava em um meio de uma grande densidade humana, uma ontologia de mundo empírico com uma rejeição aberta à metafísica, mas esclarecida teologicamente, deixando entrever perspectivas metafísicas. (Botcharov, 1997, p. 203).

Quando estavam em Petrogrado, antes de ir para Nevel, tinham ambos perto de 22 anos. Suas preocupações religiosas estavam em comunhão com outros movimentos e círculos que engrossavam as discussões naquele período sobre a existência de Deus e o papel da religião na sociedade socialista em construção. Em Duvakin (2008), todavia, Bakhtin tenta se distanciar um pouco de Meyer, apesar de não negar a admiração que a ele dedicara:

E ali ensinava Meier [Instituto Legaff] e gozava de grandíssimo sucesso e influência entre os estudantes. Essencialmente era uma figura extraordinária. Extraordinária. E como pessoa era excepcional. [...] Conhecia-o muito bem, ele esteve em minha casa (eu nunca na sua), mas não dividia suas opiniões. [...] Aleksandr Aleksandrovich Meier era uma pessoa boníssima, honestíssima, que certamente não era capaz de fazer mal a uma mosca, mas tinha uma certa fórmula, que não justificava a violência, mas de algum modo... [...] se resignava à violência, à violência revolucionária. (Duvakin, 2008, p. 91-92).

Poucos anos antes da prisão, em carta de 1926 enviada a Kagan, que se encontrava então em Moscou,

Pumpianski revela proximidade entre eles, porque continuavam juntos no círculo de Meyer: “Todos estes anos, mas sobretudo neste, nós nos ocupamos com perseverança de teologia. O círculo de nossos amigos os mais próximos é o mesmo: M.B. Youdina, M.M. Bakhtin, M. I. Toubianski e eu mesmo.” (Todorov, 1981, p. 15). Do círculo de Meyer, chamado *Ressureição*, dele não faria parte Bakhtin, segundo as notas das conversas em Duvakin (2008), mas todos eram muito próximos e dele participavam amigos comuns, desde Nevel, como Iudina e Pumpianski. Há, pois, contradição entre o que dizia a carta de Pumpianski e as notas registradas na obra de Duvakin, baseadas nas declarações de Bakhtin, embora a carta não explicita de que círculo se tratava. Meyer deixou uma obra importante, publicada em Paris em 1982, na qual aborda questões de filosofia. Ele não era a única referência de Bakhtin nesses temas nos anos 1920, mas as demais, nomeadas mais adiante, tinham algo em comum, a saber, segundo Dennes (1997, p. 103), o debate em torno

do modo particular de ser da Rússia no Cristianismo, e, pelo Cristianismo, no mundo e na história. Não somente se criticava o mundo, determinado pelo homem tomando o lugar de Deus, mas opunha-se também a esse mundo um espaço em que a cultura se fazia depositária de valores religiosos tradicionais e juntava os homens em uma via de espírito. Os escritos de Meyer sobre a pesquisa de um novo tipo de comunicação entre os homens, baseado no diálogo e ação, fizeram eco às preocupações de Bakhtin na mesma época e remetem a essa linha diretriz que poderia permitir envolver toda a obra de Bakhtin. (Dennes, 1997, p. 103).

Essa observação de Dennes atribui a Meyer não apenas influências de natureza religiosa, mas também filosóficas, que forneceriam a Bakhtin, como a Volóchinov e a Medviédev, as fontes para a elaboração do conceito de dialogia, o de troca, que superaria o restrito conceito de comunicação no universo do estruturalismo. Certamente não foi uma fonte única nem a fundamental, porque todos eles bebiam nas águas de estudiosos da linguagem tais como Baudoin de Courtenay (1845-1929) e Lev Iakubinskij (1892-1945), professores de Volóchinov, especificamente nas águas do dialogismo.

Apesar de as discussões na organização *Ressurreição* liderada por Meyer terem exercido destacada influência na formação de Bakhtin, os pesquisadores encontraram outros nomes e outras organizações por onde ele passou, ou de quem e de quais pessoas se aproximou, principalmente nos anos que antecederam a sua prisão e o exílio. Embora muito citadas, não há, nas obras por mim consultadas, explicações a respeito da palavra *ressurreição* e da sua escolha para dar nome a um círculo. Há, de forma notória, a visão da Igreja a respeito da ressurreição do Cristo, como um renascimento para a vida terrena. Novamente tomando como referência a declaração de Bakhtin de que fora próximo ao espiritismo, observa-se clara contradição que pode explicar uma possível tradução equivocada da obra de Botcharov, porque o espiritismo não defende o princípio da ressurreição. Kardec revisita os evangelhos para apontar um equívoco no entendimento do conceito de reencarnação como ressurreição:

A *reencarnação* fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. [...] Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. (Kardec, 2013, p. 68).

Essa distinção feita pelo espiritismo estabelece claramente a linha fronteira entre os princípios da organização a que se vinculava Bakhtin sob o nome de *Ressurreição* e os preceitos do espiritismo. Em ordem mais ou menos cronológica, as obras pesquisadas fazem referência a uma gama variada de nomes, líderes religiosos antigos, também antigas e novas organizações, todas vinculadas aos movimentos cristãos ortodoxos e suas fissuras, com os quais Bakhtin de alguma forma manteve contato. São essas referências que serão agora apontadas nos próximos parágrafos.

Duas confrarias são citadas por Dennes (1997): uma que se chamava Santa Sofia, e outra denominada São Serafim de Sarov, além da de Meyer já comentada, mas nada mais há que ilumine ou dê ao leitor informações sobre as duas primeiras.

Buscas no mundo digital informam que Santa Sofia refere-se a templo construído na Turquia, onde se deu o cisma do qual se originou a Igreja Ortodoxa. O nome é uma adaptação para o latim da palavra grega *sabedoria* e representa homenagem ao *logos* encarnado em Cristo.

Esse dado estreita os vínculos de Bakhtin a segmentos da igreja ortodoxa russa. Por outro aspecto, Sofia, considerada uma santa do catolicismo, nasceu em Roma, por volta do ano 130 d.C. e ainda jovem se converteu ao cristianismo. O outro personagem, São Serafim, nasceu com o nome de Prokhor Moshnin (1759-1833) e foi monge em uma cidade chamada Sarov, na Rússia. Canonizado pela Igreja Ortodoxa em 1903, teria se tornado um mestre espiritual, acompanhado por estudantes, após ter tido uma visão de Maria. Registros de diálogos com seus seguidores deixam entrever o que pensava sobre a devoção ao cristianismo:

A oração, o jejum, as vigílias e outras atividades cristãs, tão boas quanto possam parecer em si, não constituem a finalidade da vida cristã, ainda que ajudem a chegar a ela. O verdadeiro objetivo da vida cristã consiste na aquisição do Espírito Santo de Deus. Quanto à oração, ao jejum, às vigílias, à esmola, e qualquer outra boa ação feita em nome de Cristo, são apenas meios para a aquisição do Espírito Santo. ([https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s\\_serafim\\_de\\_sarov.html](https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_serafim_de_sarov.html)).

Foram por essas portas que Bakhtin entrara aos 21 anos, em 1916, no mundo mais próximo das sociedades religiosas e filosóficas agregadas à Igreja Ortodoxa, portanto, longe de qualquer princípio do espiritismo. Dennes (1997), apoiando-se nos pesquisadores Clark e Holquist, refere-se ainda, nessa mesma época, a um outro nome: Merejkovski. E quem seria ele e por que dele se aproximara Bakhtin? Dados sobre a biografia de Dmitry Sergeyeovich Merezhkovsky indicam ter nascido em 1866 e morrido em 1941, no exílio em Paris. Foi poeta,

romancista, crítico literário e pensador religioso, autor de romances histórico-filosóficos, indicado algumas vezes para o prêmio Nobel. Exilado duas vezes, a segunda vez entre 1918 e 1931, se autodeclarara profeta com uma visão cristã apocalíptica. Em 1916 tinha 60 anos e Bakhtin 21. A governanta alemã da família de Merezhkovsky lhe contava contos de fada e também histórias de vida de santos, motivo por que desenvolveu uma fervorosa fé religiosa. Entre 1900 e 1903 organizou um grupo chamado Reuniões Religiosas-filosóficas para encontrar alternativas aos princípios da igreja oficial. Em 1907 fundou a Sociedade Religiosa-Filosófica. Merezhkovski apoiava-se, entre tantos outros princípios, em um que preconizava ser a revolução espiritual a que devia estar sempre à frente da revolução social. Mas havia ainda outro filósofo-religioso na vida do Bakhtin jovem e de seus companheiros nos círculos por eles frequentados. Era Zubakin.

Boris Mixajlovic Zubakin (1894-1937) participou com Volóchinov e com Bakhtin dos debates em Nevel, para onde fora antes dos dois amigos. É descrito por Sériot como “bispo da igreja de São João, cabalista, quiromante hierofante, [...] poeta, escultor, anarco-místico, livre-pensador e cristão.” (Sériot, 2015, p. 66). Foi membro da maçonaria, da Rosa-Cruz, onde se encontraria com Volóchinov para estudar ciências ocultas. Organizou uma biblioteca sobre ocultismo, magnetizou doentes, e quando os amigos foram para Nevel, lá fundou uma comunidade espiritual, que sonhava ser a dos Cavaleiros do Espírito, planejada com Volóchinov em Petrogrado, para onde voltou logo depois. Mesmo preso, teve autorização para ir ao enterro de Volóchinov em 1936, mas em 1938 foi

fuzilado durante o expurgo stalinista em que Medviédev também seria assassinado. (Sériot, 2015, p. 66).

A hipótese apontada no início deste capítulo, e que parece se confirmar, é a de que houve uma opção de tradução para o emprego da palavra espiritismo em vez de espiritualismo, porque essa distinção somente é feita com muita clareza, pelos estudiosos do espiritismo. Ao destacar as divergências, com as citações e referências de pesquisadores, creio ter esclarecido o equívoco causado pela tradução do russo para o francês, porque não houve mesmo preocupações em delimitar as fronteiras entre um conceito e outro.

As respostas dadas se encontraram com as minhas perguntas e talvez com as de outros leitores interessados por esse Bakhtin religioso, entre tantos outros perfis desvelados por outros pesquisadores. O que inicialmente eu queria descobrir era esse Bakhtin pouco conhecido e as suas ligações com as organizações de Santa Sofia, de São Serafim, de Meyer, de Merenkovski e de Zubakin, e qual teria sido a cultura religiosa de que se apropriara entre os seus 20 e 35 anos, reprimida por Stalin, que teria resultado em sua prisão.

## Em torno de Volóchinov

Pesquisas em torno da autoria do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* revelaram o perfil do nome Volóchinov que vinha inserido entre parênteses depois do nome de Mikhail Bakhtin, na primeira edição brasileira. Na segunda edição, com tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, com base na edição original de 1930, desaparece o nome Bakhtin, reaparece o nome inteiro de Volóchinov, mas há uma referência na capa (Círculo de Bakhtin), assim mesmo entre parênteses, como apontei na Introdução.

Sériot (2010, p. 47) no prefácio de MFL, com a intenção de elucidar as suposições criadas no Ocidente em torno do perfil de Volóchinov, afirma que “Valentin Vološinov não é um clone, nem um pseudônimo, mas um personagem bem real, de carne e osso, como todos nós”.

De início, as informações aqui apresentadas terão Sériot (2010) como referência. Segundo ele, havia poucas informações sobre Volóchinov, algumas genéricas e equivocadas, como as que diziam ter sido crítico literário, filósofo, linguista, musicólogo, poeta, e crítico russo materialista e fenomenológico, aluno de Bakhtin.

A seguir, seguem-se apontamentos biográficos encontrados em Sériot (2010), traduzidos e selecionados por mim.

Valentin Nikolaievic Vološinov nasceu em São Petersburgo, em 1896. Seu pai era advogado. Em 1913, com 18 anos, ingressou no curso de Direito, seguindo uma tendência familiar. Nessa época, ainda muito jovem, teve interesse despertado para as chamadas ciências ocultas, que, na verdade, veremos adiante, eram atividades ligadas ao movimento Rosa Cruz e à Maçonaria. Ensaiou também escrever algumas partituras musicais.

Sua vida se desarranja em 1917 quando o pai abandona a mãe, motivo que o obriga a abandonar os estudos para trabalhar e sustentar a si mesmo e a sua mãe. Ocupa primeiramente, em 1918, uma função equivalente à de presidente de colaboradores de um tribunal popular e depois a de secretário em um escritório de casos criminais. Os dois trabalhos tinham vínculo com os estudos em Direito que interrompera. Em 1919 se deslocou com a mãe, portadora de doença crônica, para a pequena cidade de Nevel, distante de São Petersburgo, a convite de um amigo de liceu chamado Bóris Zubakin, também participante da Rosa Cruz e da Maçonaria. Pouco depois contraiu tuberculose e por isso não serviu ao exército russo (Grillo, 2019).

Ao voltar da primeira guerra mundial, Zubakin se instala na cidade de Nevel e convida o amigo e sua mãe para deixarem São Petersburgo, já que viviam em situação economicamente difícil. Zubakin vivia em uma casa no campo, em uma comunidade com pintores, mas continuava adepto da Rosa Cruz e lá se instalaram o amigo e mãe. Zubakin torna-se membro da Sociedade científica de Nevel que se dedica a estudos de maçonaria no interior de um círculo místico filosófico, do qual faria parte também o amigo (Sériot, 2020). Com Zubakin preso

em 1920, o grupo se dispersa. Solto, volta a ser preso e é executado em 1938. Neste período em Nevel, Volóchinov conhece Bakhtin e outros intelectuais. Faz bicos na área artística e, a convite de Pavel Medviédev, formado em Direito, pesquisador de literatura, e prefeito da cidade de Vitebsk, para lá se desloca ainda em 1919 para trabalhar na área de teatro, música e literatura com apoio dos sindicatos de trabalhadores.

Novamente, tomo como referência o prefácio de Sériot à edição de MFL para compor, com outras peças, o mosaico que forma o conjunto da vida curta de Volóchinov. Nos parágrafos anteriores foram citadas, rapidamente, suas passagens por algumas organizações vinculadas às questões espirituais. A sociedade russa no começo do século XX, como a europeia ocidental, sofria a influência de algumas tendências, como mistérios esotéricos, crescimento da maçonaria e as reuniões espirituais que faziam mesas se movimentarem, as mesas girantes, pesquisadas na França por Leon H. D. Revail, que assumiu o apelido de Allan Kardec, dando origem à doutrina do Espiritismo.

Volóchinov era amigo de Bóris Zubakin, já citado, descrito por Sériot (2010) como bispo da Igreja de São João, cabalista, quiromante, hierofante, poeta, escultor, que também definia a si mesmo como anarco-místico, livre-pensador e cristão. Com 18 anos, estudante de liceu, organizou uma loja maçônica e nela incluiu seu amigo Volóchinov, com 17 anos. Com 19 anos, em 1913, Zubakin, Volóchinov e sua mãe, Lidjia Valerianovna Volosinova, passam a fazer parte da loja Rosa-Cruz de São Petersburgo. Em 1916, os dois amigos assumem a loja e se definem cristãos, fundadores da Ordem Espiritual e de uma escola-

instituto chamada *Lux Australis*, destinada a ensinar ciências ocultas. Entretanto, Volóchinov teve de assumir a loja em 1916, porque o amigo foi convocado para integrar o exército russo nos combates da primeira guerra mundial. Como único responsável, tomou algumas decisões: deu cursos de ocultismo e filosofia mística, magnetizou doentes e compôs uma biblioteca específica de livros sobre ocultismo. Ensaiou a fundação de uma Ordem de Cavaleiros do Espírito, em seu apartamento, cujos membros deveriam viver e orar em conjunto. Isso se passou entre 1913 e 1917. Em 1917 tinha 22 anos.

Em 1921 e 1922, Volóchinov viveu em Vitebsk, antes de retornar já casado a São Petersburgo com a intenção de retomar os estudos universitários, em decorrência de seus vínculos com as organizações culturais. Nessa cidade, dedicou-se à Teoria da Arte, especificamente literatura e música. Ensinou arte e tradições populares, história da dramaturgia e do teatro. Lá, Bakhtin e Volóchinov moraram juntos em um quarto alugado na casa de um médico. Ali Volóchinov conheceu a filha do médico, com quem se casou, e Bakhtin se enamorou de outra inquilina do imóvel, Elena Aleksandrovna Okolvic, com quem se casaria em junho de 1921. (Sériot, 2010).

Sériot incorpora em seu prefácio a MFL uma carta que Volóchinov endereçara ao reitor da universidade em Petrogrado com o objetivo de expor suas razões de retorno aos estudos. Alega que abandonara os estudos de Direito em 1917, porque não tinha dinheiro para pagar as taxas e que precisava procurar trabalho. Informa que em 1919 fora para Nevel e depois, em 1921, para Vitebsk onde permaneceu até 1922.

Em razão destas atividades, o sindicato dos trabalhadores em Arte de Vitebsk o encaminhou, em missão, para retomar os estudos em São Petersburgo, então Petrogrado, mas como não havia vagas em cursos de Artes, o sindicato o indicou para cursos de física e de matemática. Inconformado, argumenta que nos últimos anos tinha trabalhado com poesia e ensinado história e filosofia da Arte. Pede, por isso, que não seja inscrito em física e matemática, mas no departamento de literatura e de artes da Faculdade de Ciências Sociais. Acrescenta ao pedido, um outro: que seja matriculado no segundo ano, porque já teria formação anterior. Anexa, para justificar os argumentos o seu *currículo vitae*.

Entretanto, segundo Sériot, ele se vincula aos cursos de etnologia e linguística, áreas nas quais ele não tinha experiência. Debruça-se sobre os livros de psicologia, linguística e os que estudavam o marxismo. Mesmo assim, continuou ligado às atividades da arte, com publicação de poemas simbolistas e de estudos sobre músicos.

Sériot (2010) recorre a uma fonte, que ele considera importante, ou seja, o prefácio de N. Vasil'ev à primeira reedição das obras de Volóchinov em 1995. Por esta fonte, sabe-se que a Faculdade de Ciências Sociais na qual ingressara incorporava três outras: História e Filosofia, Línguas Orientais e Direito. O reitor era o linguista Nicolau Marr, que seria, posteriormente, muito citado em MFL. Nessa faculdade, no quarto ano, os estudantes organizavam seminários notadamente sobre ciências ideológicas.

Em 1924, ele conclui seus estudos, coincidentemente no ano em que Bakhtin retorna de suas estadas em Nevel

e Vitebsk. Voltam, então, a se reencontrar, mas Volóchinov já havia percorrido um bom percurso na universidade. Neste mesmo ano, inscreve-se no doutorado no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILAZV), que se dedicava a estudos literários e linguísticos, de orientação marxista, em oposição ao formalismo, então preponderante na intelectulidade russa.

Em seu currículo, conforme afirma Sériot (2010), ele informa estar desempregado. Vivia de bicos, dando aulas particulares em troca de refeições. Informa não ter vínculos com nenhum partido, exceto sua filiação ao sindicato de trabalhadores no campo das Artes. Em sua ficha de inscrição informou ter estudado Marx, Plekhanov e Bukharin (Grillo, 2019). É aceito no Instituto em 1925. Participou de um grupo que tinha como objeto pesquisas sobre metodologia dos estudos literários. O tema de sua pesquisa inicialmente era *A transmissão do discurso/palavra/enunciado do outro*, com orientação dos professores V. Desnickij (1878-1958) e N. Jakolev (1891-1975). Em 1926 se torna estudante sem bolsa, mas no ano seguinte passa a ser bolsista para que tivesse as boas condições para cumprir os trabalhos de seu doutorado.

Em nota de rodapé, Sériot (2010, p. 50), inclui trechos de seu relatório de atividades de 1926, nos quais informa ter feito mais de 100 palestras como voluntário em clubes de operários, museus, casas de cultura; fez também apresentações como pianista. Ainda não bolsista, queixa-se de não poder dedicar-se a sua pesquisa: “Sem ajuda do Estado, me vejo obrigado a passar a totalidade de meu tempo a um trabalho de divulgação científica, em detrimento de meu trabalho de pesquisa, que é para mim,

a minha verdadeira vocação.” Em 1929 escreve MFL, revisado e reeditado em 1930. Nesse ano, faz duas conferências nos seminários promovidos por seu orientador Desnikij. A primeira se chamava *A estrutura sociológica da vivência e da expressão* e a segunda *Ensaio da sociologia do gênero*. Antes, em 1928, tinha sido nomeado secretário da subseção de metodologia da literatura do Instituto. Máximo Gorki, em 1929, então responsável por uma revista literária, solicitou a Volóchinov e a seu orientador um artigo para publicação e faz um comentário, referindo-se ao primeiro como quem tinha acabado de publicar um livro interessante chamado *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Sériot, 2010).

Em 1930, o Instituto entra em crise, sofre transformações em sua estrutura e em 1932 foi fechado. Ainda em 1930, Volóchinov é indicado para o cargo de professor assistente de um outro Instituto, o Herzen, em Leningrado. Lá trabalha na formação de trabalhadores das Artes, de atores e de artistas. Mas, a tuberculose que o afligia deste os vinte anos voltou a atacá-lo seriamente. Passava períodos em sanatórios e em hospitais e aos 41 anos, em 13 de junho de 1936, faleceu no sanatório de Tsárskoie Sieló (Grillo, 2017). Deixou inacabado, segundo Sériot (2010), a tradução do alemão para o russo do primeiro volume do livro de Ernst Cassirer chamado *Filosofia das formas simbólicas*.

Grillo (2019, p. 11) afirma a respeito da vida de Volóchinov:

Apesar de termos encontrado várias informações inéditas e esclarecedoras sobre a atuação de Volóchinov, o próprio material impossibilitou a construção de uma narrativa

acabada sobre esse período da vida do autor, uma vez que nos deparamos com lacunas e perguntas sem respostas, que mantivemos nas nossas conclusões.

Grillo se refere ao período em que Volóchinov estudou no ILIAZV em São Petersburgo. A ele são atribuídos a autoria de *O Freudismo: um esboço crítico, Marxismo e Filosofia da linguagem*, ensaios e poemas. Grillo (2019) os traduziu no livro *A palavra na vida e a palavra na poesia*. A pesquisadora publicou também seis relatórios escritos por Volóchinov, no período em que esteve no ILIAZV, que se tornam fontes importantes de consulta para pesquisadores.

## Em torno de Medviédev

Três são os nomes mais citados de amigos que se reuniram em momentos e cidades distintas na Rússia dos anos 1920, para discutir conceitos em literatura, filosofia, psicologia e, sobretudo, linguagem. Posteriormente, na segunda metade do século XX, alguns estudiosos, como era muito comum no leste europeu, escolheram esses três nomes para dar a eles o nome de um círculo, como foram criados na época também o Círculo Linguístico de Praga ou o Círculo Linguístico de Moscou. Os três nomes foram agrupados em um círculo que recebeu o nome de Círculo de Bakhtin. Além de Bakhtin, que teve seu nome emprestado ao círculo, outros dois são citados: P Medviédev e Volóchinov. Nas primeiras páginas, cuidamos de Bakhtin e de Volóchinov. E hora de dar créditos a Medviédev.

Para introduzir dados e comentários a seu respeito, terei como referências dois artigos publicados no Brasil pela revista *Bakhtiniana*. O primeiro é do único filho de Medviédev, Iúri Pávlovitch Medviédev e de sua esposa, Dária Aleksándrovna Medviédev; o segundo é do especialista nesse campo, o britânico Craig Brandist, que publicou um obituário quando da morte de Iuri, em 2013. A terceira referência será a nota biográfica escrita por seu filho na obra *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, de autoria de Medviédev

publicada no Brasil pela editora Contexto em 2012, traduzida por Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo.

Pavel Medviédev nasceu em 1891 em São Petersburgo e morreu fuzilado pela repressão de Stalin em 1938, na mesma cidade, já chamada Leningrado, quando seu filho tinha apenas um ano e três meses de idade. (Brandist, 2013). Adulto, seu filho, graças às atividades intensas do pai, o entendeu como teórico e historiador da literatura, crítico literário, professor universitário e filólogo. Essa sequência de funções sociais, entretanto, apresenta-se reduzida diante do desempenho do pai ao longo de sua curta vida de apenas 46 anos, notadamente suas atividades políticas e às ligadas ao direito e ao teatro itinerante. Suas informações registram que seu pai concluiu o curso de Direito em 1909 e frequentou outros cursos nas áreas de História e de Filologia. Em 1915 atuou no front da primeira guerra mundial como soldado e como jornalista. Dedicou-se a escrever artigos sobre poetas e escritores russos, como Gógol, Tolstói, Block, Púchkin, publicados em importantes revistas. Nessa época, filiou-se ao partido socialista-revolucionário, mas logo o abandonou. Em 1917, deixou o exército e lançou-se nas atividades políticas como vereador e prefeito da cidade de Vitebsk. Após a revolução de outubro, fundou a Universidade Popular, tornou-se reitor e professor, dirigiu peças teatrais e convidou intelectuais, entre eles o pintor Marc Chagal, Volóchinov e Bakhtin, para participarem das iniciativas culturais que viriam a ser chamadas de *Renascença de Vitebsk*. A partir de 1920, entretanto, apenas os dois últimos permaneceram na cidade.

É neste período, graças às discussões com Medviédev, então reitor-professor da Universidade, que Bakhtin se inclinou em direção da estética verbal, especialmente em relação à literatura de Dostoiévski, cujas obras eram temas de seminários ministrados por Medviédev, que em 1922, retornou a Petrogrado, de onde viera para Vitebsk. Lá dirigiu a companhia de Teatro Itinerante, escreveu, dirigiu revistas e ministrou seminários e palestras. Publicou poemas de poetas conhecidos, entre os quais de seu amigo Volóchinov, e dedicou-se a estudar a obra de Aleksandr Block. A publicação desses estudos o projetou no cenário cultural russo.

Tornou-se, segundo seu filho o fundador de uma teoria da literatura, em oposição ao método formal, conhecida como poética sociológica. (Medviédev, 2012). Foi ele o responsável pela publicação da obra sobre Dostoiévsky, porque Bakhtin já se encontrava na prisão. Iuri Medviédev (2012) afirma que “os trabalhos de Medviédev conseguiram lançar os fundamentos da “ciência das ideologias”, de uma poética sociológica, de uma teoria do gênero e da futura semiótica”. (Medviédev, 2012, p. 252). Passou a ser conhecido nos meios literários como o destruidor do método formal. Nos anos 1930 dedicou-se às atividades como professor. Em 1936 foi a Saransk, Moldávia, onde tornou-se diretor de uma Universidade. Neste posto, novamente ajudou Bakhtin, que lá cumpria pena, convidando-o para lá lecionar.

Em 1938, contudo, chegaram os tempos sombrios. Ele

foi preso e fuzilado em lugar desconhecido por participar de uma ‘organização antissoviética’ mítica”. O arquivo do estudioso foi confiscado. Seus livros foram retirados das

bibliotecas. O livro *Formálnyi miétod* (O método formal) foi liberado do 'depósito especial' somente em 1987, mas no início dos anos 1960 ele já foi publicado como microfilme em uma universidade dos Estados Unidos. Trabalhos não publicados de Medviédev foram confiscados e destruídos. (Medviédev, 2012, p. 254).

As mãos poderosas da ditadura stalinista destruíram a sua obra. Na segunda metade do século XX, passou a ser conhecido apenas como um membro obscuro de um tal Círculo de Bakhtin. A história, contudo, demonstrou que, graças a ele, Vitebsk tornou-se a terra fértil da qual saíram os conceitos que revolucionaram a linguagem. O ostracismo ao qual foram relegados ele e seu amigo Volóchinov, cujas vidas foram ceifadas na meia idade, levou-os ao desconhecimento pelo Ocidente, onde Bakhtin se tornou o protagonista entre o três.

Em um questionário encaminhado para uma instituição, Medviédev (Medivédev, 2012) registrou que ele, e, supostamente, seus amigos, não publicavam livros porque esperavam melhor elaboração dos conceitos com o avanço nas discussões entre eles. Mais velho e por ter exercido muitas funções na área da literatura e do ensino, Medviédev teria sido precursor de alguns conceitos, como registram seu filho e sua nora:

Medviédev iniciou a sua crítica da "estética material" antes de encontrar Bakhtin e antes do surgimento de OPOIAZ. No programa de suas palestras de 1919-1920 já aparecem os "polos da palavra" e as categorias de "avaliação", assim como os "métodos do pensamento prosaico"; na descrição da ideologia do criador, ele já esboçou a filosofia do signo, sendo que isso ocorreu muito antes do aparecimento dos

livros *O método formal e Marxismo e filosofia da linguagem*, tão essenciais para a futura semiótica; a essência ontológica da "comunicação" tornou-se fundamental para o seu pensamento muito antes de ele conhecer a filosofia de Bakhtin, assim como as obras ocidentais sobre a "teoria da comunicação"; em *O método formal* (assim como em *O formalismo e os formalistas*, publicado em 1934) foi desenvolvido o "panorama" da teoria da arte ocidental que lhe era contemporânea" (Medviédev; Medviédev, 2014, p. 36, destaques no original.)

No mesmo artigo acima citado, os dois autores lamentam o fato de a voz de Pavel Medviédev ter sido silenciada na época e esquecida posteriormente pelos estudiosos. A voz de Bakhtin sobressai em relação aos outros dois amigos. Mas, escrevem eles,

A voz científica de Medviédev poderia ser reconhecida com facilidade, se uma parcela significativa de sua obra não tivesse sido atribuída a Bakhtin e se os seus primeiros textos fossem reeditados e levados em consideração, como aconteceu com os textos dos arquivos e os documentos de seus colegas. Se isso fosse feito, pela lógica do "cooperativo dos intelectuais", Medviédev seria o pioneiro no estabelecimento dos critérios básicos de "conceito geral da linguagem e da obra discursiva". (Medviédev; Medviédev, 2014, p36-37).

Pável Medviédev permanece ainda pouco conhecido e reconhecido mesmo entre os que estudam a obra de Bakhtin e de Volóchinov, apesar dos esforços do seu filho, Iuri, morto em 2013.

Quando da morte de Iuri, Craig Brandist (2013), estudioso da vida e da obra de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev escreveu um obituário publicado no Brasil pela Revista Bakhtiniana. Nele, Brandist conta que ele se sentia muito ofendido pelo fato de pesquisadores considerarem seu pai como um medíocre aluno de Bakhtin. Iuri projetou-se nas artes, principalmente no cinema, mas também dedicou seu tempo a um objetivo com a ascensão política de Khrushchev (1894-1971) que sucedeu a Stálin (1878-1953). Tornou-se membro da União dos Escritores e editou uma coletânea das obras do pai chamada *No Laboratório do Escritor*, em 1960 e em 1971. Isso somente foi possível porque Khrushchev abrandou a censura, reconheceu a ditadura de Stalin e anistiou os que tinham sido mortos durante o regime. Com esta anistia, Iuri Medviédev pôde consultar as obras confiscadas do pai e publicá-las. (Brandist, 2013).

Em relação às divergências a respeito da composição do chamado Círculo de Bakhtin, Brandist (2013, p. 255) afirma:

Enquanto fazia questão de estabelecer a contribuição independente de seu pai, seu foco principal era o de resistir a todas as tentativas de "monologizar" o Círculo como um fenômeno intelectual que apresentava Bakhtin como a única fonte de pensamento criativo e seus interlocutores como destinatários mudos de sua sabedoria.

Graças ao filho, órfão de pai com pouco mais de um ano de idade, e ao afrouxamento da censura soviética, Medviédev passou, a partir dos anos 1960, a ser lido na Rússia. No Brasil, o seu livro de crítica do método formal

foi publicado somente em 2013. Mesmo assim, continua pouco lido e pouco debatido, como também Volóchinov, em virtude do protagonismo atribuído a Bakhtin por pesquisadores de renome.

O próximo capítulo cuidará dos conceitos de diálogo e de monólogo na manifestação concreta da linguagem, isto é, nos enunciados. Estarão em diálogo Vigotski (1898-1938), Bakhtin, Volóchinov, Jakubinskij (1892-1945), e o sociólogo Sorokin (1889-1968), que será apresentado com a ajuda de Tylkowski (2012).



## Diálogo e monólogo

Há, entre os estudiosos, brasileiros e estrangeiros, um desejo sempre anunciado, mas pouco efetivado, de aprofundar pesquisas em direção a conceitos aproximados entre Lev Vigotski (1898-1938), Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Valentin Volóchinov (1895-1936).

Aqui no Brasil, Freitas (1994) já dera importante contribuição com o seu estudo sobre a entrada das ideias de ambos no Brasil, nos anos 1980 e 1990, notadamente no campo da Educação. Quase trinta anos depois, novas publicações atualizam e cuidam com mais rigor do pensamento de Vigotski, de um lado, e de outro, de algumas obras, entre as quais *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), atribuída a Bakhtin na primeira edição brasileira, que recebeu em 2012, no mundo francofônico, outra tradução, agora em nome exclusivo de Valentim Vološinov.

No Brasil, em abril de 2017, a editora 34 colocou no mercado editorial uma nova tradução, diretamente do russo, feita por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Compõem o volume um esclarecedor ensaio introdutório de Sheila Grillo e um anexo com o Relatório de Atividades de Volóchinov, de 1927-1928, com o planejamento em capítulos de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Alterados o cenário e seus atores, parece ser necessário retomar os pontos de aproximação e de distanciamento entre alguns conceitos que se cruzam, se

tocam e se afastam na obra dos dois pesquisadores, encontrados em *Pensamiento y Lenguage*, edição da espanhola Visor, (1997) de Vigotski, e em *Marxisme et Philosophie du Langage (MPF)*, de Vološinov, edição em francês, tradução do russo por Tylkowski-Ageeva e Patrick Sériot, e *A estrutura do enunciado* (1981), tradução para o francês de Tzvetan Todorov. Esta referência será mantida, mesmo após a publicação da nova edição traduzida por Sheila Grillo, que também será referência em alguns trechos.

A hipótese de que existam traços conceituais próximos entre eles se baseia fundamentalmente no fato de que ambos viveram na mesma época, no mesmo país, embora não na mesma cidade. Enquanto Volóchinov estudava em São Petersburgo, Vigotski pesquisava em seu laboratório em Moscou. Tanto em uma cidade como na outra, o clima cultural, político, científico e econômico era o da revolução que penetrava mais em certos círculos que em outros, no vasto mundo das ciências humanas. É nesse contexto que Vološinov (2010) dá seus passos para a formulação do que considerava uma visão marxista dos estudos de linguagem, ao afirmar categoricamente na primeira linha do prólogo de MFL que “não existe até estes dias nenhuma obra de orientação marxista em filosofia da linguagem (Vološinov, 2010, p. 115). Apesar de categórica, a afirmação não se sustentou; tombou ferida por outros estudiosos da época, entre os quais a linguista russa, dele contemporânea, Rozalia Shor (1894-1939), que não via sua obra como essencialmente marxista (Tylkowski, 2012).

De seu lado, Vigotski ensaiava também a elaboração do que considerava ser o caminho para elaboração de

uma psicologia objetiva, de natureza social, necessária para estudar o homem projetado pela nova ordem sócio-econômica, na qual considerava como um dos temas importantes a relação entre pensamento e linguagem. O tema que vai me interessar são os seus escritos sobre linguagem, especificamente sobre monólogo e diálogo, por ser este o tema comum entre ele e Volóchinov a ser aqui abordado.

Por essa razão, o ponto de partida será o contexto em que respiravam e a efervescência científica nesse campo na Rússia, entendido este contexto como as discussões que se desenrolavam no mesmo período nas instituições científicas, e as obras e autores que podem ser “fontes de inspiração e de reflexão para um pesquisador e cujo conhecimento é indispensável para interpretar seus trabalhos”. (Tylkowski, 2012, p. 12).

Vološinov (2010) e Vigotski (1997), por terem respirado os mesmos ares intelectuais e políticos da Rússia revolucionária, não deixaram de tocar em dois conceitos fundamentais na área dos estudos de linguagem: a dialogia e a monologia. Para o primeiro, o diálogo se caracteriza pela troca verbal, que materializa, nas interações humanas, o enunciado, objeto por ele eleito como o nuclear em todo o seu trabalho de investigação sobre linguagem. Para o segundo, os dois conceitos ganham relevância em seus estudos sobre a transformação da linguagem exterior, dialógica, em linguagem interior, que, ao ser objetivada, tende a ocupar instâncias de natureza monológica.

Para entrar por esse labirinto, convém inicialmente tomar como guia os estudos de Tylkowski a respeito da biblioteca virtual de Volóchinov, e de encontrar nela

algumas convergências com os comentários feitos diretamente por Vigotski, especificamente no que concerne aos primeiros esboços elaborados por um de seus mestres e também de Volóchinov, Lev Jakubinskij (1892-1945). Apesar de idades muito próximas – Jakubinskij nascera em 1892 e Volóchinov em 1894 – o primeiro ocupava a função de professor no Instituto de Línguas e Literaturas do Oriente e do Ocidente (ILJaZV, sigla em russo) em Petrogrado/Leningrado/São Petersburgo, onde o segundo realizou seus estudos de doutorado. Na obra organizada por Sériot (2010), uma nota introdutória do relatório acadêmico de 1925-1926 de Volóchinov (na verdade, era a estrutura e o primeiro esboço do que viria a ser MFL) registra que junto ao documento foram encontrados relatórios “dos professores J. Jakubinskij (1892-1945) e V. Desnikij (1873-1958), atestando suas qualidades como pesquisador e marxista confirmado”. (Sériot, 2010, p. 469).

Assumindo, no entanto, o princípio de que todas as pesquisas compõem um infindável diálogo, torna-se necessário avançar um pouco mais em direção a outros pesquisadores que fizeram do diálogo o objeto de sua atenção e que se tornaram, por essa razão, também fontes de Jakubinskij e de Volóchinov, entre os quais se destacam o russo-americano Sorokin (1889-1968) e seu conceito de *fato social*, e Roberty (1843-1915), russo de origem franco-espanhola.

Ao retomar as abordagens de Volóchinov ao tema, Tylkowski (2012) evidencia a noção ampla de diálogo, desde uma conversação direta entre indivíduos, a já conhecida expressão *face a face*, como também toda troca verbal oral ou escrita, em situações imediatas, ou

distanciada no tempo e no espaço. Essa amplitude em relação ao diálogo a distância fora formulada por Roberty e Sorokin que, segundo Tylkowski, insistiam no

caráter permanente, ininterrupto da interação social. Vološinov amplifica essa ideia. Ele encontra a troca, o diálogo, em tudo o que cada um diz, escreve ou pensa. Para Vološinov, tudo é dialógico, tudo é troca de réplicas, ou de ações e de relações segundo Roberty e Sorokin. Fora das trocas imediatas do cotidiano, são dialógicos o discurso de um orador, as aulas de um professor, as reflexões que se faz em voz alta, a leitura de um texto (Vološinov, 1930<sup>a</sup>: 68, 97) e mesmo o discurso interior. (Tylkowski, 2012, p. 231).

As situações citadas, caracterizadas como dialógicas, apesar de alargadas, são ainda insuficientes e restritivas em relação à amplitude que o conceito adquire em Vološinov (2010) e em um de seus mais conhecidos interlocutores, Mikhail Bakhtin (2003).

Em seu Relatório de Atividades de 1927-1928 (2012, p. 511), Vološinov insiste afirmar que

O diálogo, no sentido estrito do termo, é uma das formas (a mais importante, certamente) de interação verbal. Mas pode-se compreender o diálogo de modo mais largo, incluindo aqui não somente uma troca verbal em voz alta, face a face, mais ainda toda troca verbal de qualquer tipo que seja. Um livro, quer dizer uma *intervenção verbal impressa*, é também um elemento de troca verbal.

O vínculo com Sorokin, nesse campo, embora seu conceito fosse mais estreito, permanece quase obscuro nos escritos volochinovianos. Tylkowski (2012) estabelece

outras relações entre Sorokin e Vološinov: para eles, a interação é compreendida como “influência recíproca dos participantes, dito de outra maneira, como um processo pelo qual os sujeitos se influenciam mutuamente sobre o comportamento, ideias e sentimentos que eles experimentam.” (Tylkowski, 2012, p. 232). Esse ponto de vista é fundamental porque é a pedra de toque do diálogo compreendido como uma manifestação que afeta os interlocutores, um processo em que um somente dá o que tem pela linguagem se o outro fizer o mesmo. O diálogo assim concebido é troca, é um escambo feito com linguagem.

Esse movimento entre monologia e dialogia é encontrado com frequência em Volóchinov. Ao elaborar a conhecida crítica ao pensamento saussuriano, ele afirma, na tradução francesa, versão de Tylkowski-Ageeva e Sériot (2010) que

*A realidade efetiva da linguagem [jazyka-reči] não é um sistema abstrato de formas linguísticas, nem um enunciado monológico isolado, nem um ato psicofisiológico de realização do enunciado, mas o evento social de interação verbal, realizado no enunciado e nos enunciados. É a interação verbal que constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (Vološinov, 2010, p. 319). (Em itálico no original)*

Sob influência de seus estudos partilhados com Jakubinskij sobre Sorokin, Volóchinov, neste trecho, insiste em dois aspectos de extrema importância para o desenvolvimento de suas convicções sobre linguagem. O primeiro se manifesta ao definir qual é o seu objeto de estudos – o enunciado –, considerado por ele como “a

realidade efetiva da linguagem”, isto é, a manifestação concreta e viva da linguagem; o segundo, ao defender a natureza dialógica da linguagem verbal, e negar, com veemência, sua natureza monológica. O objeto de sua pesquisa poderia assim ser delimitado: são os estudos sobre o enunciado, considerado como a realidade da linguagem, de natureza dialógica, criado em eventos de troca verbal, em que as palavras de um impactam a consciência do outro. Necessário é destacar, ainda, o trecho acima citado, agora na tradução brasileira de MFL (Bakhtin (Volóchinov), 1988, p. 123), derivada da primeira versão francesa, traduzido de forma equivocada ao substituir, principalmente, *enunciado* por *enunciação*:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação*, ou das enunciações. Interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (itálico no original).

A importância do cotejo entre as duas citações reside no consequente desvio do objeto de Volóchinov, porque a “verdadeira substância da língua”, ou ainda melhor “a realidade efetiva da linguagem” seria, para ele, o enunciado, em vez da enunciação (como consta na primeira versão brasileira), criado na interação verbal, de natureza dialógica em todos os seus sentidos.

Para esclarecer um pouco mais esses vínculos e também a superação de algumas proposições de Sorokin feitas por Volóchinov, alguns parágrafos merecem ser a

eles dois dedicados, tendo como referência os estudos de Tylkowski (2012), para quem Sorokin abre as portas a Volóchinov dos estudos do *fato social elementar*, entendido como interação entre os indivíduos, e o *fato social complexo*, compreendido como interação entre os grupos sociais. Este estudioso voltará a ocupar, no final deste livro, papel importante na análise do conceito de mediadores, por este motivo, alguns trechos de suas afirmações serão oportunamente retomados.

Sorokin argumenta que o conjunto de todos os tipos de interação social constitui a vida social. (Tylkowski, 2012). Essa interação social é concebida como “um processo ao longo do qual ‘as experiências psíquicas vividas [*psixiceskie perezivaniija*] ou os atos exteriores [*vnesnie akty*] de um indivíduo se trocam em função das experiências vividas e dos atos exteriores do outro (ou de outros) indivíduo(s).’ (Sorokin [1920] 1993: 102).” (Tylkowski, 2012, p. 217). Tylkowski sugere que a visão de fato social de Sorokin se aproxima da de Bukharin (1888-1938), mas a vejo no cenário de seus vínculos com o pensamento de Volóchinov, pleno de metáforas, como a do mar, que adiante se pode observar, em recortes da citação de Sorokin a respeito da concepção de vida social. (apud Tylkowski, 2012, p. 219):

[...] Dito de outra forma, cada um de nós está mergulhado em um mar humano. Suas ondas vêm constantemente bater em nosso organismo sob a forma de palavras, de contatos psíquicos, de movimentos, de golpes, de atos percebidos pelos órgãos olfativos, da vista, da audição, de tocar o corpo por todos os lados. Eles nos forçam a eles reagir sem cessar por palavras, por gestos, por movimentos

de pés, de todo o corpo, por uma série de esforços, de atos, em suma, por um conjunto de atos simples e complexos, difíceis e fáceis, dolorosos e agradáveis, etc. (Sorokin [1920] 1993:164).

Não o mar, mas o oceano, não as ondas, mas o banho nele, também foram recursos metafóricos de Volóchinov para explicar a natureza ideológica do signo exterior e sua relação com o signo interior na formação da consciência:

De outro lado, todo fenômeno ideológico no curso de sua formação passa pelo psiquismo como instância necessária. Deve-se repetir: todo signo ideológico externo, qualquer que seja sua natureza, está banhado por todos os lados pelos signos internos, quer dizer a consciência. Ele nasce desse oceano de signos internos e ele continua a viver aí, porque a vida do signo externo é constituída pelo processo constantemente renovado de sua compreensão, de sua experimentação na vida, de sua assimilação, quer dizer, do fato que se o introduz de maneira nova no contexto interior. (Vološinov, 2010, p. 185).

Vigotski também usa metáforas para abordar a constituição da consciência por meio da linguagem verbal:

A consciência se reflete na palavra como o sol em uma pequena gota d'água. A palavra está para a consciência como o microcosmo está para o macrocosmo, como a célula para o organismo, como o átomo para o universo. Ela é o microcosmo da consciência. A palavra significativa é o microcosmo da consciência humana. (Vygotski, 1997, p. 346-347).

Curiosamente, Sorokin afirma que as ondas de um mar humano atingem o homem em forma de palavras; Volóchinov entende que o signo exterior se banha no oceano da consciência e ali se renova; e Vigotski eleva a palavra a uma gota d'água na qual a consciência é refletida; os três pesquisadores se banham no universo das metáforas aquáticas e atribuem à palavra o estatuto fundamental de signo constituinte da consciência.

Em dois enunciados na citação de Sorokin, via Tylkowski (2012), o conceito de *palavra* ganhou destaque nesse imenso conjunto de interações sociais por ele esboçado: de um lado, ela, a palavra, vai em direção ao outro; por outro, ela vem, a partir de quem a recebe, em direção a quem a lança, como reação à palavra anterior, todas elas ligadas umas às outras pela situação extraverbal que as envolve, ou, metaforicamente, pelo mar e suas ondas. As palavras trocadas fazem parte dos mediadores a que se refere Sorokin, compreendidos como “fenômenos que permitem interagir não somente as pessoas que se encontram em presença física imediata, mas também aquelas que estão separadas do ponto de vista espacial e temporal” (Tylkowski, 2012, p. 219).

Em nota de rodapé, tão importante que deveria vir no corpo do texto, Tylkowski aprofunda suas observações sobre o conceito de mediadores em Sorokin que, curiosamente, aproxima-se de posições tomadas por Vigotski em relação à escrita vista como um simbolismo. Em Vigotski a palavra, em sua condição de signo, ocupa uma função mediadora na relação entre os homens, e ainda outra, a função constitutiva do pensamento, como está também em Sorokin:

Sorokin designa por *mediadores* os *símbolos* ou os *signos* que ele define como as “formas externas de todo pensamento [mysl] e de todo ato consciente.” (Sorokin, 1910: 10). Os “símbolos” ou os “signos” são as manifestações “materiais” ou a objetivação dos fenômenos psíquicos e do pensamento. [...] Sorokin concorda por analogia com a ideia de Humboldt retomada por Potebnja, segundo a qual *a palavra humana é inteiramente simbólica* desde que ela exprima o pensamento, que “a vida social não é outra coisa senão simbólica” ou um *processo de troca de símbolos de símbolos*. Se Sorokin faz a distinção entre “símbolos” e “símbolos de símbolos” (ou símbolos de segundo, terceiro grau, etc.), em *O sistema de símbolos*, ele opõe “mediadores físicos” e “mediadores simbólicos”. (Tylkowski, 2012, p. 220).

Preocupado em não perder o fio condutor, mas provocado pelo cotejo de afirmações entre alguns dos pesquisadores russos aqui citados, entendo ser boa curiosidade científica, cotejar o último período do trecho de Sorokin com estes de Vigotski, quando este analisa a relação entre a linguagem escrita e a linguagem oral, notadamente a sua natureza simbólica e as relações entre símbolos:

A situação da escrita é uma situação em que a pessoa a quem ela se dirige ou está ausente, ou não se acha em contato. Trata-se de uma linguagem-monólogo, de conversação com uma folha de papel em branco, com um interlocutor imaginário, ou que se imagina, enquanto toda situação de linguagem oral é uma situação de conversação. A situação da linguagem escrita é uma situação que exige da criança uma dupla abstração: a do aspecto sonoro da linguagem e a do interlocutor. Nossa investigação mostra que aí se encontra a segunda das principais dificuldades

em que tropeça o aluno ao assimilar a linguagem escrita. Evidentemente, a linguagem sem som real, que a criança imagina e pensa, que exige uma simbolização dos símbolos sonoros, quer dizer, uma simbolização de segunda ordem, deverá ser tão mais difícil em relação à linguagem oral como é para a criança a álgebra em relação à aritmética. (Vygotski, 1997, p. 230).

Claramente percebe-se que Sorokin não envereda em direção à linguagem escrita e seus símbolos mediadores, porque a sua atenção se dirige essencialmente para o “processo de troca de símbolos de símbolos”, isto é, considera símbolos de primeiro grau e outros de segundo grau, mediadores todos no vasto campo da vida social. Vygotski, todavia, ao que parece, se apoia nesse mesmo princípio para considerar os mediadores da linguagem escrita, isto é, os signos, como “símbolos de segunda ordem”, como símbolos de símbolos, uma relação entre símbolos de linguagem escrita e símbolos da linguagem oral, de ordens diferentes, ou de graus diferentes, como consta na terminologia de Sorokin.

Volóchinov também se mete nessa discussão, logo no início do primeiro capítulo de MPL, ao estabelecer os limites dos símbolos e o nascimento dos signos: “o pão e o vinho tornaram-se símbolos religiosos nos sacramentos cristãos de comunhão. Mas um produto de consumo enquanto tal não é um signo” ou, ainda, que “toda imagem artístico-simbólica à qual o objeto físico pode dar nascimento é já um produto ideológico”. (Vološinov, 2010, p. 129). Esses comentários resvalam em direção aos de Sorokin, principalmente ao considerar símbolos e signos como mediadores na vida social, e ao fazer

referência às categorias de mediadores físicos e de mediadores simbólicos.

O que importa, sobretudo, é constatar esses vínculos, do mesmo modo que é possível encontrar a expressão *fato ideológico e social* em Vološinov, quando este anuncia a consciência individual como de fato social, sem ver, nesta assertiva, nenhum traço de contradição. Ao fato social de Sorokin, Vološinov atribui outro traço: o ideológico:

*A consciência individual é um fato ideológico e social. Enquanto esta tese e todas as consequências que dela resultem não forem reconhecidas, não se poderá construir nem uma psicologia objetiva, nem uma ciência objetiva das ideologias. (Vološinov, 2010, p. 135). (Itálico no original).*

Volóchinov não se apropria integralmente das categorias *fato elementar* e *fato complexo*, de Sorokin acima citados, mas, como observa Tylkowski (2012), se aproxima daquilo que revela o fato complexo, por conceber todas as manifestações humanas como dialógicas, pelo viés de uma visão monista, orientadora de suas posições a respeito da linguagem. No trecho citado, essa visão, aparentemente paradoxal, se manifesta, ao concluir que a consciência individual não é estritamente individual, mas um fato de natureza ideológica, isto é, um fato mergulhado nas águas da criação ideológica e das trocas sociais situadas no universo da superestrutura. O termo *fato* revela a realidade dos atos exteriores dos homens trocados nas interações sociais, ou nas trocas sociais, nas quais um dá e recebe, alterando-se nessa troca, nesse escambo mediado pelos signos. Daí resultar a afirmação categórica

de Volóchinov de que a consciência é um fato ideológico e social.

Passamos até aqui por conceitos de interação social, de vida social, por fato social, de palavra como mediadora dos fatos sociais, para então encontrarmos essa palavra em um infundável diálogo, materializada em enunciados, na concepção de Volóchinov. Tylkowski retoma essa ligação entre eles e deles com o linguista russo Ščerba, referência de Jakubinskij a respeito do diálogo:

O diálogo é “a forma mais natural da linguagem” (Jakubinskij 1923: 132-139; Vološinov, 1930<sup>a</sup>: 69). Presente nos dois pesquisadores, essa ideia foi desenvolvida diferentemente por cada um. Vološinov aceita essa ideia como uma evidência, enquanto Jakubinskij a justifica longamente, evocando Lev Scerba que [...] opôs *diálogo* e *monólogo* como formas “natural” e “artificial” de troca verbal. Jakubinskij aprova essa distinção. (Tylkowski, 2012, p. 234). (Itálico no original).

Segundo Tylkowski (2012), para Volóchinov o monólogo não existe, já que se trata de pura abstração. Esta negação se explica pelo princípio de que o enunciado é a manifestação concreta da troca verbal, razão que o leva a se materializar no diálogo e a tornar-se, para Volóchinov, objeto de estudos de natureza objetiva. Para melhor compreender os vínculos entre Ščerba, Jakubinskij, Volóchinov e Vigotski, creio ser necessário consultar diretamente o que pensam os três últimos.

## O diálogo e o monólogo: aproximações e distanciamentos entre mestres e discípulos

Por beber nas águas do mesmo contexto intelectual dos estudos de linguagem no qual Jakubinskij e Ščerba, eram figuras de referência, Vigotski também elege a natureza dialógica e monológica do discurso como tema de seus estudos. Esses dois autores são por ele diretamente citados, especificamente ao assumir o princípio de que o diálogo seria a forma natural de linguagem, enquanto o monólogo teria uma forma mais elaborada e complexa, conceitos que tomavam em Ščerba, a denominação de natural e artificial, respectivamente. O princípio do conceito de complexidade já estava em Sorokin, como vimos antes e vai ser retomado também por Jakubinskij e por Vigotski. Este último afirma que

Ščerba, assinala que o diálogo é a forma natural de linguagem oral. Supõe que o monólogo é, em grande medida, uma forma de linguagem artificial e que a língua manifesta sua verdadeira natureza no diálogo. Com efeito, de um ponto de vista psicológico, a linguagem dialogada é a forma primária de linguagem. Yakubinski expressa o mesmo pensamento, dizendo que o diálogo, que constitui indubitavelmente um fenômeno cultural, é, ao mesmo tempo, um fenômeno mais natural que o monólogo. Para a investigação psicológica, é indubitável o fato de que o monólogo representa uma forma de linguagem mais elevada, mais complexa, de desenvolvimento histórico mais recente que o diálogo. (Vigotski, 1997, p. 327).

Ele incorpora, deste modo, em seus estudos sobre a linguagem oral e sobre a linguagem escrita, o pensamento

de Ščerba sobre a importância do diálogo como instância de constituição e de materialidade primeira da língua, e com Jakubinskij retoma o caráter cultural do diálogo como instância onde ele tem origem. São pontos de partida fundamentais de seus estudos para atribuir à linguagem verbal o seu caráter histórico e o cultural, e, por essa razão, mais próximos ao que é natural, diferentemente da instância monológica de linguagem, resultante de um processo de apropriação e transformação da linguagem exterior em linguagem interior a ser objetivada durante o processo dialógico. É também por isso que Vigotski assume, no final do trecho citado, fora de qualquer dúvida, o fato de que o monólogo vem após o diálogo no processo de histórico de criação.

Pelos sinais indicados por Vigotski, nos dirigimos diretamente a Jakubinskij para lidarmos com o que ele diz a respeito do tema, apoiado em seu mestre Ščerba, cujos estudos o levaram a se preocupar com o diálogo, considerado como o ponto de partida dos estudos da linguagem verbal, tanto para ele, quanto para Vigotski. Volóchinov elegeria, a partir do diálogo, o enunciado como seu objeto de investigação, como já foi dito. No início do capítulo IV do livro *Sobre a fala dialogal* (2012), Jakubinskij remete-se diretamente a Ščerba, para atribuir a ele a primazia das primeiras observações sobre a relação entre diálogo e monólogo:

Os linguistas mais atentos, sobretudo os que se ocupam dos dialetos vivos, tomaram sempre consciência de que não se pode deixar de considerar uma “teoria” do diálogo e do monólogo. É, sobretudo, o professor L.V. Ščerba, que, em sua obra *O dialeto sarábio oriental*, sublinhou a

importância de distinguir as formas dialogal e monologal para a análise dos fenômenos de linguagem. (Jakubinskij, 2012, p. 93).

A partir dessa introdução, Jakubinskij faz longas citações de Ščerba, para, em seguida, comentá-las e aprofundá-las como neste caso em que explica a relação do diálogo com o conceito de interação:

Na essência, toda interação entre indivíduos é mais precisamente uma *inter*-ação. Por sua natureza, ao buscar evitar a unilateralidade, ela esforça-se para ser bilateral, “dialógica” e foge do “monólogo”. (Jakubinski, 2012, p, 95. Itálicos no original).

A distinção feita por Jakubinskij atribui ao monólogo o caráter da unilateralidade, enquanto concede ao diálogo o sentido da bilateralidade constituinte da interação, cujas “ondas batem em nosso organismo sob a forma de palavras” como afirmava Sorokin. Entretanto, o diálogo admitiria manifestações diferentes da situação face a face, com a emissão de réplicas orais ou escritas trocadas intensa e rapidamente, mas que se manifestam no que ele considera como fala interior, conceito também discutido por Vigotski. Nas palavras de Jakubinskij:

Esse fenômeno de réplicas se exprime na fala interior que acompanha a escuta de uma “exposição”. Ele se materializa frequentemente sob a forma de notas traçadas num papel, e os “debates que se seguem são apenas uma realização sistemática, ou, às vezes, fragmentária, do fenômeno de réplicas interiores acompanhando a recepção de um monólogo. (Jakubinskij, 2012, p. 89-89).

Jakubinskij admite que uma apresentação oral dirigida a uma plateia, entendida como um evento de natureza monológica, suscita réplicas explícitas ou não. Entre as não-explícitas se encontram os diálogos de fala interior, não exteriorizados, resultantes da intenção do ouvinte de se posicionar em relação ao discurso monológico ouvido; as explícitas são anotações em um papel. Volóchinov não vai admitir uma apresentação como um monólogo, mas como uma réplica a outros discursos, em uma cadeia enunciativa sem fronteiras. Para ele não há espaços para o discurso monológico. Enquanto Jakubinskij aceita e aprofunda a dicotomia de Ščerba, Volóchinov a rejeita parcialmente, mas aprofunda e alarga a concepção dialógica da linguagem. Vigotski, todavia, entende a objetivação do discurso interior como uma instância monológica do processo dialógico, notadamente a escrita, considerada altamente monológica em sua manifestação exterior.

Para explicar o caráter natural do diálogo e o artificial do monólogo anunciados por Ščerba, Jakubinskij destaca o caráter convencional da dicotomia:

De qualquer forma, não há dúvida para mim de que a utilização dos termos “natural” e “artificial” em relação ao monólogo e ao diálogo tem um caráter convencional. No final das contas, o monólogo e o diálogo são manifestações naturais de tal ou tal sistema social, como são naturais as próprias causas do monólogo e os fatores externos que determinam suas condições de realização. Pode-se afirmar que o diálogo tem um caráter natural, essencialmente no sentido de que ele corresponde, como alternância de ações e reações, aos fatos sociais de interação nos quais o social se aproxima o mais perto possível do biológico

(psicofisiológico). Se o diálogo é um fenômeno da “cultura”, ele é, tanto quanto ou mais do que o monólogo, um fenômeno da “natureza”. (Jakubinskij, 2012, p. 101).

De certo modo, ele considera as duas manifestações naturais com uma nuance apenas que os distancia, porque o diálogo incorpora o caráter natural apenas por se aproximar dos fenômenos da natureza, do ato natural, quase fisiológico, de um dizer e de o outro responder. Ao ampliar o conceito de diálogo, Volóchinov praticamente ignora o comentário de seu mestre. Em *A estrutura do enunciado*, no tópico em que aborda o discurso monológico e o discurso dialógico, Vološinov insiste, segundo Tylkowski (2012, p. 235), que o monólogo é apenas uma abstração, porque toda “expressão verbal faz parte de uma troca, de um diálogo que está onipresente na vida social de todo indivíduo.” Para comprovar sua afirmação, Tylkowski recorre diretamente ao texto de Vološinov. Aqui, nos parece necessário cotejar duas traduções para o francês sobre o diálogo, do mesmo trecho, com o intuito de evidenciar variações conceituais, especialmente em relação ao termo *troca* [(*échange* (francês) e *obščenie* (russo))]. A primeira a ser transcrita é a de Todorov (1981) e a segunda de Tylkowski (2012), mas é preciso considerar, entretanto, possíveis deslizos de minha tradução de ambas do francês para o português. O foco, todavia, permanece sendo o conceito de diálogo e de enunciado. Em Todorov (1981):

Considerando o processo segundo o qual se formam esses pequenos gêneros cotidianos, nota-se que a relação discursiva onde eles aparecem e tomam forma acabada se

divide em dois momentos: a enunciação, que é feita pelo locutor; a compreensão do enunciado pelo ouvinte, a qual contém sempre já os elementos de resposta. Com efeito, em condições normais, nós estamos sempre de acordo ou em desacordo com o que se diz: e nós trazemos, de ordinário, uma resposta a todo enunciado de nosso interlocutor – resposta, que não é sempre verbal, e pode consistir ao menos em um gesto, um movimento de mão, um sorriso, um aceno com a cabeça, etc. Pode-se então dizer que toda comunicação, toda interação verbal se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, quer dizer na dimensão de um diálogo. O diálogo – a troca de palavras – é a forma mais natural de linguagem. (Voloshinov, 1930 In Todorov, 1981, p. 292).

Em Tylkowski (2012):

A troca verbal [...] se compõe de dois elementos: o enunciado do locutor e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte. Este último contém sempre já os elementos de resposta. Com efeito, em condições normais, *nós estamos sempre de acordo ou em desacordo com o que nós ouvimos*. Habitualmente, nós respondemos a todo enunciado de nosso interlocutor. Se nossa resposta não é sempre verbal, ela consiste ao menos em um gesto: um movimento de mão, um sorriso, um aceno com a cabeça, etc. Pode-se dizer que toda troca (*obščenie*), toda interação verbal se realiza sob a forma de *uma troca [obmen] de enunciados*, quer dizer sob a forma de diálogo. O diálogo – a troca verbal – é a forma mais natural da linguagem. (Vološinov, 1930<sup>a</sup>: 68-69). (Vološinov apud Tylkowski, 2012, p. 235-236). (Itálicos no original).

As duas versões, embora diferentes em alguns termos mais adiante analisados, destacam o princípio de Volóchinov de que não há espaços para realização concreta do monólogo, porque todas as manifestações verbais solicitam trocas, ou pelo verbo, ou por outros signos, mas há sempre troca. Por essa razão, o diálogo é a base sobre a qual se funda a linguagem, e a troca verbal de enunciados é a sua manifestação concreta. O emprego de *échange* (em francês) para o conceito russo *obščenie* revela mais do que uma escolha de palavras: revela a tomada de outro conceito, o de *comunicação por troca verbal*, e sua relação com a dicotomia monólogo/diálogo. Adiante este tema será retomado. Por ora, convém ressaltar em ambas as versões a ligação estreita de Volóchinov com o pensamento de Jakubinskij e de Ščerba, no último período do trecho citado, diferentes apenas pelo uso da expressão *troca de palavras* (*mots* em francês) em Todorov, e *troca verbal* em Tylkowski, mas a visão sobre o diálogo permanece a mesma: “o diálogo é a forma mais natural da linguagem”.

Diferentemente do que assumiria Volóchinov sobre a abstração do monólogo, Jakubinskij dá a ele existência concreta:

Do mesmo modo, às formas *alternantes* da interação, as quais subentendem uma troca [*échange*] rápida de ações e de reações entre os indivíduos, corresponde a *forma dialogal* da comunicação verbal. Quanto à forma *longa* de ação endereçada para alguém, quando da comunicação, é a *forma monologal* que a ela corresponde. (Jakubinskij, 2012, p. 77. Itálicos no original).

Ou, ainda, a relativiza a sua existência apartada do movimento dialógico:

É de se notar que mesmo a recepção de um monólogo escrito (um livro, um artigo) provoca interrupções e réplicas, em certos casos no pensamento; em outros casos, em voz alta, ou ainda por escrito, sob a forma de sublinhas, anotações nas margens, folhas inseridas etc. (Jakubinskij, 2012, p. 101).

Ao admitir que o artigo e o livro sejam manifestações monológicas, apesar de provocadoras de respostas, de réplicas, Jakubinskij torna-se fonte próxima e acrítica de Vigotski, mas, por outro lado, submete-se à visão mais crítica elaborada por Volóchinov: o primeiro por entender que a escrita é uma instância monológica constituída pela transformação da linguagem exterior em interior em movimento de objetivação, e o segundo por considerar a monólogo pura abstração, já que o enunciado, unidade fundamental das trocas verbais, se apresenta sempre em situações dialógicas, em qualquer instância.

Convém voltar aos dois trechos de Volóchinov citados para comparar alguns termos de duas traduções – a de Todorov e a de Tylkowski, para melhor ser compreendido o próprio movimento dos conceitos e sua evolução nas versões para o francês. No primeiro trecho, o de Todorov, logo no início, revela-se mais inteira a referência a gêneros do discurso, resultantes das manifestações discursivas quotidianas e de sua materialização, sua forma acabada. Tylkowski, em sua versão para o francês, por outro lado, vai diretamente à noção de diálogo, compreendido como troca verbal, com

a intenção de fazer eclodir dois de seus elementos constitutivos: o enunciado do locutor e o enunciado responsivo do ouvinte que assume o turno de locutor, ambos são locutores e ouvintes em situação de troca verbal. No primeiro trecho, entretanto, Todorov, em sua tradução, utiliza o termo *enuniação* (*enunciation*) em vez de *enunciado* (*énoncé*) na primeira formulação, ao se referir ao ato do locutor, mas *enunciado*, na segunda, ao referir-se à compreensão pelo ouvinte. Tylkowski, de seu lado, usará sempre *enunciado*, porque foi esse efetivamente o objeto de estudos de Volóchinov, tanto é que o título do artigo a que se reporta o trecho chama-se *A estrutura do enunciado*. O tradutor brasileiro e estudioso da obra de Bakhtin, Paulo Bezerra, reconhece em sua última tradução de *Os gêneros do discurso* (2015), que Volóchinov não tem mesmo a enuniação como objeto, mas o enunciado, um objeto concreto, sujeito a pesquisas de natureza objetiva. Ao usar o conceito de troca verbal, Tylkowski (2012) como Sériot e Tylkowski-Ageeva (2010), o emprega em lugar de *comunicação*, utilizado por outros tradutores e mesmo por Todorov no trecho citado. Na versão de Todorov, lê-se que “pode-se então dizer que toda comunicação, toda interação verbal se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, quer dizer na dimensão de um diálogo”, enquanto Tylkowski-Ageeva e Sériot destacam o conceito de troca e de interação verbal (*obščenie*) e de troca de enunciados (*obmen*): “Pode-se dizer que toda troca (*obščenie*), toda interação verbal se realiza sob a forma de *uma troca [obmen] de enunciados*, quer dizer sob a forma de diálogo.”

Tylkowski-Ageeva e Sériot (2012) preferem traduzir *obščenie* por *échange* para o francês (*troca*, em português),

em vez de empregar *communication* (comunicação, em português), porque esta última palavra faz parte de outro campo teórico, de uso mais recente, no domínio da Teoria da Comunicação, derivada dos estudos estruturalistas do século XX e, é possível então compreender, se aproxima mais do conceito de monólogo do que do de diálogo. Os argumentos dos tradutores são expostos na nota *d* na *Introdução* de *Marxisme et Philosophie du Langage* (2010) para o francês:

A palavra *obščenie* pode corresponder a “comunicação” ou por “troca”. Daí “troca ideológica”: Vološinov utiliza sempre a palavra *obščenie* e não *kommunikacija*, que ele emprega apenas uma vez, para explicar a noção de mensagem (MPL, p. 88). Essa oposição é muito presente na vida intelectual russa. Por *kommunikacija* compreende-se uma troca entre duas entidades estáveis e individuais, que não se modificam ao curso dessa troca (grosso modo, elas trocam sem trocar), enquanto *obščenie* é compreendida como o campo da existência de “sujeitos” que não existem fora dessa troca e separadamente um do outro. *Obščenie* é formada a partir de *obščij* [comum a um conjunto unitário], enquanto *kommunikacija* designa uma troca que sublinha a diferença, a ruptura. De outra parte, *obščenie* designa uma atividade bem mais ampla que a simples comunicação, compreendendo a produção, o trabalho comum, as relações humanas, tornando-se praticamente sinônimo de *obscestvo* [sociedade], enquanto *kommunikacija* está limitada ao domínio verbal, ou linguageiro [...]. É por isso que nós propomos “échange” (troca) e não “communication” (comunicação), que evoca mais a moderna teoria da comunicação, sistematicamente criticada por Vološinov e Bakhtin a propósito do “esquema da fala”, da p. 27 do CLG

(Curso de Linguística Geral) de Saussure. (Sériot, 2010, p. 123. Itálicos no original).

A edição brasileira de MFL, baseada na primeira tradução francesa da década de 1970, emprega apenas o termo *comunicação*, sem entrar na discussão sobre a ambiguidade do termo *obščenie*, como fazem, cautelosamente, Tylkowski-Ageeva e Sériot. Seus argumentos, todavia, consideram o contexto da intelectualidade russa nas primeiras décadas do século XX e, sobretudo, a coerência entre esse conceito e todo o amplo universo dos estudos do assim considerado círculo de Bakhtin de que fizera parte Volóchinov. Entretanto, deve-se considerar que se trata de uma escolha feita por tradutores em uma obra específica. Isso tem implicações para o conceito de diálogo, porque nele não há rupturas, como na comunicação, mas trocas que afetam locutores e interlocutores, tal como afirmava Sorokin a respeito da natureza do fato social. A tradução brasileira de Grillo e Américo (2017, p. 99) traz também uma nota a respeito da referência à palavra comunicação em um trecho assim traduzido: “Além disso, existe um campo enorme da comunicação ideológica que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica. Trata-se da *comunicação cotidiana*.” (Itálico no original). E nota de rodapé, as tradutoras explicam as escolhas: “O termo utilizado é *obschênie jíznennoe*, que literalmente seria “comunicação da vida”. Optamos por “cotidiana” por ser o termo que melhor expressa o fenômeno tratado, isto é, as interações que ocorrem no dia a dia.” O mesmo trecho na tradução de Sériot e Tylkowski-Ageeva (2012, 139) é assim traduzido: Enfim, existe um imenso domínio de troca ideológica que

não coincide com nenhuma esfera ideológica particular. Trata-se da *troca na vida cotidiana*.” (Itálico no original). Esta última tradução não opta por comunicação em nenhuma das duas referências no trecho, diferentemente da primeira.

## Outras aproximações entre Jakubinskij e Vigotski

A apreciação que Vigotski faz do conceito de diálogo e de monólogo se aproxima estreitamente do que afirmava Jakubinskij, diferentemente das posições mais críticas de Volóchinov. Dois trechos, a respeito da natureza mais complexa do monólogo escrito e da naturalidade do diálogo, construídos pelos dois estudiosos, se tocam com expressões e palavras. De início, registro a fonte, Jakubinskij, e, em seguida, o discípulo, Vigotski. Para evitar longas citações, faço recortes específicos para evidenciar a proximidade entre eles. Em Jakubinskij:

Contrariamente à simplicidade da composição do diálogo, o monólogo apresenta certa *complexidade de composição*. O fato de o material ser disposto de modo complexo tem um papel de grande importância e introduz os  *fatos verbais no campo claro da consciência; a atenção se concentra mais facilmente neles. [...] A fala monologal escrita deve ser ainda mais fortemente oposta à fala dialogal*. Aqui desaparecem as mímicas, os gestos, a entonação, a percepção direta do interlocutor e as especificidades de compreensão que a ela estão ligadas e que caracterizam a fala dialogal e, em certa medida, a fala monologal oral. (Jakubinskij, 2012, p. 107. Itálicos no original).

Em Vigotski:

Este [o ato volitivo] se constata no diálogo através de uma simples observação. Com efeito, diferentemente do monólogo (especialmente o escrito), a comunicação dialogada prevê a possibilidade de expressão imediata e não premeditada. O diálogo é uma linguagem composta de réplicas, uma cadeia de reações. A linguagem escrita, como temos visto, está relacionada com o princípio da consciência e da intencionalidade. O diálogo oferece quase sempre a possibilidade de deixar a expressão sem terminar, de fazê-lo de forma incompleta. Não requer mobilizar todas as palavras que seriam necessárias para expressar o mesmo pensamento complexo em situação de linguagem monológica. Diferentemente da simplicidade composicional do diálogo, o monólogo supõe uma complexidade quanto a sua estrutura, o qual atrai sobre os atos de linguagem o foco da consciência, concentrando mais atenção neles. No monólogo, as relações verbais se convertem em determinantes, em fontes de sensações, se fazem presentes na consciência por elas mesmas. Está muito claro que a linguagem escrita é o reverso da linguagem oral. Nem os interlocutores compartilham a situação de antemão, nem há possibilidade alguma de recorrer à entonação expressiva, à mímica, ao gesto. (Vygotski, 1997, p.327-328).

Vigotski segue fielmente os escritos de Jakubinskij, quase próximo mesmo a uma paráfrase em certos trechos, ao abordar a complexidade do monólogo, notadamente a linguagem escrita. A oral, por seu turno, se confunde com o diálogo em sua materialidade sonora e na hibridização entre palavras e seus acompanhantes visuais como a mímica, os gestos manuais, faciais e corporais, e, ainda, a

entonação, de natureza sonora ou axiológica, no sentido que dá Volóchinov a este último conceito. A composição do monólogo, talvez mais o escrito, e menos o oral, estruturado este último praticamente com palavras sonoras, é diferente do diálogo, em Jakubinskij; Vigotski acentua essa distinção ao afirmar que o monólogo “supõe uma complexidade quanto a sua estrutura, o qual atrai sobre os atos de linguagem o foco da consciência”, deixando de usar outros recursos visuais e sonoros que não a palavra, o enunciado. Tanto em um como em outro, o diálogo ganha contornos mais nítidos como uma manifestação face a face, conceito restritivo para Volóchinov e para Bakhtin. Logo mais, insiro trechos de citação, alguns dos quais serão retomados em capítulos posteriores, porém com outros destaques conceituais.

Na sequência da argumentação, novamente Vigotski bem se aproxima de sua fonte, no entrecruzamento das análises sobre a manifestação monológica, característica da escrita, e seu processo interno de construção em direção a sua objetivação sobre a superfície dos suportes exteriores. O primeiro trecho é de Jakubinskij:

A tendência natural de examinar o que se escreve e nele fazer correções se manifesta mesmo nos casos simples como uma breve exposição ou bem uma resolução a um objeto de uma petição; é isso que explica também o uso do “rascunho”. A passagem do “rascunho” a “limpo” é a via de uma atividade complexa; mas, mesmo na ausência de um rascunho real, a reflexão está sempre fortemente presente na fala escrita. Frequentemente, de início se enuncia “na cabeça” e em seguida se escreve: aqui estamos na presença de um “rascunho mental”. (Jakubinskij, 2012, p. 109).

E este segundo, de Vigotski:

A linguagem escrita ajuda que a linguagem se desenvolva em uma forma de atividade complexa, e aí o uso de rascunhos. O caminho desde o rascunho e a escrita definitiva é o caminho dessa atividade complexa. Incluída sem rascunho material, a reflexão prévia é muito importante na linguagem escrita: com muita frequência dizemos primeiro para nós mesmos, e depois escrevemos; neste caso existe um rascunho mental. Esse rascunho mental da linguagem escrita é, como mostramos no capítulo anterior, a linguagem interna. A linguagem interior desempenha esse papel de rascunho mental, não só na linguagem escrita, mas também na oral. (Vygotski, 1997, p. 328).

Ambos, mestre e discípulo, atribuem complexidade à linguagem escrita, com acento em seu caráter monológico, porque haveria, antes de sua objetivação, elaborações internas feitas e refeitas, rascunhadas, apagadas, rasuradas, e, enfim, reelaboradas para serem projetadas materialmente na superfície dos suportes, de acordo com o modo como compreende Jakubinskij, para quem “a fala escrita é uma fala fixada durante sua realização; o resultado é, portanto, algo que permanece, uma obra.” (Jakubinskij, 2015, p. 85). A escrita ganharia mais complexidade no monólogo, porque o diálogo do cotidiano, no mundo da oralidade, é construído e lançado de chofre, velozmente, pelo locutor em direção ao interlocutor, como acentua Vigotski:

A rapidez do ritmo da linguagem oral não favorece o curso da atividade verbal como atividade volitiva complexa, isto

é, mediante reflexão, deliberação e escolha. Pelo contrário, essa rapidez implica o seu desenvolvimento em forma de um ato volitivo simples, com elementos característicos dos hábitos. (Vygotski, 1997, p. 327).

Se para ambos o monólogo ganha existência concreta em oposição ao diálogo pela complexidade de sua construção, para Volóchinov todas as manifestações orais de um discurso ou de uma exposição, ou as escritas de um artigo ou de um livro, são manifestações dialógicas, porque se incluem numa infundável e inacabável cadeia dialógica historicamente tecida.

Este percurso a respeito dos conceitos abordados atribuiu destaques a um tema dos estudos de linguagem frequentemente discutido, como em artigos que relatam pesquisas feitas com metodologia da língua materna. Nestas, os gêneros e suas múltiplas manifestações têm recebido atenção dos pesquisadores. Por essa razão, o tema da dicotomia, ou da falsa dicotomia, diálogo/monológico entra em cena. O fio condutor dos comentários arrastou consigo os pontos de vista de pesquisadores russos do início do século XX sobre a temática, especificamente em alguns apontamentos de Vygotski e de Volóchinov.

Não expostos de maneira explícita, alguns outros objetivos serviram também como orientadores do percurso. Um deles tinha o intuito de desvelar trechos de Vygotski e de Volóchinov em relação estreita com o pensamento de Sorokin e de Jakubinskij para que o leitor pudesse compreender a infundável rede de adesões e de contrapontos conceituais construída por pesquisadores em torno do diálogo. Neste caso, não se considera os

materiais escritos como manifestações monológicas, mas profundamente dialógicas. Tanto Vigotski quanto Volóchinov não inventaram conceitos em sua inteireza, porque os reelaboraram a partir dos estudos de seus mestres.

A segunda intenção, não claramente explícita para o leitor, era a de insistir em destacar os trabalhos de Jakubinskij, ainda pouco conhecidos no Brasil, por meio da obra organizada por Ivanova (2012), pelas pesquisas feitas por Tylkowski (2012), e pelos textos deles publicados em francês. A terceira intenção era de levar um pouco o foco em direção à palavra russa *obščenie* que causou, e causa, controvérsias em traduções para o francês e para o português.

Finalmente, este conjunto de apontamentos e de trechos pode ser considerado de natureza dialógica porque se insere em uma ampla área do conhecimento, dialoga com autores deslocados no tempo e no espaço, dá-lhes voz, escuta-os, os põe em diálogo e com eles também dialoga. A abundância de trechos citados revela essa perspectiva, a de dar voz aos pensadores e colocá-los em debate.

No capítulo seguinte, o tema será a linguagem interior e rascunho mental. Novamente estarão em diálogo os estudiosos citados anteriormente, e, com a ajuda de Tilkowski (2012), insiro conceituações de Pagodin (1872-1947) e Ščerba, (1880-1944). Relembro o leitor que algumas citações deste capítulo serão retomadas com o intuito de dar destaque a outros conceitos, que se cruzam uns com os outros, nessa imensa rede em torno da linguagem.



## Linguagem interior e rascunhos mentais

A linha de cruzamento entre o tempo e o espaço, entre o cronos e o topo, localiza o pesquisador em seu lugar político-geográfico, em seu canto no mundo e no seu país, em sua classe social, de onde olha para o movimento do pensamento humano e para suas criações com a intenção de sempre analisar possíveis reposicionamentos nos campos da investigação. Há um lugar e um tempo delimitado nos anos e nas décadas do século em que vive. É nesse cruzamento entre o tempo e o lugar que me aproximo do tema a ser aqui abordado, isto é, a concepção do objeto a ser ensinado e apropriado pelos estudantes brasileiros – a linguagem escrita, os atos de ler e os de escrever que a ela dão existência e que por ela se dão a conhecer, notadamente os atos a serem aprendidos no ensino fundamental.

Alguns princípios necessitam, de partida, serem esclarecidos e para isso não devo apenas registrar quais serão as concepções sobre o objeto, seu ensino e sua aprendizagem, mas é preciso registrar o que não vai entrar no cenário das discussões e das argumentações neste capítulo. Para atender a este apontamento é necessário enfatizar que a língua, como um sistema organizado morfológica e sintaticamente, não será o objeto, nem mesmo a linguagem escrita quando isolada e

destacada dos atos humanos de ler e de escrever. São ela e os atos humanos, indissolivelmente ligados, que se tornam o objeto.

Ao não considerar a língua como objeto separado dos atos humanos, não há razão para dedicar atenção aos estudos dirigidos para a classificação dos elementos constitutivos da língua. Ao contrário, são os atos humanos com a linguagem escrita – os atos de ler e de escrever – que passam a ocupar o centro das atenções. A linguagem escrita é concebida como o instrumento cultural privilegiado que propicia as trocas sociais e, por essa razão, impulsiona o desenvolvimento da consciência, de um ponto de vista teórico, dos estudantes e da sua consciência de classe, e, em decorrência dessa formação, é ampliada a qualidade de sua intervenção na vida social e impulsionado seu desenvolvimento intelectual.

Em virtude da minha intenção de desfocar a atenção do objeto-língua para redirecioná-la para o objeto atos humanos vinculados à linguagem escrita, será crucial me deslocar também para outros cruzamentos entre tempo e lugar para me encontrar com os fundamentos teóricos das teses anunciadas, especialmente com um conceito elaborado por Jakubinskij (1892-1945) e retomado por Vigotski (1896-1934), em trabalhos divulgados havia cem anos na Rússia: o de *rascunhos mentais* criados pelo homem durante o ato de escrever. Entretanto, a análise de atos de tentativas de escrever solicita um olhar para certos princípios para dar-lhes tratamento teórico, a saber: 1. A linguagem é apropriada pela criança em sua relação com os outros homens, portanto, tem um percurso do exterior para o interior que resulta na formação da linguagem interior e do pensamento verbalizado a ser objetivado nas

relações humanas de troca social; 2. A linguagem escrita faria, possivelmente, o mesmo percurso, do exterior para o interior, em processo de apropriação, e do interior para o exterior em processo de objetivação; 3. A apropriação da linguagem escrita se faria pelos enunciados concretos e seus sentidos plenos de cultura, portanto, pelo ato de ler e de seus rascunhos; 4. Os humanos atos de ler trabalham com a escrita da linguagem escrita e não podem ser dela separados; 5. A objetivação da linguagem escrita, apropriada pelos atos de ler, se concretizaria nos atos específicos de linguagem escrita, isto é, nos atos de escrever alinhavados com rascunhos mentais específicos.

Para debater e observar as dobras destes princípios, será necessário revisitar os conceitos de enunciado e sua natureza monológica e dialógica, tal como os comentam Jakubinskij (2012), Vigotski (1997; 2001; 2012) e Vološinov (2010). Por serem aqui considerados os atos de ler e de escrever como atos humanos de troca sociocultural com a linguagem escrita, é necessário que sejam admitidos como objetos de aprendizagem.

Para atender aos princípios expostos e aos princípios registrados no enunciado anterior anuncio o percurso deste tópico. Os temas anunciados serão entrelaçados uns aos outros, mas o primeiro, por ser nuclear, cuidará do conceito de *rascunho mental*. Esse conceito mapeia aspectos do processo mental do ato de ler e o de escrever e se articula com dois outros, o de *diálogo* e o de *monólogo*, comentados aqui pelos olhares de Jakubinskij (2012) e Vološinov (2010). Essa abordagem, por articular o conceito de diálogo com o de troca e com o de rascunho mental como aspectos de um movimento de apropriação e de objetivação do enunciado, estabelece elos entre os

conceitos de *linguagem interior* e de *linguagem exterior* analisados ora por Vigotski, ora por Vološinov e comentados por Tylkowski (2012).

É preciso esclarecer que em relação à Vigotski a obra de referência será *Pensamento e Linguagem*, em alguns momentos até em três edições: a da editora Visor, de 1997, de Madrid, em espanhol, tradução de José Maria Bravo; a da editora Colihue, em castelhano, Buenos Aires, de 2012, traduzida por Alejandro Ariel González, e a brasileira, da Martins Fontes, de 2001, sob a responsabilidade de Paulo Bezerra. O motivo dessa consulta tripla deve-se à instabilidade de tradução de palavras como *linguagem*, *fala*, *discurso*, *enunciado*, *fala interior*, *linguagem interior* e outras que aparecerão nas citações. Comumente, o pesquisador se apoia em uma tradução apenas, mas no caso de Vigotski parece ser necessário desvelar para o leitor os deslizamentos de sentido que fazem das traduções um porto nem sempre seguro para partir ou para chegar. É preciso cotejar e tomar decisões.

Por outro lado, a obra de Jakubinskij consultada é *Sur la parole dialogale*, traduzida para o francês por Irina Ivanova e Patrick Sériot, pela editora Lambert Lucas, que deu origem a duas traduções aqui não referenciadas, mas consultadas: a de Gabriela Roveda Peluffo, com revisão de Dora Riestra, pelo Editorial da Universidade Nacional de Rio Negro, Argentina, e a de Doris Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez, pela Parábola Editorial, São Paulo, Brasil. O texto de referência de Voloshinov será a tradução francesa de *La structure de l'énoncé*, traduzido do russo para o francês por Tzvetan Todorov, em 1981. No Brasil o texto foi publicado em tradução também do russo, em 2019, pela editora 34, sob responsabilidade de

Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, aqui não referenciado, mas também consultado.

### *Rascunho mental* em Jakubinskij

Antes de navegar pelas páginas de Jakubinskij e Vigotski para que sejam verificadas suas convergências em relação aos rascunhos mentais, é necessário que seja retomada a justificativa a respeito de se dar importância a uma atitude própria do cotidiano, a de rascunhar. Esse olhar em direção a um objeto aparentemente miúdo é porque ele se revela, para mim, como um trabalho mental de alta complexidade, por ser ensaios de movimentos instáveis, mas fundamentais para registrar, fora da mente, a linguagem escrita já apropriada na relação com os enunciados dos outros. Esses ensaios e seus registros propiciam a consolidação da apropriação da escrita e sua objetivação. Eles fazem da mente da criança em formação um laboratório de decisões e ensaios não facilmente observáveis que dão, progressivamente, configurações aos atos de ler e de escrever. O que a criança aprende não é a linguagem escrita isolada, mas o ato de compreendê-la, de concebê-la como instrumento do pensamento. Todo ato acabado é resultante de um processo, e o rascunho mental se revela como esse processo pelo qual a criança apreende esses atos culturais e os amplia ao longo da vida. Ensinar a criança a fazer rascunhos mentais é ensinar a ela a complexidade dos atos de ler e de escrever.

Para destacar sua função como componente da totalidade do objeto a ser aprendido e a ser ensinado, é necessário recuperar o que sobre esses rascunhos afirma Jakubinskij (2012), com desdobramentos em Vigotski

(1997; 2001; 2012) e em Voloshinov (1981). Esse conceito vincula-se ao conceito de monólogo e o de diálogo, mas cada estudioso da linguagem, nesse universo da cultura russa, retoma-os com algumas variações. No tópico anterior já os abordei. Agora serão retomados e aprofundados.

Jakubinskij (2012) estabelece princípios e características da palavra em diálogo e da palavra em monólogo, tanto na oralidade quanto na escrita, mas a escrita, mediatizada por suas unidades gráficas, se mostraria, para ele, especificamente monológica porque não exigiria interlocutores em situação face a face com conhecimento de mundo. Vigotski (1997; 2001; 2012) se aproxima de Jakubinskij ao entender que a escrita, diferentemente da oralidade, é a *álgebra da linguagem*, muito mais complexa, com grau elevado de abstração. Por isso, a coloca no universo dos atos monológicos. Vološinov (2010), de seu lado, distingue-se de ambos ao defender o princípio de que nenhum enunciado apresenta um caráter monológico, porque haveria sempre o Outro no horizonte de quem escreve e de quem lê. O monólogo se apresentaria como uma abstração, enquanto o diálogo sempre se manifestaria concretamente por enunciados orais ou escritos, mas ele abre a possibilidade de reconhecer também na linguagem interior os enunciados concretos.

Embora Jakubinskij tenha sido professor de Volóchinov, e Vigotski ter bebido nas pesquisas do mestre, mesmo sem ter sido seu aluno, não há convergência de pensamento entre eles ao analisarem a relação entre monólogo e diálogo, mas o conceito de rascunho mental escorre pelo pensamento dos três.

Jakubinskij dá a ele uma clara função no ato de escrever, portanto, ao que ele considera como ato monológico.

Para incorporar aqui alguns excertos dos três em relação a esse conceito, vinculado, para Jakubinskij e Vigotski, ao ato de escrever, isto é, ao monólogo, é preciso situá-lo nesse campo. Questões de tradução devem ser forçosamente lembradas. É assumida entre os linguistas brasileiros, desde as suas primeiras publicações, a tradução do duo saussuriano *langue* et *parole* como *língua* e *fala*. As recentes traduções dos estudiosos russos da linguagem para o francês e do francês para o português e para o espanhol portam algum incômodo em relação ao que, em relação a essas decisões, parece pacificado. Empregar *fala* como correspondente a *parole* em obras de Saussure ou nas que as comentam é plenamente aceito e justificável, tendo em vista o próprio conceito de *fala* como atualização individual de uma *língua*. Entretanto, manter a mesma tradução para outro conceito é o que incomoda, como é o caso da tradução do francês *Sur la parole dialogale* (2012) para o português e para o espanhol do texto *Dialogičeskoj reči*, de Jakubinskij, traduzido para o português brasileiro *Sobre a fala dialogal* (2015), e, para o espanhol *Sobre el habla dialogal* (2018). Para evitar o emparelhamento ou encavalamento entre os conceitos de *fala*, já cristalizado pelas obras de Saussure, vou optar por traduzir *parole* por *palavra*, entendida como manifestação concreta da linguagem, qualificada ora como oral ora como escrita. Esta opção marca distância entre três universos culturais, o russo, o francês e o português/espanhol, ao mesmo tempo em que se aproxima, quero crer, dos conceitos criados pelos autores russos.

Ao concluir o tópico marcado como §34, capítulo V de *Sur la parole dialogale* (2012), Jakubinskij retoma o debate entre a palavra monológica e a palavra dialogal, que neste capítulo serão designadas como monológica e dialógica, em obediência à decisão acima em relação à *fala* e dialógica/monológica e em respeito à tradição do português brasileiro. O termo *palavra* empregado aqui não se refere ao léxico de uma língua, mas ao enunciado. Para melhor caracterizar a palavra monológica, Jakubinskij faz um movimento contrário, isto é, caracteriza a dialógica e a monológica oral, acompanhadas frequentemente por mímicas, gestos e entonação que propiciam sua compreensão. Esses acompanhantes, todavia, abandonam a palavra quando se torna monológica escrita e “é a tomada de consciência das palavras e de suas combinações que tornam possível a compreensão” [e isso] “favorece particularmente essa complexidade” [do monólogo]. “[...] E isso, não somente pelas razões que são próprias a esta forma monológica, mas, precisamente, em relação ao ‘escrito’, quer dizer com a comunicação mediatizada.” (Jakubinskij, 2012, p. 107. Grifos no original francês). Ele empresta à forma monológica maior complexidade de elaboração do que à dialógica por esta apresentar elementos coadjuvantes com os quais aquela não conta. Um dos traços distintivos entre a palavra oral e a palavra escrita, para Jakubinskij, é que “a palavra escrita é uma palavra *fixada* ao longo de sua realização; o resultado é então algo que *permanece*, uma *obra*. (Jakubinskij, 2012, p. 107), por isso mesmo monológica. O fato de ela permanecer inscrita em um suporte qualquer exige melhor combinação dos fatos verbais: “A atividade verbal pode ser definida como

complexa” e ao escrever, há uma “tendência natural” de correção, de ajustes, que “explica também o uso de rascunho”. (Jakubinskij, 2012, p. 109).

A prática do rascunho identificada por ele como natural é, verdadeiramente, uma prática social construída pelos homens em sua lida com a linguagem escrita, em sua atividade processual e com seu produto final, mas incompleto, inscrito em um suporte, cuja escala vai do traço mais frágil, efêmero e perecível, ao mais durável e permanente. Ao tomar a decisão de dar a público, de dar ao Outro o seu inscrito, quem escreve empurra esse objeto escrito para o mundo social, mas não o faz naturalmente, porque é preciso rascunhar mentalmente e também materialmente a escolha das palavras e sua combinação, isto é, é preciso fazer encontrarem-se dois eixos velhos conhecidos dos linguistas estruturalistas – o paradigmático e o sintagmático.

Natural, aparente, e por isso mesmo falsa, é a ideia de que fazer a passagem de um enunciado rascunhado para um enunciado definitivo, ainda que essa definição tenha uma natureza provisória, seria um ato simples de passar a limpo. Jakubinskij (2012, p. 109) desmonta essa crença ingênua e assegura: “A passagem do ‘rascunho’ ao ‘limpo’ é a via de uma atividade complexa; mas mesmo na ausência de um rascunho real, a reflexão é sempre fortemente presente na palavra escrita”. Pelos bancos escolares, entretanto, em todos os tempos, e pelas gastas lousas, sempre correu a crença de que passar a limpo era só *passar a limpo* os enunciados já decididos, oralmente ou não.

Passar a limpo seria, na essência, mais uma vez, reinscrever e decidir pela publicação da última versão

material, objetivada, resultante de uma sequência de outras já rascunhadas sobre o suporte e outras tantas vezes mais na mente de quem não cessa de refletir. A apropriação cultural do ato de escrever pelos estudantes de linguagem escrita incorpora o ato de rascunhar materialmente ou mentalmente a linguagem escrita. Mas como há a tradição incessante do julgamento, no rascunho se encontraria sempre o erro, o engano, a palavra mal escolhida, a ortografia desencontrada, a sintaxe mal combinada, o pensamento incompreensível. Por isso, o seu conteúdo tende a ser desprezado, escondido, ignorado pelo próprio autor e mesmo pelo professor, aquele que teria a função de promover o domínio do desenvolvimento de linguagem escrita entre seus alunos. Em vez de acompanhar as decisões dos rascunhos, o professor observa apenas o produto. Deveria conceber, como Jakubinskij, a palavra escrita registrada e também a não-registrada ao longo da inscrição e da realização.

Esta realização, esta objetivação, não deveria ser vista pelo professor como um produto simples exposto diante dos olhos, mas resultante de um processo complexo que deu vida a esse produto final, aparentemente morto e acabado, dado a público. No entanto, Jakubinskij avança ainda mais ao considerar os rascunhos objetivados como marcas decorrentes de uma intensa atividade mental, concebida por ele como rascunho mental: “Frequentemente, de início, enuncia-se ‘na cabeça’ e em seguida se escreve: aqui se está na presença de um ‘rascunho mental’”. (Jakubinskij, 2012, p. 109).

Uma das contribuições incontornáveis de Jakubinskij para o ensino da linguagem escrita ainda hoje é, para mim, os contornos dados por ele ao rascunho mental e ao

rascunho objetivado. Que o rascunho seja uma atividade da vida de todos os dias é inegável, mas ela nunca ganhou a visibilidade necessária como atividade reveladora dos rascunhos mentais, nem como conduta ou objeto a serem ensinados em salas de aula.

Nos primeiros anos da década de 1990, mesmo com o uso ainda inicial de computadores pessoais, era muito comum professores e estudantes universitários fazerem rascunhos à mão ou em máquinas de escrever e depois passar tudo a limpo nas telas desses primeiros computadores por meio de processadores de texto revolucionários, mas rapidamente envelhecidos. O rascunho tinha, então, outros traços. Ao passar a escrever *direto* na tela, como se dizia na época, o estudante e o professor provocaram alterações mais profundas no rascunho material e outras mais no rascunho mental. A tecla *delete* reduziu e modificou o modo de inscrição, mas não eliminou o rascunho, isto é, as múltiplas versões de um mesmo texto, na cabeça, como disse Jakubinskij, no papel e na tela. Em vez de reduzir-se, a prática do rascunho alargou-se e aprofundou-se, do mesmo modo como a linguagem escrita e a imagem alcançaram dimensões inimagináveis graças aos dispositivos digitais.

Jakubinskij dedicou apenas um parágrafo a comentários sobre o rascunho, mas o tema foi também objeto de atenção de Vigotski, como logo a seguir será comentado. Cabe, todavia, repensar a ideia de que o rascunho material e o rascunho mental estejam vinculados prioritariamente ao ato de escrever a linguagem escrita, ao monólogo, na acepção de Jakubinskij. Ao ler, fazemos rascunhos mentais incessantemente, dialogando com os autores pelas

palavras escritas dadas a público. Na condição de leitor, rascunhamos possibilidades, levantamos hipóteses, arriscamos prenúncios e conclusões. A apropriação do ato de ler solicita também aprender a elaborar rascunhos mentais. E ao falar, também elaboramos rápidos rascunhos, seja em situação monológica, seja em momentos dialógicos. Neste caso, o desafio é aprender a rascunhar em frações de segundos. Em suma, o rascunho – objetivado ou não – é um traço decisivo e intrínseco ao processo de uso da linguagem, oral ou escrita, em enunciados aparentemente monológicos ou os ostensivamente dialógicos.

Agora, caminharemos em direção a Vigotski. A abordagem do conceito de rascunhos mentais, inicialmente destacado em Jakubinskij demanda, em Vigotski, vinculá-lo ao conceito de linguagem interior ou fala interior.

Para melhor compreender o que chamaria de linguagem interior, Vigotski alinha-se aos estudos de Ščerba, e de Jakubinskij sobre os conceitos de diálogo e de monólogo anteriormente comentados. Tanto Ščerba, primeiramente, e em seguida Jakubinskij, segundo Vigotski (2012), compreendem o diálogo como a forma mais natural de linguagem em oposição à forma monológica portadora de traços mais artificiais, porque o primeiro é próprio da natureza do homem, ao estabelecer trocas verbais orais com o Outro. Para ele, situando-se no campo da Psicologia, o monólogo seria uma forma mais complexa de linguagem; admite, portanto, as duas formas: uma primária e outra secundária, mas a sua intenção é de comparar “essas duas formas somente em relação com a tendência para a abreviação da fala a

enunciados puramente predicativos” (Vigotski, 2012, p. 485), em outras palavras, na tendência da elaboração de uma linguagem interior não estendida, cúmplice do próprio enunciador. Essa cumplicidade aboliria a necessidade de sua extensão em todos os sentidos, os morfológicos, os sintáticos e os semânticos.

Entendo que essa linguagem interior, comentada adiante, seria a fonte dos rascunhos mentais e dos rascunhos objetivados. No momento, todavia, continuemos com as observações de Vigotski que tomava como referência os estudos de Ščerba e de Jakubinskij e o modo como os diálogos estavam, naquela época, notadamente situados no campo da linguagem oral. Fossem os três estudiosos usuários de um aplicativo atual de troca de mensagens, teriam certamente reelaborado algumas de suas conclusões, mas no início do século XX, Vigotski entendia, com base nos outros dois, conforme a tradução argentina, que “de fato, diferentemente do monólogo (sobretudo o escrito), a comunicação dialógica prevê a enunciação súbita e espontânea. O diálogo é uma fala composta por réplicas, em uma cadeia de reações” (Vigotski, 2012, p. 485), ou na edição brasileira “de fato, diferentemente do monólogo (especialmente do escrito), a comunicação dialógica pressupõe um enunciado emitido de imediato. O diálogo é um discurso constituído de réplicas, é uma cadeia de reações.” (Vigotski, 2001, p. 456). Entre uma e outra citação nota-se o uso na versão argentina de *fala* e na brasileira *discurso* e a ausência do termo *espontânea*.

Na outra ponta da relação entre o que considera como duas formas de linguagem, afirma Vigotski (2012, p. 485), na versão argentina, que “em contraposição à

simplicidade estrutural do diálogo, o monólogo apresenta uma determinada complexidade estrutural, que coloca os fatos verbais sob a clara luz da consciência, concentrando a atenção neles com maior facilidade.” E, na brasileira, “em oposição à simplicidade composicional do diálogo, o monólogo é uma complexidade composicional, que introduz os fatos verbais no campo iluminado da consciência, e a atenção se concentra mais facilmente.” (Vigotski, 2001, p. 457). O primeiro emprega o termo *estrutural* e o outro o termo *composicional*. Como na citação anterior, a edição brasileira parece melhor se aproximar de conceitos veiculados por outras obras. Esse destaque dado ao monólogo – e por essa mesma razão ao monólogo escrito – o eleva a uma alta complexidade de composição, de formação e, portanto, de objetivação, diferentemente da forma dialógica, menos exigente em razão de seu destino e função. O monólogo, mais próximo da escrita, em oposição ao diálogo, situado mais próximo da oralidade (naquele momento histórico, fora dos aplicativos digitais inventados cem anos depois), emprestaria à linguagem escrita traços de distanciamento da linguagem oral, que levariam um estudioso da linguagem, que toma Vigotski como referência, poder afirmar que o ato de escrever não é um ato de escrever a linguagem oral, mas a própria linguagem escrita. Essa constatação desencadearia profundas alterações nas metodologias no ensino fundamental e nas instruções dadas pelos professores aos alunos. A escrita não seria, por essa razão, uma forma da linguagem, mas uma linguagem autônoma. Nas próprias palavras de Vigotski, versão argentina:

A fala escrita representa claramente a oposição à fala oral. Na fala escrita, não está presente uma situação clara de antemão para ambos os interlocutores, nem alguma possibilidade de entonação expressiva, mímica ou gestos. (Vigotski, 2012, p. 485-487).

Ou na brasileira,

É perfeitamente compreensível que, neste caso, a linguagem escrita seja diametralmente oposta à falada. Na linguagem escrita, faltam antecipadamente a situação clara para ambos os interlocutores e qualquer possibilidade de entonação expressiva, mímica e gesto. (Vigotski, 2001, p. 457).

Visivelmente, ele avança em direção a Jakubinskij, parafrazeando seus escritos a respeito dos signos não-verbais que acompanham as manifestações orais, aparentemente ausentes na escrita, por não existirem com a mesma forma, mas dados a conhecer por recursos outros, menos visíveis e perceptíveis, menos rústicos. Com a mesma intenção de retomar o conceito de rascunho, Vigotski mistura suas palavras às de Jakubinskij. Vale a pena citar os trechos, embora longos, para que sejam observadas as proximidades de escolha de palavras e a combinação entre os dois. Primeiramente, o de Jakubinskij, agora mais completo em relação às citações nas páginas anteriores:

A tendência natural de examinar o que se escreve e nele fazer correções se manifesta mesmo nos casos simples como uma breve exposição ou bem uma resolução a um objeto de uma petição; é isso que explica também o uso do “rascunho”. A passagem do “rascunho” a “limpo” é a via

de uma atividade complexa; mas, mesmo na ausência de um rascunho real, a reflexão está sempre fortemente presente na fala escrita. Frequentemente, de início, se enuncia “na cabeça” e em seguida se escreve: aqui estamos na presença de um “rascunho mental”. (Jakubinskij, 2012, p. 109).

E este segundo, de Vigotski, na versão argentina:

A linguagem escrita contribui para que a fala se desenvolva como atividade complexa. Aqui a atividade verbal se torna mais intrincada. Nisto se baseia o uso de rascunhos. O caminho do ‘rascunho’ ao escrito ‘limpo’ constitui a evolução dessa atividade complexa. Incluído na ausência de um rascunho real, o momento da reflexão da fala escrita é muito importante: com muita frequência dizemos primeiro para nós mesmos o que logo deveremos escrever; neste caso existe um rascunho imaginário. Esse rascunho imaginário da linguagem escrita é, como mostramos no capítulo anterior, a fala interna. Esta fala cumpre o papel de rascunho interno, não só na fala escrita, mas também na oral. (Vigotski, 2012, p. 486).

Há algumas divergências de tradução, notadamente entre o uso de *linguagem*, *fala*, *discurso*, *mental* e *imaginário*, entre as edições, como abaixo se pode verificar. A edição argentina de 2012 opta por *fala*, mas a espanhola, logo abaixo, emprega *linguagem* e *mental*. A brasileira entre *linguagem*, *fala* e *discurso*, opta pela última. Na versão espanhola:

A linguagem escrita ajuda que a linguagem se desenvolva em uma forma de atividade complexa, e aí o uso de rascunhos. O caminho desde o rascunho e a escrita

definitiva é o caminho dessa atividade complexa. Incluída sem rascunho material, a reflexão prévia é muito importante na linguagem escrita: com muita frequência dizemos primeiro para nós mesmos, e depois escrevemos; neste caso existe um rascunho mental. Esse rascunho mental da linguagem escrita é, como mostramos no capítulo anterior, a linguagem interna. A linguagem interior desempenha esse papel de rascunho mental, não só na linguagem escrita, mas também na oral. (Vygotski, 1997, p. 328).

Ou na edição brasileira:

A linguagem escrita contribui para o fluxo do discurso na ordem da atividade complexa. Aqui atividade discursiva se define como complexa. É nisto que se baseia o emprego de rascunhos. O caminho entre o esboço e o ato de passar a limpo é uma via de atividade complexa, mas até mesmo quando não há cópia fatural, o momento da reflexão no discurso escrito é muito forte; muito amiúde falamos primeiro para nós mesmos e depois escrevemos: aqui estamos diante de um rascunho mental. Esse rascunho mental da escrita é a linguagem interior, como procuramos mostrar no capítulo anterior. (Vigotski, 2001, p. 457).

Em todas as três citações de Vigotski há convergência no que se refere à afirmação de que inicialmente dizemos ou falamos para nós mesmos e depois escrevemos. Jakubinskij emprega *enunciar* (na tradução para o francês *énoncer*, equivalente a *formular*, em vez de *dire* ou *parler*). Enunciar é o ato que gera o enunciado. Deste modo, Jakubinskij anuncia o rascunho mental como um enunciado dirigido do sujeito para ele mesmo, desdobrado em Outros. O sujeito não diz, não fala, mas

pensa por enunciados esboçados. Jakubinskij não faz referência à linguagem interior, interna ou fala interna, mas é Vigotski quem introduz o conceito ao entender que rascunho mental e linguagem interior são o mesmo fenômeno. Nos parágrafos a seguir, vou levantar a hipótese de que desempenham funções específicas, me apoiando em comentários dos próprios pesquisadores.

Mais do que revelar a proximidade entre os três trechos, a citação do trecho de Vigotski incorpora esse conceito, o da linguagem interior (ou fala interior), que quero considerar, de início, como fonte dos rascunhos e, em decorrência, fonte da linguagem escrita objetivada nos suportes, configuradas pelas intenções de quem escreve, pela orientação em direção ao outro, pelo gênero e todos os seus constituintes, e pelos suportes que recebem as inscrições gráficas. Esse é conjunto que orienta o rascunho e a objetivação da escrita.

A respeito do uso de *linguagem interior*, *fala interior* e de *palavra interior*, convém registrar as observações de Tylkowski (2012) em relação a um artigo do linguista russo Aleksandr Pagodin (1872-1947) – *A palavra interior e suas disfunções* – publicado inicialmente em 1906, e republicado em 1913 na obra *A língua como criação com traços*, encontrados na obra de Volóchinov e de Jakubinskij, e até mesmo de Vigotski. A citação é um pouco longa, mas necessária para a constatação de referências não registradas pelos estudiosos:

Pagodin descreve assim a palavra interior: (1) a palavra interior se distingue da linguagem interior que compreende não somente os elementos verbais, mas também as imagens, os esquemas, etc.; (2) a palavra

interior (ou o pensamento verbal [*myslenie slovami*]) é a condição necessária para a palavra exterior (pronunciada); (3) ela é indispensável para compreender esta última; (4) a palavra interior é dialógica; (5) ela é de natureza semiótica; (6) a palavra interior é um meio de conhecimento [*poznanie*]; (7) por sua construção, ela se assemelha à palavra exterior (ibid.:29-49). Todas essas características são retomadas por Vološinov que enfatiza (1) o caráter semiótico da palavra interior e (2) a semelhança com a palavra exterior. Isso dito, ele não prossegue com sua análise, de modo que o estudo da palavra interior é associado ao nome de Vigotski e a sua obra *Myslenie i rec* (1934) (trad.fr. *Pensée et Langage*) [1985] 1997). (Tylkowski, 2012, p. 229).

Apesar da advertência de Pagodin em relação à distinção entre linguagem interior e palavra interior, atribuindo a esta a sua constituição por signos verbais e à primeira uma maior amplitude que engloba a segunda, optei por não estabelecer essa distinção, porque a intenção primeira é a de lidar com os signos verbais interiorizados em processo de nova exteriorização pela palavra exterior escrita. Entretanto, é notável acompanhar, pelas observações de Tylkowski, a retomada de Pagodin por Volóchinov, sem citá-lo, da noção de que o signo exterior guarda características do signo interior e que a palavra interior é semiótica, tal como Pagodin caracterizara a linguagem interior. Por um outro olhar, é interessante notar o comentário de que não foi Vigotski o precursor em ressaltar a palavra interior, mas é ele quem a analisa, a descreve e mapeia as suas funções, e que não foi Volóchinov o primeiro a afirmar que a palavra interior é de natureza dialógica.

Para Tylkowski, Volóchinov revela aproximações entre o conceito de vivência e de palavra interior: “Equivalente verbal das vivências (mesmo expressas *in petto*), a palavra interior é tão material e objetiva quando a palavra exterior” [...] Vološinov aplica o princípio “monismo materialista” e apaga a oposição entre experiência externa e interna, entre o mundo material e o psiquismo definido como “uma das propriedades [ou qualidades] da matéria organizada.” (Tylkowski, 2012, p. 142).

É necessário registrar a afirmação atribuída a Volóchinov por Tylkowski de que a palavra interior é tão material e objetiva quanto a exterior, porque ao signo interior também poderá ser atribuído a função de mediador. Como o rascunho mental é composto por signos interiores, sua função poderá ser a de mediador, distinta da função da linguagem interior.

Pode-se retomar a relação entre a linguagem oral e a escrita acima comentadas para compreensão de que a fonte original dos enunciados, encontrados e materializados nos suportes, não seria a linguagem oral, mas a linguagem interior, abreviada, predicativa, elíptica, cuja mediação seria feita pelos rascunhos, os mentais e os concretos. Se um professor compreender essas relações, o seu modo de ensinar sofrerá reformulações e as consequências para a aprendizagem serão, possivelmente, notáveis, porque o aluno tomará consciência do que realmente faz ou poderia fazer, em vez de seguir as instruções reducionistas de “escreva o que você fala ou o que você falou”. No último período da citação de Vigotski, ele atribui à linguagem interna o papel de rascunho mental, como se ambos se fundissem ou se confundissem. Arrisco-me a afirmar que o

rascunho, como escrevi acima, desempenha outra função, a de um mediador entre uma forma de linguagem abreviada – a interior - para uma linguagem estendida – a inscrita exteriormente. Aprender a usar esse mediador específico – o rascunho mental – faria parte constituinte do conjunto de condutas intelectuais próprias dos fundamentos que estão na raiz do ato de escrever.

Vigotski insiste em afirmar que a linguagem interior opera prioritariamente com a semântica, portanto, lida mais com o significado e o sentido das palavras do que com suas formas acústicas ou gráficas e, para ele, há “o predomínio do sentido da palavra sobre o seu significado na linguagem interior” (Vigotski, 2001, p. 465) e, fundamentado em Paulham (1853-1931) admite que, conforme se contata na tradução argentina,

O sentido da palavra resulta sempre em uma formação dinâmica, fluida e complexa, que possui várias zonas de desigual estabilidade. O significado é somente uma das zonas do sentido que adquire a palavra no contexto de determinado discurso e, ademais, a zona mais estável, unificada e precisa. Como é sabido, uma palavra muda facilmente seu sentido em um contexto diferente. Em troca, o significado constitui o ponto estático e invariável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em um contexto diferente. [...] O significado real da palavra é inconstante. (Vigotski, 2012, p. 494).

Como a linguagem interior opera predominantemente com os sentidos, construídos pela combinação de palavras, que consideram as intenções, o direcionamento para o outro, os constituintes do gênero escolhido, o suporte da escrita e o rascunho mental em

sua função de mediador, ela propicia ao estudante, em processo permanente de apropriação da linguagem escrita e de alargamento dos seus limites e fronteiras, a possibilidade de colocar sentidos em disputa para que a melhor escolha seja feita, por meio dos rascunhos mentais, conforme exigem as circunstâncias do ato de escrever. O estudante aprende a lidar com os sentidos por meio do rascunho mental abrigado na linguagem interior. E qual seria, por sua vez a origem da linguagem interior? Para Vigotski (1997) e Vološinov (2010) a sua origem se situa na linguagem exterior. A linguagem interior, resultante do processo de interiorização da linguagem exterior, tem como característica a predominância dos sentidos criados em contextos, na linguagem de Vigotski, que equivaleriam à situação extraverbal, nos termos de Vološinov (2010). Para Vigotski, na edição brasileira,

Na linguagem interior, ao contrário [da linguagem exterior], o predomínio do sentido sobre o significado – que observamos na linguagem falada [exterior] em casos isolados como uma tendência mais ou menos francamente expressa – é levado ao seu limite matemático e representado de forma absoluta. Aqui o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre palavra, de todo o contexto sobre a frase não é exceção, mas regra constante. (Vigotski, 2001, p. 467).

Ou na edição argentina,

A fala interna, ao contrário, essa supremacia do sentido sobre o significado, que na fala oral observamos somente em casos isolados como uma tendência mais ou menos débil, é levada ao limite matemático e se apresenta em

forma absoluta. Aqui, o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, de todo o contexto sobre a frase, não constitui uma exceção, mas uma regra permanente. (Vigotski, 2012, p. 496).

Novamente a divergência se dá entre *fala* e *linguagem interior*. É nesse universo da linguagem interior que o rascunho mental desempenha suas funções de mediação entre a linguagem exterior em processo de apropriação pelo ato de ler e uma linguagem interior em ebulição, e, ainda, o retorno dessa apropriação para uma linguagem exterior escrita, em outros níveis de elaboração. Nesse universo, os sentidos são reelaborados em conformidade com as intenções, de acordo com o outro, e com os demais componentes do contexto. Para Vološinov (2010) a situação extraverbal é constituinte do enunciado concretamente manifesto e é nela que os sentidos são criados. O contexto, para Vigotski, e a situação extraverbal, para Volóchinov, são também fontes e constituintes da linguagem interior onde os rascunhos encontram seu lugar para operar, porque, como entende Vigotski, (2001, p. 470) “na linguagem interior a palavra é bem mais carregada de sentido que na exterior,” em que a primeira teria, na tradução brasileira

uma função absolutamente específica, independente, autônoma e original da linguagem. Estamos efetivamente perante uma linguagem que se distingue totalmente da linguagem exterior. Por isto estamos autorizados a considerá-la um plano interior específico de pensamento verbal, que medeia a relação dinâmica entre pensamento e palavra. [...] Não resta dúvida de que a passagem da linguagem interior para a exterior não é uma tradução

direta de uma linguagem para outra, não é uma simples incorporação do aspecto sonoro ao aspecto silencioso da fala, não é uma simples vocalização da linguagem exterior, mas a reestruturação da linguagem e transformação de uma sintaxe absolutamente original, da estrutura semântica e sonora da linguagem interior em outras formas estruturais inerentes à linguagem exterior. (Vigotski, 2001, p., 473-474.)

E na tradução argentina,

[...] segundo a qual a fala interna é uma função de fala especial, independente e original. É efetivamente uma fala que se diferencia total e integralmente da fala externa. Por isso temos o direito de considerá-la como um plano interno específico de pensamento discursivo, que medeia a relação dinâmica entre pensamento e palavra. Logo, de todo o dito sobre a natureza da fala interna, sobre sua estrutura e função, no resta nenhuma dúvida de que a transição da fala interna para a externa não é tradução direta de uma língua a outra, nem a simples união do aspecto sonoro com a fala silenciosa, nem a mera vocalização da fala interna, mas uma reestruturação da fala, a transformação da sintaxe particular e original da fala interna, de sua estrutura semântica e sonora e de outras formas estruturais inerentes a ela. (Vigotski, 2012, p. 502).

Claramente Vigotski estabelece vínculos e distinções entre a linguagem interior e a linguagem exterior de natureza oral. Cada uma teria suas características próprias, portanto, não é apenas a ausência da materialidade sonora que as distingue, mas a escolha das palavras, seus sentidos e a sua sintaxe, entre outros aspectos. Mas a questão que a mim interessa é a que se

refere aos atos da linguagem escrita. Quero crer que do mesmo modo que a linguagem oral exterior não obedece à natureza da linguagem interior, que há um processo em curso de modificação entre uma em direção à outra, a linguagem escrita também não guarda obediência à linguagem oral apenas porque ambas gozam da exterioridade extracorporal ou extramental. Creio ser crucial considerar que a fonte, como disse Vigotski, da linguagem escrita não seja a linguagem oral acabada, mas a linguagem interior, truncada e elíptica, borbulhante de sentidos. Por isso, as palavras e sentidos escolhidos não são, na escrita, os mesmos da oralidade, nem a sintaxe é a mesma. Não fazem parte de um mesmo *continuum* porque são distintas em muitos aspectos, mas são próximas em um deles: têm ambas a mesma fonte, mas a partir daí trilham caminhos distintos. Ambas, teriam, contudo, o mesmo mediador – o rascunho mental, mas esse rascunho não é uma instituição fixa. Ao contrário, é tão flexível quanto são flexíveis as exigências das infundáveis manifestações externas – os enunciados e seus gêneros, orais ou escritos. Se há “uma transição da fala interna para a externa” como registra a tradução argentina, essa transição é feita pelo mediador, ou seja, pelo rascunho mental. Aprender a rascunhar, insisto, é crucial para aprender a ler e a escrever. Aprender a experimentar as tantas possibilidades de rascunhar é um bom começo para o desenvolvimento intelectual do estudante e para o sempre desenvolvimento da expansão do domínio da linguagem escrita.

Até aqui foi Vigotski quem ocupou o cenário das relações entre linguagem exterior - linguagem interior - rascunhos mentais - linguagem exterior. Agora quem

vem ocupar, a meu convite, este capítulo é Voloshinov, mais especificamente seus escritos sobre *A estrutura do enunciado* na tradução de Todorov (1981), que cuidam dos vínculos entre os conceitos de enunciados, de enunciados dialógicos e monológicos, de gênero, e, por fim, de discurso interior, mas considerado por mim como linguagem interior.

No ato de aprender a escrever, que é o tema que amalgama todas as partes deste capítulo, estes conceitos estão, na melhor visão monista de Volóchinov, estreitamente vinculados ou até mesmo fundidos e indissociáveis. O que vai inscrito em um suporte será sempre, para ele, um enunciado, seu objeto de estudo, que se insere em um esquema geral formado pela organização econômica; pela comunicação social; pela interação verbal; pelos enunciados e pelas formas gramaticais da linguagem. “Este esquema nos servirá de fio condutor no estudo desta unidade concreta, que vem da palavra e que nós chamaremos *enunciado*.” (Voloshinov, 1981, p. 289).

Os enunciados têm como base as situações da vida em sociedade, às quais Vigotski chama contexto, nas traduções referenciadas. Para Voloshinov a situação “não é outra coisa senão a *realização efetiva, na vida concreta, de tal ou tal formação, de tal ou tal variedade da relação de comunicação social*.” (Voloshinov, 1981, p. 289).

Nestes termos, a situação social são os eventos reais da vida, econômica, social e culturalmente formados, redesenhados pela linguagem, considerada instrumento fundamental para a comunicação social, ou, em respeito às ideias nucleares de Volóchinov, para a troca social. A troca social se dá pela troca verbal, pelos enunciados concretos, constituintes da linguagem exterior, necessária

para essa troca. Se há troca, se o enunciado é a moeda de troca, sua natureza caminha para ser substancialmente dialógica. É para onde o pensamento de Volóchinov nos leva, pouco a pouco.

Por enquanto, continuemos no universo da linguagem exteriorizada porque, nele, entende-se que em situações de troca, haverá sempre um ouvinte, ou um leitor, que é o que mais me interessa, que fará parte de um auditório: “Nós chamaremos então *auditório* do enunciado a presença necessária dos que fazem parte de uma situação dada.” (Voloshinov, 1981, p. 290). Esse outro, o leitor, no ato de escrever passa a compor o universo caótico dos rascunhos mentais, porque é com ele que quem escreve escolheu dialogar. Esse outro pode ter face ou somente perfil; pode ser o próprio *eu* desdobrado, em escrita dirigida para si mesmo. Em qualquer situação de escrita, o Outro orienta e integra os rascunhos. Ao introduzir o outro e a troca, Volóchinov atribui à linguagem interior uma dimensão sociológica bem explícita, tal como Vigotski já a descrevera no percurso entre linguagem exterior – fala egocêntrica – linguagem interior. As tintas sociológicas de Volóchinov destacam a natureza dialógica dos enunciados e dos próprios rascunhos, como adiante será destacado. Ainda no universo da linguagem exterior, formada por enunciados, Volóchinov lança o conceito de gênero, na mesma época em que Medviédev também o fazia. Ao se referir ao gênero, não lhe dá o adjetivo *discursivo*, nem a locução *do discurso*, mas tão somente *gênero*. Para ele, os enunciados que configuram e reconfiguram as trocas sociais por meio de trocas verbais recebem traços, articulados em torno da

necessidade de um certo acabamento, conforme a função a desempenhar nessa troca.

Assim, cada um dos tipos de comunicação social que nós citamos organiza, constrói e dá acabamento, de *maneira específica*, à forma gramatical e estilística do enunciado assim como a estrutura do tipo de onde ele emerge: nós a designaremos a partir de agora sob o termo de *gênero*. (Voloshinov, 1981, p. 290).

Há, portanto, no universo extramental do sujeito, trocas sociais feitas por trocas verbais, formadas por enunciados orais ou escritos, organizados de modo próprio, amalgamados por um tema, como em uma peça musical, com peculiaridades gramaticais e de estilo, também de natureza social, vinculados a uma dada situação social, extraverbal. Esse modo próprio de organização é o que Voloshinov chama *gênero*, sem adjetivos: “O gênero toma então sua forma acabada nos traços particulares, contingentes e únicos, que definem cada situação vivida.” (Voloshinov, 1981, p. 291).

Volóchinov acompanha seu mestre Jakubinskij, mas não de modo completo, ao se referir ao conceito de diálogo, cujas raízes teriam passado por Ščerba. Retoma a noção de que o diálogo é a forma mais natural do que o monólogo, insiste em sua função de meio de troca de palavras, mas abandona o seu mestre ao divergir da existência concreta do monólogo como contraponto ao diálogo. Recorre à clássica conduta intelectual de distinguir aparência de essência: o que parece ser na aparência, na essência não o é; há uma ilusão que ludibria as mentes, por isso ele aprofunda a reflexão. Para ele,

O diálogo – troca de palavras – é a forma mais natural de linguagem! Mais: os enunciados, longamente desenvolvidos e emanados de um interlocutor único [...] são monológicos apenas por sua forma exterior, mas, pela sua estrutura semântica e estilística, eles são de fato essencialmente dialógicos. (Voloshinov, 1981, p. 292).

Os enunciados longos, como os formadores de gêneros de linguagem escrita, são monológicos apenas na aparência, em sua forma exterior, se observados por olhos levemente míopes, porque a organização dos sentidos e as formas específicas de sua construção revelam a sua escondida natureza dialógica. Mesmo nos gêneros aparentemente não dirigidos para o Outro, na essência, há um direcionamento real porque, para ele, sempre a palavra é remetida em direção a um Outro. Mesmo nos gêneros como um *diário íntimo* há o Outro, portanto, há diálogo.

A citação logo adiante é longa, mas fundamental para que seja entendida a argumentação de Voloshinov em defesa da sempre natureza dialógica da palavra:

E, bem, nós não hesitamos em afirmar categoricamente que os discursos mais íntimos são também de parte a parte *dialógicos*: eles são atravessados pelas avaliações de um ouvinte virtual, de um auditório em potencial, mesmo se a representação de um tal auditório não apareça claramente no espírito do locutor.

Isso é demonstrado, e não somente pelas conclusões em nosso artigo anterior, não somente pelo elemento sociológico inerente à consciência humana, a suas 'emoções' e a sua expressão. Não. Essa determinação social [...] de todo discurso [enunciado] monológico, que se

manifesta exteriormente sob um aspecto dialógico, nós podemos, nós mesmos, verificar, sem recorrer a exemplos literários, mas em nos reportando a nossa própria experiência de diário íntimo, de notas de uso privado, etc. (Voloshinov, 1981, p. 294).

Notam-se suas sugestões para o entendimento de que o monólogo seja uma entidade abstrata, porque a palavra lançada busca sempre o Outro que pode aparecer no horizonte dos infundáveis cruzamentos entre tempo e lugar. Neste trecho, ele evidencia a manifestação exterior do diálogo, mas não seria essa localização extracorpórea, extramental, a razão primeira do diálogo, porque a linguagem interior também será por ele considerada dialógica, desde sua origem nos signos exteriores e no desenvolvimento da linguagem egocêntrica da qual resulta.

A tradução francesa e também a brasileira da Editora 34 de MFL usam frequentemente a palavra *discurso* ao se referirem aos atos de linguagem. Mantenho-a em citações para ser fiel às traduções, mas nos comentários ensaio substituições que melhor representam, creio, o pensamento de Volóchinov, como afirmei nas páginas introdutórias. No trecho mais à frente, tive minha atenção atraída para duas afirmações: a que remete ao recurso da fala oral em situação de isolamento social e à natureza dialógica da linguagem interior, eventualmente exteriorizada.

E para nos convencer, é suficiente considerar que, quando nos pomos a refletir sobre um assunto qualquer, quando nós examinamos atentamente nosso discurso interior – que pode às vezes, quando se está só, ser pronunciado em alta voz – ele toma imediatamente a forma de um debate por

questões e repostas, faz afirmações seguidas de objeções; em suma, nosso discurso pode ser analisado em réplicas claramente separadas e mais ou menos desenvolvidas; ele é pronunciado sob a forma de um *diálogo*. (Voloshinov, 1981, p. 294).

A linguagem interior, portanto, é, para ele, dialógica, bem como sua manifestação externa, vocalizada, em situações que exigem reflexão e tomada de decisão. Isso se dá somente quando o sujeito se encontra isolado dos seus outros, em situação de liberdade, caso contrário, poderia receber julgamentos nada elogiosos a respeito de sua condição mental. O sujeito debate, formula questões precárias, encontra respostas precárias, dialoga consigo mesmo, mas sempre tendo como referência o Outro e as situações reais de vida, ou mesmo, em situações reais em que o ato de escrever se torna necessário. E o que seriam essas questões precárias e respostas precárias senão os rascunhos mentais que medeiam a transição da linguagem interior para a linguagem exterior escrita em processo de inscrição em suportes? Se for assim entendido esse conceito, pode-se concluir, com Voloshinov, que os rascunhos são mesmo de natureza dialógica e o que deles resulta – os enunciados organizados em gêneros – também:

Essa forma dialógica aparece claramente quando nós tomamos uma decisão. Nós estamos cheios de hesitação, nós não sabemos qual partido adotar. Nós nos engajamos em uma discussão conosco mesmos, nós ensaiamos em convencer a nós mesmos da justiça desta ou daquela decisão. Nossa consciência parece assim nos falar por duas

vozes independentes uma da outra, e cujos propósitos são contrários. (Voloshinov, 1981, p. 294).

Escrever exige tomar decisões, fazer escolhas, encontrar argumentos, criar situações, antecipar pensamentos de contestação. Essas condutas intelectuais também estão na essência do rascunho. Esse debate interno, esses diálogos entre vozes, de um e do Outro, não são vozes estéreis, sem origem ou intenções. São vozes internalizadas, socialmente situadas, que emprestam à linguagem interior, portanto também ao rascunho, sua natureza sociológica:

*E, a cada vez, independentemente de nossa vontade e de nossa consciência, uma dessas vozes se confunde com a que exprime o ponto de vista de classe à qual pertencemos, sus opiniões, seus julgamentos. Ele se torna sempre a voz que seria o representante mais típico, o mais ideal de sua classe. (Voloshinov, 1981, p. 295. Grifos no original).*

Os rascunhos mentais elaborados pelo estudante da linguagem escrita teriam também sua origem na classe social a que ele pertence, de onde se situa para socialmente se relacionar, de onde vê e sofre os impactos da vida, de onde lança um olhar para o futuro, e, definitivamente, de onde se põe a escrever. Estar sociologicamente situado faz do estudante que aprende a escrever um sujeito responsável pelos atos de escrita e, sobretudo, desenvolve seus traços próprios de autoria, fundamentais para encontrar seu lugar no mundo pelos caminhos da linguagem escrita. Ao ensaiar, ao rascunhar, ele já se posiciona sociologicamente. Esta tese encontra

eco na palavra de Voloshinov quando se preocupa em comentar a vida literária de escritores iniciantes. Em vez de dirigir a minha atenção para a formação do escritor literário, o que me interessa aqui é a formação do estudante que se faz homem por meio do desenvolvimento da linguagem escrita em avanços graduais, sempre mais elevados, que repercutem no seu próprio desenvolvimento como um homem cultural e social. A ênfase de Voloshinov no aspecto sociológico da linguagem interior, particularmente marxista, tem um objetivo claro: o de contestar a visão idealista ou psicológica da consciência, e de reforçar sua constituição pela linguagem interior e de sua manifestação concreta na vida cotidiana:

Entretanto, nós cremos ser oportuno pararmos por muito tempo sobre a questão do fundamento dialógico de todo discurso da vida cotidiana e de suas relações com um auditor interior virtual ou realmente presente, porque nós quisemos dar ao escritor iniciante um esclarecimento rigorosamente materialista e marxista sobre os problemas que se aborda frequentemente sob um ângulo psicológico, talvez abertamente idealista, que torna falsa essa abordagem. (Voloshinov, 1981, p. 298).

As relações não presenciais, portanto, as que são mediatizadas pela linguagem escrita e que pressupõem um leitor virtual cujos traços podem configurar possíveis perfis, requerem aprofundamentos e burilamentos feitos com rascunhos mentais, uma vez que esses leitores, seja lá qual for o gênero, também estão social e culturalmente situados. As trocas verbais são, deste modo, trocas verdadeiramente sociais, impregnadas, desde à origem

na linguagem interior (derivada da linguagem exterior) até ao retorno para o exterior, dos traços apropriados nas relações com o Outro. Vološinov considera que a “palavra interior é a esfera, o domínio, de onde o organismo passa do meio físico ao meio social.” (Vološinov, 2010, p. 555). Ele não emprega, nesta citação, a expressão *linguagem interior*, mas *palavra interior* para designar uma esfera, um lugar e um movimento intracorpóreo, intramental, da palavra em direção a outra esfera, agora extracorpórea, a social, porque “uma consciência que não seria encarnada no material ideológico da palavra, do gesto, do signo, dos símbolos interiores, não existe e não pode existir”. (Vološinov, 2010, p. 555).

Como conclusão, pode-se afirmar que os debates, as questões e suas respostas provisórias mapeadas por Volóchinov se aproximam dos estudos de rascunhos mentais de Vigotski e de Jakubinskij. Embora Vigotski não tenha sido aluno direto de Jakubinskij como Volóchinov, é ele quem usa o mesmo conceito, o retoma e o cita como referência explícita. Volóchinov não o cita diretamente no artigo de 1930, em que aborda a estrutura do enunciado, mas o núcleo conceitual o orienta ao conferir à fala interior uma natureza profundamente dialógica e social, como apontada por Pagodin, conforme os estudos de Tylkowski. (2012).

Concluída a exposição de princípios, de argumentos com o apoio dos pesquisadores russos referenciados, revejo o percurso anunciado e retomo os principais pontos de passagem para, em os retomando, melhor esclarecê-los.

A primeira observação tem a ver com a seleção do rascunho mental como objeto de atenção, o de tematizar

a contribuição da obra dos estudiosos da linguagem do início do século XX para os tempos atuais. Uma das condutas intelectuais de um pesquisador é a de tentar olhar para a minúcia, para o detalhe, para o dado anunciado, mas não revisitado a ponto de ser esquecido. Tylkowski (2012) teceu comentários a respeito do conceito de linguagem interior anunciado por Pagodin, que seria revisitado posteriormente por Vigotski que percebeu a dimensão de seu papel na formação na consciência.

Meu olhar já tinha notado o anúncio em poucas linhas do conceito de rascunho e de rascunho mental de Jakubinskij e a sua retomada e a ampliação por Vigotski, razão porque o conceito passou a ser mais reconhecido no campo dos estudos de linguagem. Esse reconhecimento, todavia, não o leva para as práticas escolares, porque no ensino da linguagem escrita a ênfase é dada a aspectos de linguística textual, visíveis, manipuláveis e definidores.

O ato de escrever, entretanto, se dá na relação entre o estudante e a linguagem escrita, em vez de isoladamente a linguagem se constituir como o conteúdo. Visto desta perspectiva, as condutas intelectuais, não materializadas, e os enunciados internos e externos e seus gêneros compoem o conteúdo. Assumida essa premissa, interrogações se manifestam para encontrar respostas a essa complexidade intrínseca aos atos de ler e de escrever, antes considerados simples, coadjuvantes do ato de falar ou dele consequência. Entre as indagações está a que indaga onde estaria a fonte da linguagem escrita e das condutas intelectuais.

As respostas aqui ensaiadas, sem escapar das referências, indicam que a fonte seria a linguagem interior, alimentada pela linguagem exterior, oral e

escrita, que se torna a que alimenta a linguagem escrita em processo de objetivação. O rascunho materializado, de baixo reconhecimento pelos professores, é antecedido pelo rascunho mental, em movimento dialético de trocas incessantes. Esse movimento se encontra na linguagem interior, o que leva a concluir que o rascunho mental desempenha o papel de mediador entre a linguagem escrita exterior em apropriação, a linguagem interior, e a linguagem exterior em processo de objetivação. Considero fundamental o seu papel na formação e no desenvolvimento intelectual do estudante. O ensino do ato humano de escrever solicita o ensino das condutas intelectuais que configuram os rascunhos mentais.

Outra resposta, apoiada em Voloshinov (1981), responde à dúvida sobre a natureza dos enunciados escritos, se monológica ou dialógica. Assumido esse caráter dialógico do enunciado externo, assume-se também esse mesmo caráter na linguagem interior e no rascunho mental, porque nas situações da vida cotidiana haverá sempre um Outro que participa das reflexões internas e de suas manifestações concretas, compostas por signos. O conteúdo do ensino não se resume aos dados concretos. Ensinar bem é ensinar a pensar, é ensinar a rascunhar.

Restam duas perguntas finais. Como os rascunhos mentais, desempenham seu papel em uma sociedade digital e textualizada como a destes tempos? O que caracteriza essa sociedade textualizada e digital que catapulta os atos cotidianos de escrita e diversifica suportes a partir de sua criação na tela?

As práticas digitais da sociedade textualizada não negligenciaram a linguagem interior, os rascunhos

mentais e os rascunhos materiais; deram-lhes uma outra e mais profunda dimensão.

Para bem articular o conceito de diálogo, a linguagem interior e os rascunhos mentais, convém ao pesquisador debruçar-se mais detalhadamente sobre temas caros a Jakubinskij que, como vimos até aqui, influenciou o pensamento de Vigotski e de Volóchinov. Este tema funde dois subtemas, fala dialogal e massa aperceptiva, ambos fundamentais para a compreensão do ato de escrever para o Outro, quanto para a compreensão, pelo ato de ler, da linguagem escrita criada pelo Outro. Isto será sabordado no próximo capítulo.



## Massa aperceptiva, diálogo mediatizado e não mediatizado

A temática que trata de diálogo ou de dialogia tem sido frequentemente abordada apenas sob os princípios teóricos encontrados em obras de Bakhtin. Entretanto, antes que ele publicasse seus trabalhos, ou concomitante a eles, Volóchinov já encontrava na forma dialogada de linguagem o caminho para analisar o homem e suas relações desde um ponto de vista sociológico. O conceito da forma dialogada por ele assumida vinha de sua relação com Jakubinskij (1892-1945), um de seus professores, quando fazia os estudos de doutorado. Com Jakubinskij e seu trabalho *Sobre a Fala dialogal*, Volóchinov pôde desenvolver seu conceito de enunciado, de diálogo e os contrapontos teóricos ao conceito de monólogo. A leitura do capítulo sobre a fala dialogal de Jakubinskij revela-se, por isso, necessária para compreender as múltiplas formas de diálogo, porque ele aponta e analisa várias situações do cotidiano da sociedade russa no início do século XX, em abordagem mais ampla da que faria Volóchinov em MFL. Entre as unidades de sua análise, destaque o conceito de *massa aperceptiva*, de *diálogo mediatizado* e *não mediatizado*.

Para elaborar os conceitos de diálogos mediatizados e não mediatizados, Jakubinskij faz um esclarecedor percurso intelectual com o intuito de destacar o caráter

múltiplo das atividades de linguagem. Ele destaca que é impossível estudar a língua como um fenômeno vivo, ou atualizar sua gênese e sua história, sem estudar as múltiplas formas que a palavra desempenha em situações de comunicação na vida cotidiana, de um ponto de vista sociológico. Nestas situações, ela desvela duas categorias que a mim interessam: as formas mediatizadas e as formas não mediatizadas. A elas agrega o que considera como a finalidade da comunicação verbal e do próprio processo de criação de enunciados. Nesse contexto, suas preocupações se situam em “saber em que medida o enunciado verbal [*rečevoe vyskazvanie*] e a comunicação verbal [*rečevoe obščenie*] são determinadas, do ponto de vista *psicológico e morfológico* (no sentido amplo desse termo), *pelas condições de comunicação em um meio habitual dado.*” (Jakubinskij, 2012, p. 61, grifos no original).

Essas situações de troca social orientam as escolhas das palavras, portanto, a escolha de signos impregnados de valores, e a sua disposição no enunciado. Situação extraverbal, temas, objetivos e interlocutores orientam, deste modo, a construção dos enunciados. Nesse campo de elaboração de enunciados e de suas réplicas, Jakubinskij introduz o conceito de formas mediatizadas e o de não mediatizadas que correspondem às relações humanas também mediatizadas ou não mediatizadas. Sobre a forma mediatizada, afirma que

À forma não mediatizada das interações humanas (face a face), corresponde as formas não mediatizadas das interações verbais, que se caracterizam por uma percepção mediatizada, visual e auditiva, da pessoa que fala. No campo da linguagem, é, por exemplo, a forma escrita do

enunciado que corresponde às interações mediatizadas. (Jakubinskij, 2012, p. 77).

Seus apontamentos consideram os diálogos face a face, os enunciados e suas réplicas orais, como formas não mediatizadas, porque nada há entre um interlocutor e outro, exceto a palavra oral, acompanhada por gestos ou movimentos corporais. Em todo caso, do meu ponto de vista, há a mediação da palavra, se bem que a oral, mas Jakubinskij parece não a considerar como o meio pela qual os interlocutores concretizam suas relações. A palavra escrita ocupa, para ele, o lugar da mediação. Entretanto, consideradas as fronteiras pouco definidas entre mediatização e não mediatização, ele insere a possibilidade de uma zona de sombra entre as duas situações, principalmente quando entra no reino das tecnologias, como o telefone, invenção bem recente naqueles tempos de início do século XX:

A forma dialogal é quase sempre não mediatizada. Algumas vezes, entretanto, não é este o caso, ou ela somente se realiza em parte, particularmente quando o processo de percepção [*vosprinimanie*] não mediatizada está privado de percepções visuais, que são aqui essenciais, como nós vamos ver em seguida. Isto é o que se passa quando de uma comunicação dialogada no escuro, ao telefone, através de uma porta fechada ou de uma parede. A comunicação dialogada por “pequenos bilhetes”, (por exemplo, durante uma reunião) apresenta um caso particular; nós temos uma conjunção rara de uma forma escrita, quer dizer, mediata, com uma forma dialogal, não mediatizada, porque há a percepção visual do interlocutor. (Jakubinskij, 2012, p. 79. Grifos no original)

Convém detalhar um pouco essas observações, situando-as de um ponto de vista histórico, de um lado, e as limitações próprias ao se tentar categorizar enunciados criados em situações reais da vida. A categorização por ele criada, no caso citado, usa o sentido de mediação, porque considera a palavra escrita como elemento mediador; a distinção mais definida entre mediação e não mediação seria a proximidade visual entre interlocutores constituintes do diálogo. Por serem três os elementos relacionados na composição da categoria, as tentativas de dar exemplos de situações mostram-se arriscadas. Por essa razão, ao longo do seu trabalho, Jakubinskij desfia múltiplos exemplos de situações, mas as fronteiras entre elas, do ponto de vista da mediação e não mediação, nem sempre são claramente demarcadas.

Na citação feita há pouco, meu interesse foi o de deslocar a referência do telefone, instrumento tecnológico revolucionário inventado no final do século XIX, em direção ao celular dos tempos atuais, mais especificamente para um aplicativo de troca de mensagens e imagens – o *WhatsApp*. Jakubinskij considera a situação de uso de telefone como a de relações humanas fora do mesmo campo visual, como a conversa em uma sala com ausência total de luz, ou quando uma porta separa interlocutores de um diálogo. A tecnologia não era, então, vista como algo novo que modifica a forma de diálogo, porque ele a equipara a uma conversa qualquer, caracterizada pela ausência de percepção visual entre homens em diálogo. Neste caso, o outro elemento, a palavra oral, está definindo, com a natureza visual da situação, a parcialidade da categoria *não mediatização*. Portanto, é, para ele, a palavra escrita que vai atribuir ao

diálogo o caráter inteiro de mediatização. Entretanto, o bilhete que rola entre mãos, silenciosamente em uma reunião, é, para ele, um caso raro de diálogo não mediatizado, porque os interlocutores se veem no mesmo ambiente. Conclui-se que o elemento decisivo delimitador de fronteiras, apesar de haver algumas conjunções de vez em quando, é a percepção visual.

Qual categoria poderia enquadrar os diálogos trocados pelos aplicativos de mensagens de um novo gênero, como no *WhatsApp*, cujos interlocutores podem estar ou não no horizonte visual? As categorias de Jakubinskij não resistem aos movimentos desconcertantes das palavras orais e escritas trocadas por aplicativos e por programas nos dispositivos atuais. Seu conjunto de exemplos, muitos retirados da literatura, não espelham a profusão dos modos que o homem continuamente inventa para se relacionar pela palavra oral ou pela escrita.

A escrita, todavia, ainda era vista por Jakubinskij como essencialmente de cunho monologal, salvo casos raros, como afirmava, ao insinuar-se novamente no campo das tecnologias. Além do telefone, o telégrafo, herança do século XIX, recebeu dele tímidas referências ao discutir diálogo e monólogo:

A forma escrita de comunicação é essencialmente de forma monologal, à exceção do caso mencionado ou outros semelhantes, mas também raros, (por exemplo a possibilidade de um “diálogo” telegráfico). A interação não mediatizada pode se realizar, bem entendido, sob forma tanto dialógica quanto monológica; é precisamente isso o que torna cômoda sua comparação. (Jakubinskij, 2012, p. 79. Grifos no original).

Compreende-se que, para ele, a palavra oral poderia ser dialogal ou monologal, mas a escrita seria essencialmente monologal. O que defendo é que a palavra escrita, signo de mediatização, é essencialmente dialógica quando em troca de mensagens, mesmo sem percepção visual dos interlocutores em situações cotidianas, graças aos aplicativos e dispositivos digitais. Isso pode indicar que o traço distintivo na suposta dicotomia entre mediatizado e não mediatizado residiria fora da natureza presencial das relações. É possível entender que não haveria dicotomia alguma, mas um mesmo e único conjunto em *continuum*, se tomada aqui uma visão monista. A palavra escrita, deste modo, se equipara em função, pelo *WhatsApp*, à da oralidade, com a inserção de *emojis* e de outros sinais que sugerem reações visuais humanas. Ao equipararem-se, rompem-se definitivamente as fronteiras, porque as relações humanas são, pelos enunciados orais ou escritos, mediatizadas pelos signos, em linguagens hibridizadas.

## O conceito de massa aperceptiva

Graças ao conjunto de vivências, de experiências dos sujeitos e da situação extraverbal, é que o diálogo escrito se desenvolve e ganha características anteriormente pertencentes apenas à palavra oral dialogada. Mais uma vez rompem-se as fronteiras, e a palavra escrita, graças a massas aperceptivas próximas entre si, invade o campo antes restrito ao universo da oralidade, com elipses e predicções. As relações humanas concretizadas pelos enunciados orais ou escritos são possíveis quando há,

entre eles, conteúdos psíquicos partilhados no universo do tema em torno do qual se dão as relações.

Para Jakubinskij,

[...] pode-se dizer que nossa percepção e nossa compreensão da palavra do outro (como toda percepção) são *aperceptivas*: se elas são determinadas por uma estimulação externa, elas o são ainda mais por nossa experiência interna e externa passadas, e, no final de contas, pelo conteúdo do psiquismo de quem percebe quando há percepção. Esse conteúdo do psiquismo constitui “a massa aperceptiva” de um indivíduo dado, por intermédio da qual ele assimila uma estimulação externa. (Jakubinskij, 2012, p. 109. Grifos no original).

As massas aperceptivas entre interlocutores não seriam, de modo generalizado, necessariamente próximas em seu conjunto, mas suficientemente próximas em relação ao conteúdo temático dos diálogos que eles mantêm entre si, em uma determinada situação social, extraverbal, na qual esses diálogos têm origem e na qual ganham movimento e vida. Com isso, quero entender que no conjunto das experiências e vivências que formam as massas aperceptivas dos interlocutores há convergências que podem dar estabilidade e progressão ao diálogo, e há divergências, que impossibilitam a continuidade temática e podem romper o diálogo.

Os “diversos estereótipos” da língua referenciados por Jakubinskij se tornariam a multiplicidade de gêneros em Vološinov (2010) e em Bakhtin (2015). Em Jakubinskij, os elementos estáveis dão a possibilidade de existência concreta aos enunciados de acordo com a situação do meio extraverbal onde são criados, mas, ao mesmo tempo,

esses elementos estáveis têm a propriedade de modificarem-se continuamente por portarem também a natureza do transitório. O elemento transitório permite a modificação dos gêneros conforme os momentos dados, com manifestações que se modificam e se complexificam. Fundamentalmente a língua comum e os tipos estereotipados dão estabilidade ao gênero, mas esse dado não é suficiente para que haja compreensão entre interlocutores, como insiste Jakubinskij:

a presença de uma estimulação verbal não é então suficiente para o que se chama de percepção e compreensão da palavra. Nós devemos pensar a “mesma coisa” do que nos é dito: nós devemos tomar ao menos uma posição neutra em relação ao enunciado percebido.

O grão de estimulação verbal externo deve cair em um terreno preparado; somente neste caso ele poderá germinar. (Jakubinskij, 2012, p. 115).

A metáfora cristã do grão que cai na terra fértil usada para explicar a insuficiência do conhecimento linguístico comum tem a intenção de comparar a fertilidade da terra à massa aperceptiva comum, nos limites de um tema. Não havendo a proximidade de acervo de vivências e experiências, a palavra não ganha sentido. Os sentidos trocados entre interlocutores assentam-se sobre essa base comum, flexível, transitória, mutável, e, por essa razão, esses sentidos estão em cumplicidade permanente. Esta cumplicidade progressiva durante o desenrolar dos diálogos leva as escolhas do léxico e das construções sintáticas a uma situação de economia, de elisões e de simples alusões, de abreviaturas, de palavras aparentemente isoladas, mas que se constituem

verdadeiros enunciados responsivos. Jakubinskij teceu considerações a respeito desse processo de construção de enunciados:

Nós compreendemos e percebemos tanto melhor a palavra do outro em uma conversação quanto mais nossa massa aperceptiva tiver algo em comum com aquela do nosso interlocutor. É por isso que a palavra do nosso interlocutor pode ser incompleta e bem alusiva; e, inversamente, mais importante é quanto mais há diferença entre as massas aperceptivas dos interlocutores, mais a compreensão é dificultada. (Jakubinskij, 2012, p. 119).

Quando escorregam para fora da situação extraverbal e da proximidade das massas aperceptivas, os enunciados tropeçam e os diálogos perdem a continuidade. É a proximidade de massas que assegura a continuidade do diálogo.

Quando os fundamentos teóricos de Jakubinskij foram anunciados e comentados no início, um deles referia-se ao impacto de como as condições de comunicação, em um meio dado, determinam o enunciado e a própria comunicação. Todas essas observações mantêm estreito vínculo com as condições vivas em que se dão as trocas verbais, por meio de palavras escritas, mas com a natureza dialógica da palavra oral, em que dois interlocutores se esforçam para manter a sequência dialógica no universo de massas aperceptivas comuns, pressionados pela distância de vivências, experiências e conhecimento entre os dois. A situação extraverbal compõe o próprio enunciado, como afirmara Vološinov:

A troca verbal não pode jamais ser compreendida e explicada fora dessa relação em situação concreta. A troca pela palavra está inseparavelmente ligada aos outros tipos de troca; ela emerge do mesmo solo comum de troca de produção. (Vološinov, 2010, p. 513).

Deste modo, condições de troca e enunciados se fundem em uma totalidade na qual as massas aperceptivas podem dialogar, em formas mediatizadas e não mediatizadas. Por outro lado, a análise revelou os riscos de se aplicar categorizações a enunciados múltiplos, em situações múltiplas, construídos por meios também múltiplos, pelos quais a palavra desliza. As fronteiras sugeridas pelas categorizações desmoronam quando submetidas à complexidade da troca verbal humana. Na relação com o outro, os signos nos enunciados são apropriados com os valores que a eles dão os seus interlocutores, em uma situação concreta.

O conceito de massa aperceptiva de Jakubinskij será, no capítulo seguinte, aproximado a conceitos de Bakhtin, de Volóchinov e de Vigotski a respeito do ato de ler como ato dialógico entre quem escreve e quem lê. Entram em debate, por isso, os aspectos materiais e imateriais deste ato com os quais tanto se preocupam os professores em sua vida diária.

## Aspectos imateriais no ato de ler

Entre tantas abordagens possíveis no interior do imenso universo de pesquisa, seja qual for a área, o ato de ler ocupou e continua a ocupar amplos espaços de debates, notadamente no campo específico do ensino para onde convergem os estudos deste ato indócil. A escolha do ponto de abordagem se ampara na visão de que o ato de ler histórico-sócio-cultural construído pelos homens é o objeto a ser ensinado. Não seria possível conceber o ato de ler como objeto fora do homem. Se homem não se aparta do objeto, isto é, do ato de ler, ele então o encarna. A característica indócil do ato que impede sua conformação como objeto isolado revela que os homens o praticam em situações múltiplas, em suportes múltiplos, com intenções múltiplas. Há, por isso, que considerar nessa multiplicidade de atos a relação dialógica entre quem registra seu pensamento verbalizado, em suportes fora da mente, com quem se encontra disposto ao diálogo por esses registros. Há ainda a considerar a troca cultural feita entre homens, por meio da linguagem verbal escrita, que vai compor o seu psiquismo.

Entre todos esses apontamentos constituintes dos atos múltiplos de ler, é preciso eleger o tema nuclear a ser abordado, sem desqualificar os demais, que, girando a seu redor, o compõem. Esse tema ganha os seus contornos ao dirigir seu olhar para o homem que vai apreender os

atos e que por eles vai conceber o mundo. Ensinar os atos é legar às gerações emergentes os atos criados e organizados pelas precedentes. O tema, por isso, se encaminha para o estudo dos encontros verbais escritos entre homens – crianças, adolescentes ou adultos – cada um com seu conhecimento, com sua vivência (*das Erlebnis*) e com sua experiência (*die Erfahrung*).

A intenção é a de destacar o aspecto imaterial do ato de ler, representado pelo conjunto de vivências e de experiências culturais que compõe o psiquismo do leitor, e a sua relação com os aspectos materiais visíveis, representados pelos signos verbais registrados nos suportes, organizados em gêneros, registrados pelo escrevente que ocupa o outro polo de relações de trocas mediadas pela escrita. O ponto de partida será, por essa razão, o conceito de *massa aperceptiva* desenvolvido pelo linguista russo Jakubinskij, cujos princípios foram já comentados anteriormente.

É preciso seguir uma metodologia de análise que se apoie em recortes do pensamento de autores que se debruçaram sobre o conceito de massa aperceptiva, ou de outros que dele se aproximam, para compreendê-lo, para perceber o seu papel nuclear na aprendizagem dos atos culturais de ler e para apontar o grau de importância que a ele atribuem reconhecidos teóricos desse campo. O que me interessa agora é encontrar o conceito de massa aperceptiva desenvolvido por Jakubinskij em obras que tocam nas relações entre os homens mediadas pelo texto verbal escrito.

Jakubinskij elabora o conceito de massa aperceptiva, derivado do conceito de *apercepção* elaborado anteriormente por Leibniz (1646-1716), segundo nota de

rodapé dos seus tradutores: “O termo *apperzeption*, cunhado por Leibniz em 1714 em sua *Monadologia*, designa, segundo ele, uma clara tomada de consciência do objeto de conhecimento, em oposição à percepção não consciente.” (Jakubinskij, 2012, p. 168). Outra nota de rodapé, importante para entender as referências de Jakubinskij, é a que insere os tradutores para indicar que é de William James (1842-1910) que ele retoma o conceito de massa aperceptiva: “Jakubinskij utiliza essa expressão de acordo com William James, no sentido de conjunto de experiências e saberes anteriores necessários à compreensão e à interpretação de uma ação ou de um enunciado.” (Jakubinskij, 2012, p. 168).

Dessa nota, dois desdobramentos devem ser encaminhados para comentários: a respeito do conjunto de experiências e saberes anteriores e a respeito da necessidade deles para a compreensão e interpretação de enunciados. Esses dois postulados são as bases sobre as quais me apoio ao insistir no caráter essencial do aspecto imaterial do ato de ler, isto é, da compreensão, ou dito de outro modo, do diálogo entre quem escreve e quem lê. O primeiro comentário exige a retomada dos conceitos de *das Erlebnis* e de *die Erfahrung* já anunciados, porque especificam vivência e experiência, constituintes da consciência e, portanto, a base de onde parte o leitor para se encontrar com o escritor. Enquanto as experiências são apropriadas na partilha dos conhecimentos entre os homens, as vivências ganham as características do que é emocionalmente sentido nas situações da vida, mas tornadas conscientes por meio dos signos. Tylkowski (2012, p. 159), em seus estudos sobre os traços de Dilthey (1833-1911) em Volóchinov, retoma esses dois conceitos:

[...] Dilthey designa por “vida” a percepção interna dos fatos psíquicos como um conjunto coerente, evidente, claro e distinto, cuja autenticidade (diferentemente do mundo psíquico estudado pelas ciências da natureza), não pode ser colocada em dúvida. (Dilthey, [1894] 1947: 189). De onde a importância dada ao conceito de “vivência” (*Erlebnis*), que Dilthey distingue da noção de “experiência” (*Erfahrung*) como percepção da realidade exterior (v. Zacaï-Reyners, 1995: 24.). A “vivência” individual constitui a base sobre as quais os homens se compreendem e apreendem os produtos de suas atividades.

São as vivências e as experiências que compõem o conceito de massa aperceptiva retomado por Jakubinskij, considerado como o dado fundamental para a troca dialógica entre locutor e ouvinte, entre escritor e leitor. Se for pouco nutrida pelas experiências e vivências, a massa se esvazia e estanca a formação do leitor. Para melhor compreender a natureza específica dos traços distintos e próximos entre vivência e experiência, é necessário recorrer a dois verbetes de um dicionário alemão-português e em seguida a um dicionário de filosofia para ligar novamente o conceito de vivência a Dilthey. No primeiro caso (Langenscheidts Taschenwörterbuch, 2011, p. 835 e 833), o verbo *erleben* tem seus correspondentes em português *viver, presenciar, assistir, vivenciar*, e o substantivo *das Erlebnis*, dele derivado, indica *aventura, emoção, vivência*. O verbo *erfahren* recomenda em português a correspondência *chegar a saber* e, quando seguido de preposição *aus* (*de* no sentido de origem) indica *por experiência*. O substantivo *die Erfahrung* seria *experiência*. O dicionário Abbagnano de Filosofia registra que o conceito de vivência foi utilizado por Dilthey como

*experiência vivida*, “instrumento fundamental da compreensão histórica e, em geral, da compreensão inter-humana.” (Abbagnano, 2000, p. 1006). Conclui-se, desse conjunto de dados, que vivência e experiência são conceitos distintos, ambos constituintes da massa aperceptiva, base sobre a qual se instala o conceito de compreensão dialógica entre os homens e, aqui, em específico, da relação de troca verbal entre escritor e leitor, mediatizados pela linguagem escrita.

Jakubinskij insiste nessas funções:

A massa aperceptiva, que determina nossa percepção, inclui os elementos *constantes e estáveis*, que são formados entre nós pelas influências *constantes e repetitivas* de nosso próprio *meio ambiente* (ou de nossos meios), e de elementos *transitórios*, que aparecem nas condições a cada vez diferentes de um momento dado. São, claro, os primeiros os fundamentais; os segundos aparecem sobre o fundo dos primeiros, os modificando e os complexificando. A parte constitutiva desses primeiros elementos é formada, antes de tudo, pelos elementos *verbais*, quer dizer, simplesmente pelo conhecimento de uma língua [*jazyk*] dada e pelo domínio de seus diversos estereótipos [*sablony*]. (Jakubinskij, 2012, p. 109. Grifos no original).

Nesta citação nos interessam os conceitos do que é estável e transitório no conjunto da massa aperceptiva. Os elementos verbais constituintes da língua escrita dão estabilidade aos registros gráficos, alinhavados em estereótipos, ou seja, em gêneros dos enunciados, nos quais se encontrarão escritor e leitor em trocas dialógicas culturais, transitórias, isto é, instáveis, que se modificam e se complexificam ininterruptamente à medida que os

homens, em troca, realimentam as suas vivências e experiências, em suma, renutrem a sua massa aperceptiva, necessária para a compreensão inter-humana. Ao comentar e destacar que as abreviações e omissões não são simples curiosidades linguísticas, mas parte de um jogo entre escritor e leitor, ele já insistia que nós não percebemos “todos os elementos da palavra, mas somente os necessários entre eles, completando o resto por uma ‘conjetura’, reposicionando pela assimilação a massa aperceptiva, determinada diretamente pela sequência verbal que precede a percepção de uma palavra dada.” (Jakubinskij, 2012, p. 113).

O ato cultural de ler compreende, deste modo, o conhecimento da língua que serve de mediação estável, mas esse conhecimento é insuficiente, porque é o conjunto de conhecimentos a ser trocado entre escritor e leitor que lhe dá condições de existência. A compreensão germina no campo do diálogo entre um e outro, amalgamados por vivências e experiências aproximadas, constituintes de sua massa aperceptiva com traços comuns.

Para concluir os comentários de Jakubinskij é necessário inserir suas palavras sobre a alusão e a conjetura, isto é, ao fato de a linguagem apenas sugerir, sem explicitamente dizer. Para ele, no campo do ato cultural de ler, “a compreensão por conjetura e o fato de falar por alusões, se se sabe “do que se trata”, por uma certa comunidade de massas aperceptivas de interlocutores – tudo isso joga um *papel considerável* ao longo da troca verbal.” (Jakubinskij, 2012, p. 123. Grifos no original).

## Volóchinov: diálogo, compreensão e conhecimentos partilhados

Aluno de Jakubinskij quando fazia a tese de doutorado que deu origem a *Marxismo e filosofia da linguagem*, Vološínov a ele se refere para dar-lhe os créditos a respeito do conceito de diálogo na Rússia daqueles tempos: “Encontra-se na Rússia apenas uma obra consagrada ao problema do diálogo do ponto de vista linguística: L.P. Jakubinskij ‘dialogičeskoj reči’. [Sur la parole dialogique], in *Russakaja reč’*, Petrograd, 1923.”. (Vološínov, 2010, p. 365, nota de rodapé. Grifos no original). Vološínov não cita diretamente Jakubinskij ao se referir ao conceito de *massa aperceptiva*, mas emprega a expressão *fundo aperceptivo*, constituído pela vivência. Enfatiza o conceito de apreciação que se manifesta quando leitor e escritor se encontram no terreno comum em que se dá o diálogo:

Com efeito, não é um ser humano mudo privado de enunciado que apreende o discurso do outro, mas um ser humano repleto de enunciados interiores. Toda a sua vivência, aquilo que se chama o fundo aperceptivo, é dada na linguagem do enunciado interior e é por esse meio que ele entra em contato com o enunciado recebida do exterior. A palavra entra em contato com a palavra. (Vološínov, 2010, p. 369).

São três os períodos da citação. Cada qual revela um Jakubinskij ali escondido, em diálogo com Vološínov, porque este não é um leitor do Outro desprovido de vivências e experiências, nem de massa aperceptiva, nem

de intenção de apreciação em relação às ideias do mestre. O primeiro período reforça a mesma ideia ao considerar o leitor um ser prenhe de enunciados interiorizados pela experiência e pela vivência, esta última fundida, no segundo período, com o fundo aperceptivo que dá, ao enunciado do escritor, a condição de se encontrar com o enunciado do leitor. No terceiro período, o conceito de diálogo de Jakubinskij é confirmado por Vološinov, ao promover o encontro entre duas palavras, entre dois enunciados, entre dois discursos, o de quem escreve e o de quem o lê.

Há outros tantos trechos em Vološinov nos quais se pode divisar o dedo de Jakubinskij. Neste que a seguir vem transcrito, a natureza estável dos elementos verbais e a natureza flexível do conjunto composto pela massa aperceptiva se manifestam no pensamento do discípulo ao analisar o fenômeno da compreensão:

O objeto principal da compreensão não é somente reconhecer uma forma linguística usada pelo locutor como forma conhecida, como 'isso mesmo', como se identifica precisamente, por exemplo, um sinal ao qual não se está ainda suficientemente habituado, ou uma forma de uma língua mal conhecida. Não, o objeto da compreensão consiste essencialmente não em identificar uma forma utilizada, mas a compreender em um contexto concreto dado, compreender seus sentidos em um enunciado dado, quer dizer, em compreender a novidade, e não simplesmente reconhecer a identidade. (Vološinov, 2010, p. 257).

Observações semelhantes serão encontradas em Bakhtin (2016). O embate do leitor com a palavra do outro

não se situa na forma sempre estável, mas no universo cambiante do enunciado concreto, além do reconhecimento da identidade da palavra, no vasto campo impreciso dos sentidos.

Fazer parte da mesma comunidade linguística não é a única condição de possibilidade troca verbal, mas também há a necessidade de fazer parte de uma organização social comum e organizada, a mesma em que se banham os enunciados trocados envolvidos pela mesma atmosfera social, no mesmo terreno de massas aperceptivas comuns, porque “é preciso que esses dois indivíduos estejam englobados na unicidade de uma situação social de proximidade imediata, quer dizer, que eles se encontrem, homem a homem, num terreno bem definido.” (Vološinov, 2010, p. 211). Jakubinskij impregna o pensamento de Volóchinov com o conceito de diálogo e de massa aperceptiva. A discussão ideológica, a palavra comum como meio de troca verbal e a situação social que envolve os homens em diálogo e o terreno comum da partilha repercutem as mesmas palavras de Jakubinskij, registradas de outro modo. Nessa mesma linha, tece o conceito do ato de ler e da compreensão da palavra escrita como ato responsivo: “Nós tivemos a ocasião de falar do tipo filológico de compreensão passiva, que exclui *a priori* toda resposta. Ao contrário, toda compreensão autêntica tem um caráter ativo e constitui um esboço de resposta.” (Vološinov, 2010, p. 337).

## Os mesmos traços em Bakhtin

Apesar de não ter sido aluno direto de Jakubinskij, Bakhtin sorvia, via Vološinov, as gotas do seu

pensamento que formariam a base de toda a concepção futura sobre linguagem: o diálogo como unidade do enunciado. Como o seu companheiro, Bakhtin se nutre desse conceito para formular as suas bases teóricas que seriam desenvolvidas nos anos futuros, durante e após a Segunda Guerra, principalmente no desdobramento do conceito de gêneros do enunciado nos anos 1950, cujos contornos foram dados inicialmente por Vološinov e por Medviédév. Ao incluir os gêneros da palavra ou do enunciado, mais conhecidos no Brasil como gêneros do discurso, Bakhtin dirige o olhar para o papel do Outro na troca verbal, para o que considera o papel do leitor. Essa proximidade entre eles pode ser verificada quando aborda o conceito de compreensão ativa e as condições comuns entre escrevente e leitor. Para ele, também, “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta [...]” (Bakhtin, 2003, p. 270). O caráter transitório da massa aperceptiva apontado por Jakubinskij, do aspecto imaterial do enunciado, recebe também comentários ao afirmar que “o sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do Outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão.” (Bakhtin, 2003, p. 382). O encontro entre os sentidos do escritor e os do leitor, em comunhão, atualiza os sentidos em sua caminhada infinita de desenvolvimento. A compreensão como troca e atualização de sentidos toca nos princípios jakubinskianos e resvala nos princípios de Vološinov, mas nada é mais próximo do que a observação que faz a respeito do conceito de comunhão, de fraternidade, que

revela a natureza do compartilhamento de zonas fronteiriças de vivências e de experiências entre leitor e escritor trocadas por meio da palavra:

O aspecto propriamente semântico da obra, ou seja, o *significado* dos seus elementos (primeira etapa da interpretação) é, em princípio, acessível a qualquer consciência individual. Mas esse elemento semântico-axiológico (inclusive os símbolos) só é significativo para os indivíduos ligados por certas condições comuns de vida [...], em suma, por laços de *fraternidade* em um nível elevado. Aí ocorre a *comunhão*, em etapas superiores a comunhão no *valor supremo* no limite absoluto. (Grifos no original). (Bakhtin, 2003, p. 406).

A comunhão em Bakhtin se aproxima da massa aperceptiva comum em Jakubinskij, necessária para o diálogo e para a compreensão. O ato de ler, como ato cultural que permite a troca entre os homens, é alimentado pelo mecanismo de perguntas e de respostas. Para Bakhtin, sobretudo,

Pergunta e resposta não são relações lógicas; não podem caber em uma só consciência (uma e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. [...] Se a resposta não gera uma pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal. (Bakhtin, 2003, p. 408).

O diálogo une perguntas e respostas, respostas e perguntas, em movimentos geradores de sentidos que estreitam os laços do psiquismo entre escritor e leitor, entre leitor e escritor, em dupla via, como é a natureza do diálogo.

Em vez de usar a expressão *massa aperceptiva*, Bakhtin usa *fundo aperceptivo* e *campo aperceptivo*, sem referências a Jakubinskij ou a Vološinov, quando comenta a necessária proximidade ou comunhão entre escritor e leitor:

Por exemplo, os gêneros de literatura popular científica são endereçados a um determinado círculo de leitores dotados de um determinado fundo aperceptivo de compreensão responsiva; a outro leitor está endereçado uma literatura didática especial e a outro, inteiramente diferente, trabalhos especiais de pesquisa. Em todos esses casos, a consideração do destinatário (e do seu campo aperceptivo) e a sua influência sobre a construção do enunciado são muito simples. Tudo se resume ao volume dos seus conhecimentos especiais. (Bakhtin, 2016, p. 64).

Inegavelmente, Bakhtin tomou os conceitos de Jakubinskij, como parece ter tomado os de Vološinov, a respeito do entendimento da compreensão não como o reconhecimento pelo leitor da identidade da palavra do Outro, mas como uma busca pelo traço de novidade. Ele enfatiza, na mesma linha do amigo de seu círculo, mas vinte anos depois, que compreensão não é uma ação que dubla, que repete o pensamento do outro:

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (Bakhtin, 2016, p. 26).

O ato de compreensão, ampliado por Bakhtin, está longe do entendimento de saber trocar as palavras do outro, inscritas no texto, pelas palavras da criança ou adolescente que o lê. Compreender seria o estabelecimento de relações entre massas aperceptivas diferentes, mas não distantes. Nessa relação, o leitor reage de alguma forma, sem se tornar um mero dublê do escritor. Aqui reside a discussão entre o caráter passivo e o ativo de papel do leitor, um dos polos desta relação.

### Jakubinskij em Vigotski: pensamento e palavra na fala interior

Se Vološinov e Bakhtin não se referem diretamente ao pensamento de Jakubinskij, Vigotski, por sua vez, dá a ele os créditos merecidos ao retomar seus estudos sobre as abreviaturas e as alusões. Antes de referenciar o mestre de Vološinov, ele recupera apontamentos de Tolstói (1828-1910) a respeito do assunto que, inegavelmente, se encontram em Jakubinskij: “Tolstói chama a atenção para o fato de que, entre pessoas que vivem em um grande contato psicológico, a compreensão baseada apenas em uma linguagem abreviada, a meias palavras, é mais uma regra que uma exceção.” (Vigotski, 2001, p. 450). O que seria para Tolstói, via Vigotski, esse grande contato psicológico senão a massa aperceptiva comum, as experiências e vivências próximas, constituintes do psiquismo, comum a escritores e a leitores, de que falava Jakubinskij? Vigotski estabelece, então, o vínculo entre Tolstói e a sua referência, ao afirmar que

O estudo desse tipo de abreviações do discurso dialógico levou Jakubinskij a concluir que a compreensão por suposição e o enunciado por insinuação a ela correspondente, sob a condição de que se conheça o assunto, e certa generalidade de massas aperceptivas nos interlocutores desempenham um imenso papel no intercâmbio verbal. (Vigotski, 2001, p. 450).

Vigotski repercute o pensamento de Jakubinskij ao evidenciar o conhecimento do assunto e a comunhão de massas aperceptivas dos interlocutores como condição para a compreensão de enunciados apenas sugeridos, não graficamente estendidos. Há certa insistência nesse tema, supostamente por ter sido convencido pelas aulas de seu mestre: “O diálogo sempre pressupõe que os interlocutores conheçam o assunto, que, como vimos, permite uma série de abreviações na linguagem falada e, em determinadas situações, cria juízos puramente predicativos.” (Vigotski, 2001, p. 454). As abreviações na linguagem falada são de natureza predicativa, tal como ele via a fala interior – predicativa, elíptica, truncada. A situação extraverbal e a comunhão de massas aperceptivas superam a parcimônia de dados dos enunciados, porque não são eles os determinantes, ao contrário, são as condições imateriais as que orientam o diálogo e, portanto, a compreensão. Há, todavia, uma de suas observações que faz reparos ao caráter de predicação, de elipses e de parcimônia de dados da linguagem escrita. Para ele, “é perfeitamente compreensível que esses dois momentos, que facilitam a abreviação da linguagem falada – o conhecimento do sujeito e a transmissão imediata do pensamento através

da entonação -, sejam totalmente excluídos pela linguagem escrita.” (Vigotski, 2001, p. 455).

Não há como não discordar dessa sua conclusão, porque na escrita – e Jakubinskij apontava isso também – a linguagem também pode ser abreviada, predicativa, elíptica e truncada. Ela se mostra como uma ferramenta gráfica inscrita em suportes, mas não é necessário que seja inteiramente estendida, porque, muito mais do que na oralidade, a troca verbal na linguagem escrita se estriba em massas aperceptivas comuns e quanto mais comumão, menos dependência há em relação ao aspecto gráfico.

O próximo capítulo não abandona os conceitos até agora discutidos. Entretanto, o objetivo será o de debater o conceito de mediação, termo encontrado em teorias divergentes de educação e cotidianamente agregado à função do professor, especialmente no campo da literatura para crianças. Novamente Sorokin terá seu papel, em companhia de Vigotski e de Volóchinov.



## Mediação e mediadores em discussão

No campo da literatura para crianças, o lugar ocupado pelos adultos – bibliotecários, pais e professores – é consensualmente o lugar ocupado pelo mediador. Esse aspecto consensual apoia-se a visão de aparência do fenômeno, porque há a percepção visual de um adulto que toma um livro nas mãos e intermedeia a relação da criança com esse livro e com seu conteúdo literário. Essa relação entre seres humanos, de gerações distintas, transposta para um esquema simplificado, acentua e justifica o consenso: há um livro com texto e ilustrações, parte da cultura humana, que compõe a literatura de um povo e que deve ser conhecido pelas novas gerações. O adulto estaria em posição intermediária, como neste esquema: livro de literatura – adulto – criança.

Analisado o esquema com as lentes da aparência não há como discordar do consenso. Como a função do investigador é a de pensar e de repensar constantemente suas abordagens de análise, alimentadas por diferentes princípios teóricos, é possível acoplar outras lentes e olhar para o mesmo processo por outra perspectiva. É este exercício que pretendo fazer aqui. Em palavras mais diretas, o objetivo é rever o papel de mediador atribuído ao adulto. Em vez de usar o termo *mediação*, optarei por usar o de *mediador* por se referir à uma manifestação concreta, ancorada em conjuntos de signos, mas a

referência a outros estudos respeitará o termo empregado na fonte de origem do conceito.

A tese a ser defendida pressupõe considerar os homens como seres humanos em relação mediada por signos organizados em gêneros que compõem o campo da literatura para crianças. Visto por esse prisma, o homem adulto não medeia, mas faz parte de um dos polos. Todavia, a tese considera também que o livro, isto é, a criação cultural humana, não se descola dos homens. Isso pressupõe que os homens criam histórias, livros, gestos e modos de ler e é esse conjunto que compõe o mediador. Portanto, as atitudes humanas, ao lidar com a literatura, são compostas por signos que se fundem a ela. Neste aspecto, e somente neste aspecto, é que o homem compõe o conjunto mediador, mas não ele mesmo, isoladamente, como ocupante único desse lugar. Os argumentos arrolados para a defesa desta tese incluem o pensamento dos russos Valentim Volóchinov, de Lev Vigotski, e o pouco conhecido Pitirim Sorokin (1889-1968).

As lentes teóricas que reinterpretem esse papel de mediador têm como referência os estudos de Vigotski em relação ao conceito de mediador atribuído aos signos e, em um olhar mais amplo, a toda a cultura humana, porque os signos seriam os instrumentos de constituição do pensamento. Entre a geração adulta e a outra que nasce interpõem-se os signos, a cultura, a arte, e também a literatura para crianças, considerados como os reais mediadores, porque portam com eles os gestos, os atos, os materiais, os instrumentos e os modos de operar humanos. De Volóchinov serão recuperados o conceito de signo ideológico no vasto mundo da criação ideológica

onde se situa a literatura para crianças e o seu papel na formação da consciência. Os aportes vindos de Sorokin, via Tylkowski (2012) destacarão o conceito de fato social, o papel das trocas sociais entre os grupos humanos e, sobretudo, a origem do conceito de mediador e de sua estrutura. Tanto Vigotski quanto Volóchinov podem ter se nutrido dos estudos de Sorokin para desenvolver algumas de suas teses sobre mediadores.

Para perseguir a demonstração, o desenvolvimento da tese se apoiará também nos princípios de cultura como forma de humanização, da necessidade de se oferecer às crianças as formas ideais (Vigotski, 2010) de cultura desde o nascimento, e no princípio de que o homem histórico, cultural e social se funde, pelos seus atos culturais, com sua criação, e pode, por isso, ocupar, somente nessa condição de signo, a função de mediador, porque essa função primeira pertenceria exclusivamente aos signos.

## Os aportes da filosofia da linguagem e da teoria histórico-cultural

Um dos pontos teóricos dos argumentos aqui apresentados tem como referência o caráter mediador do signo, considerado ideológico, especialmente o signo verbal escrito, matéria-prima da obra literária, e o signo de modo geral, instrumento pelo qual o homem compreende a realidade e age sobre ela. Por essa razão, necessário é compreender a noção de signo ideológico, o lugar que ele ocupa na criação da cultura humana e a sua ligação com os meios de produção da base econômica; dito de outro modo, o lugar que ele ocupa na

superestrutura social, no mundo ideológico, e seus vínculos com a infraestrutura. Essa abordagem foi bem discutida por Volóchinov em sua obra mais conhecida no Brasil – *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: “O problema da correlação entre a base e as superestruturas [...] pode ser, em grande parte, compreendido justamente no material da palavra.” (Volóchinov, 2017, p. 106). A base seria constituída pelas relações humanas direcionadas para e pela produção econômica. As relações refletiriam a organização econômica, a relação entre capital e trabalho, a produção de bens, o acesso a eles, a sua distribuição e a sua partilha. São essas relações de base, de infraestrutura, que estabelecem vínculos estreitos com a criação cultural humana, situada em outro patamar das relações, na superestrutura, já que “a essência desse problema se reduz a *como* a existência real (a base) determina o signo, e *como* o signo reflete e refrata a existência em formação.” (Volóchinov, 2017, p. 106. Itálicos no original). Não há, portanto, reflexo da realidade de uma instância à outra, mas refração, porque a criação cultural, cuja matéria é o signo, interpreta essa realidade conforme são estabelecidas as relações dos homens que a recriam.

No reino da criação literária para crianças, o livro com suas histórias seria o objeto mediador entre o homem e a realidade; a palavra verbal escrita e as imagens refratadas assumiriam profundamente a sua função de signos ideológicos situados na relação entre o adulto e a criança que chega ao mundo, uma vez que “a palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas [...] Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social.” (Volóchinov, 2017, p. 106). A literatura infantil,

como criação cultural, então, penetra e compõe a comunicação social.

A tradução do russo para o francês feita por Sériot e Tylkowski-Ageeva da obra de Volóchinov substitui a expressão “comunicação social” por “troca social” (Vološínov, 2010, p. 151), mais próxima das relações humanas, pelas quais os homens dão e recebem os bens culturais já criados. Deste ponto de vista, a literatura para crianças, como bem cultural, permite que adultos e crianças troquem gestos, intenções, saberes, condutas, sentidos e apreciações. O signo, aparentemente fixado nos suportes, é sensível às mudanças sociais que se desenrolam na infraestrutura: “É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados” (Volóchinov, 2017, p. 106, *italicos no original*), isto é, na infraestrutura. O signo verbal, na essência de seus sentidos, se modifica conforme são modificadas as trocas e as mudanças sociais, porque ele mesmo dá condições para a criação das relações e para a recriação ininterrupta da cultura. Concebe-se, consideradas essas condições, o seu papel de mediador sensível.

A palavra artística escrita, inscrita em suportes diversos, é manifestação concreta do ser humano que dela faz seu instrumento de recriação da realidade, de criação da cultura e de troca social entre homens e entre gerações. Há, entretanto, outras manifestações e criações *sígnicas*, além do campo da palavra verbal, que compõem um conjunto ao qual Volóchinov (2017, p. 93) nomeia como o universo ou o mundo dos signos: “Desse modo, além dos

fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: o *mundo dos signos*.” (Itálico no original). Ora, esse mundo povoado de signos não seria constituído por signos-palavras apenas, mas por muitos outros, porque “os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo.” (Volóchinov, 2017, p. 93). Pode-se entender que os gestos são signos; a conduta e a expressão física e intelectual humanas são signos. Portanto, o adulto bibliotecário/professor/pai pode compor, ao se relacionar com a criança por meio do livro, e com ele também, um conjunto signífico, isto é, um conjunto semiótico. Esta hipótese será retomada mais à frente. Por ora, é preciso destacar a natureza ideológica dos signos, entre os quais as palavras e as ilustrações de uma obra, e, por que não, as expressões, os olhares, os gestos, as apreciações, os julgamentos visíveis, audíveis e as intenções percebidas.

A função e a natureza do signo são determinantes para a compreensão da realidade, na qual se inclui o homem, porque são, ao mesmo tempo, instrumentos de compreensão da realidade e instrumentos de formação da consciência humana, portanto, profundamente essenciais ao longo da vida e por meio dos quais são feitas as escolhas e são tomadas as decisões que formarão o psiquismo:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e

refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. (Volóchinov, 2017, p. 91).

Quais são os destaques desta citação para o que aqui me interessa? A ideia de que o produto ideológico que se situa na superestrutura, portanto no reino da criação cultural humana, refrata a realidade a seu modo, mas não a reproduz, nem dela faz uma cópia, é um dos destaques. A refração da realidade e a função do signo são referendadas por Volóchinov (2017, p. 93): “O signo não é somente uma parte da realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico, e assim por diante.”

O segundo destaque é o de que um corpo físico, não como parte da realidade, mas tomado como algo que remete a uma significação fora dele, pode vir a ser um signo. Adiante, este aspecto será retomado quando Sorokin será chamado a me auxiliar na argumentação. Pode-se pensar no corpo humano, não como um corpo biológico, mas como instrumento de uma consciência que faz trocas com outras, como no caso da sessão de leitura, da partilha de atos de ler livros de literatura com crianças. Neste caso, pode-se reiterar: a consciência e o corpo físico fundidos se tornam signo. O terceiro destaque se refere ao valor ideológico do signo, isto é, há sempre apreciação valorativa na percepção e na manifestação humana por signos, esses mediadores fundamentais das trocas sociais.

Em suma: os signos, sejam quais forem, têm natureza ideológica e, portanto, portam valores sujeitos a

apreciações e julgamentos. As relações de troca cultural entre gerações, em que a literatura para crianças ocupa o papel de mediadora, são constituídas por signos visuais, enunciados verbais escritos, ilustrações, gestos, expressões corporais, enunciados verbais orais, entonações, ênfases, timbres, todos eles plenos de valores e de ideologia, fundamentais para a formação da consciência e da própria condição humana.

### As formas ideais de cultura em Vigotski

Vigotski atribui fundamental papel às formas ideais de cultura no processo de humanização das crianças como seres da espécie em desenvolvimento ontogenético e filogenético. O entorno cultural, isto é, o meio – e aqui estão incluídos a criação cultural e os homens que as criam, as distribuem e as manipulam – desempenha função incontornável na formação do psiquismo e no legado cultural entre gerações. Entre essas formas ideais de cultura destaco a invenção histórica e cultural da literatura para crianças, sua divulgação e sua prática social. Para melhor compreender esse conceito de forma ideal é preciso recorrer às observações sobre a relação entre o meio, entendido como o entorno cultural, e o desenvolvimento da criança. Vigotsky faz uma indagação inicial a respeito e ensaia uma resposta com o intuito de delinear gradativamente o conceito:

Em que consistem essas relações específicas entre o meio e o desenvolvimento, se falamos sobre o desenvolvimento da personalidade da criança, sobre as qualidades específicas do homem? A mim me parece que essa

particularidade consiste no seguinte: no desenvolvimento da criança, naquilo que deve resultar ao final do desenvolvimento, como resultado do desenvolvimento, e que já está dado pelo meio logo de início. E não somente dado pelo meio logo de início, mas, também, influente nas etapas mais primeiras do desenvolvimento da criança (Vigotski, 2010, p. 693).

A incorporação, nesta argumentação, do pensamento de Vigotski e destes trechos de sua autoria deriva da minha intenção de analisá-los com as lentes dos estudos da literatura, considerada criação formadora da cultura humana, composta não somente pelo objeto cultural, mas pelos atos culturais humanos que a impregnam desde a sua criação, pela escolha dos suportes, pelos modos de circulação, pelos modos de ler e pelos modos de apreciar. Orientado por esse olhar, as palavras de Vigotski insistem que a formação intelectual esperada no final do desenvolvimento do homem deve estar já no seu entorno desde o início de sua vida. Se os homens e suas instituições esperam e desejam que os adultos das gerações emergentes sejam leitores de literatura, ou mesmo recriadores de literatura, é necessário que essa forma ideal de cultura, integral e complexa, faça parte do universo infantil desde os primeiros momentos de seu desenvolvimento, não somente como objeto isolado, mas como objeto das relações humanas. Se houver a ausência dessa forma ideal na infância, se as crianças forem dela privadas, ficarão à margem de um aspecto da cultura humana, essencial para seu desenvolvimento ontogenético, com consequências para o desenvolvimento filogenético.

O conceito de forma ideal se esboça um pouco mais em Vigotski, porque essa forma é a ideal, a esperada, a desejada, ou, ainda, a necessária, a crucial para o desenvolvimento pleno do homem. É como se fosse um ponto de chegada (embora o ponto de chegada sempre se desloque) do desenvolvimento desejado:

Combinemos que essa forma desenvolvida, que deverá aparecer no final do desenvolvimento infantil, será chamada, assim como fazem na pedologia contemporânea, de forma final ou ideal – ideal no sentido de que ela consiste em um modelo daquilo que deve ser obtido ao final do desenvolvimento – ou final – no sentido de que é esta a forma que a criança, ao final de seu desenvolvimento, alcançará. (Vigotski, 2010, p. 693).

Ocultar a forma ideal na infância é impor obstáculos ao desenvolvimento intelectual, cultural, social do homem. Significa, portanto, retardar o processo de humanização. Por um olhar imbuído pela importância da literatura para crianças, vê-se que os adultos, os livros lidos e por eles manipulados em suas relações, compõem uma forma ideal que desde os primeiros momentos da vida promovem o desenvolvimento intelectual, social e psíquico:

A maior particularidade do desenvolvimento infantil consiste em se tratar de um desenvolvimento que ocorre em condições de interação com o meio, quando a forma ideal, a forma final, esta que deverá aparecer ao final do desenvolvimento, não somente existe no meio e concerne à criança logo desde o início, mas realmente interage, realmente exerce influência sobre a forma primária, sobre

os primeiros passos do desenvolvimento infantil, ou seja, em outras palavras, há algo, algo que deve se construir bem ao final do desenvolvimento, e que, de alguma maneira, influencia logo o início desse desenvolvimento. (Vigotski, 2010, p. 693).

As assertivas a respeito do papel da literatura podem até ser contestadas, porque adultos ávidos leitores de literatura podem não ter tido a oportunidade de viver em um meio cultural, quando crianças. Ou, em caminho inverso, crianças que viveram situações culturais com essas formas ideais não mantiveram, quando adultas, as mesmas atitudes intelectuais. Somente pesquisas específicas poderiam encontrar razões, acontecimentos, situações de vida, relações humanas que explicariam essas hipóteses. Vigotski, de seu lado, mencionava, ainda que de modo bem genérico, pesquisas que indicavam ser a ausência da forma ideal desde o início como um obstáculo ao desenvolvimento pleno. Ao inserir a observação, levanto a hipótese de que os adultos não leitores de literatura na infância não terão o mesmo desenvolvimento no ponto de chegada em relação àqueles que a leram. Assim se manifesta Vigotski sobre isso:

Pesquisas mostram que iriam, mas de forma extraordinariamente singular, isto é, as ações sempre irão se desenvolver de modo muito lento, muito particular e nunca atingirão aquele nível que atingiriam quando existe no meio uma forma ideal correspondente. (Vigotski, 2010, p. 695).

Por fim, Vigotski insiste que o processo de formação humana toma como princípio o processo de apropriação da cultura, em todas as suas formas e manifestações,

portanto, de todas as suas formas ideais constituídas pela cultura material e pela cultura imaterial impregnadas pelas intenções, atitudes e gestos humanos.

Essas formas ideais influenciam a criança desde os primeiros passos que ela dá rumo à dominação da forma primária. E, no decorrer de seu desenvolvimento, a criança se apropria, transforma em suas aquisições interiores aquilo que, a princípio, era sua forma de interação externa com o meio. (Vigotski, 2010, p. 698).

Ao entender a literatura para crianças e os modos como os homens a criam, a usam e a transmitem como um conjunto semiótico, quero compreender que as gerações humanas em uma cultura determinada, em um espaço geográfico determinado, tomam esse conjunto como o mediador de suas relações. Esse conjunto mediador porta, em seu núcleo, a materialidade, a imaterialidade e os atos culturais humanos. Os signos medeiam as relações, por isso os atos humanos também compõem esse universo sógnico. Entretanto, há um duplo papel para o homem: é mediado, este é o primeiro papel porque está nas relações em que a forma ideal ocupa o lugar de mediador, mas ao usar e ao se impregnar da forma ideal, assume o segundo papel, porque ele se funde com o livro pela forma ideal de lê-lo, de usá-lo, por isso se torna também um signo que contribui para a composição do conjunto semiótico da forma ideal de mediador. A criança não se apropria da literatura como uma forma ideal isolada do homem, mas se apropria dela por inteiro, impregnada pelos atos humanos de ler literatura, portanto, bem específicos.

## A função mediadora dos signos em Vigotski

Para abordar a temática dos signos como mediadores e a que enfatiza a necessidade de desenvolvimento cultural do homem, convém esclarecer que o fio condutor para essa abordagem será feito pelos fios tecidos por Nascimento (2014) ao estudar esses conceitos em Vigotski. Portanto, aqui serão expostos os pensamentos de Vigotski acerca dessas temáticas, mas encaminhadas pelo olhar de Nascimento (2014).

A respeito da cultura e de seu papel na formação humana, o referido pesquisador registra que Vigotski vê “o desenvolvimento cultural como ‘o domínio de meios externos da conduta cultural e do pensamento, ou o desenvolvimento da linguagem, do cálculo, da escrita, da pintura, etc.’” (Vygotski, 1930/1995b, p. 34 Apud. Nascimento, 2014, p. 144). É nesse universo cultural que se insere a literatura para crianças e seu papel no desenvolvimento pleno do homem, resultante das relações entre os homens no mundo social, porque

Para Vygotski (1930/1995d, p. 150), a etapa externa da história do desenvolvimento cultural é social, ou seja, encontra-se no conjunto das relações humanas. Vygotski (1930/1995d, p. 150) entende que, por trás do desenvolvimento de todas as funções superiores, estão as relações sociais – as relações humanas. [...] “cada forma nova de experiência cultural não surge simplesmente desde fora, independentemente do estado do organismo no dado momento de desenvolvimento, mas que o organismo, ao assimilar as influências externas, ao assimilar toda uma série de formas de conduta, as assimila de acordo com o nível de desenvolvimento psíquico em

que se encontra.” (Vygotski, 1930/1995d, p. 155). (Nascimento, 2014, p. 145).

É importante destacar na citação a ideia de que o desenvolvimento do homem depende de suas relações com os outros homens, logo, a criança tanto mais se desenvolve culturalmente quanto mais se relacionar com os adultos que estão no outro polo do esquema de relações em que uma manifestação cultural criada e em permanente recriação, como a literatura, ocupa o lugar de mediação. O que medeia a relação entre eles é esse bem cultural composto por um conjunto semiótico complexo. Esse conjunto é gradualmente apropriado pela criança, isto é, “toda uma série de formas de conduta”. Isso vai ser fundamental na sua formação e em seu processo de humanização.

Esse conjunto de signos exerce o papel de mediador entre as duas gerações, uma vez que “para Vygotski (1930/1995d), é graças ao signo que se estabelece a comunicação, pois, o signo é o traço fundamental do desenvolvimento superior das relações mediadas dos homens.” (Nascimento, 2014, p. 188). Ao se referir às relações humanas como mediadas, Vygotski sugere que existe entre os homens algo que os medeia, isto é, os signos, e com uma visão mais ampliada pode-se afirmar que são os bens culturais compostos por signos, e sob uma visão mais específica, a literatura para crianças em qualquer forma física ou virtual impregnada dos gestos humanos. Nas relações entre adultos e crianças há uma abundância signíca que estreita o vínculo entre um e outro, que vem fortalecer o elo de desenvolvimento cultural e intelectual da espécie.

Apesar de o protagonismo do mediador ser assumido pelos signos, o adulto se funde a eles, porque as suas práticas e os seus gestos são também signos, por isso é ele, como afirmei antes, nessa condição de signo, também um mediador, como Nascimento recorta e destaca no trecho abaixo de Vigotski:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento, toda a história do desenvolvimento psíquico da criança nos mostra que consegue adaptar-se ao entorno, graças a mediações sociais, por intermédio das pessoas que a rodeiam. O caminho da coisa à criança e desta à coisa, passa por intermédio de outra pessoa. A transição desde a via biológica à social do desenvolvimento é a conexão chave no processo de desenvolvimento, um ponto de inflexão crucial na história do comportamento da criança. Nossos experimentos demonstram que o caminho por intermédio de outra pessoa é a autoestrada [rodovia, via de circulação] central do desenvolvimento da inteligência prática. Aqui, a fala desempenha um papel primordial. (Vygotski e Luria, 1931/2007, p. 28-29 apud Nascimento, 2014, p. 197).

As palavras de Vigotski e de Luria sobre o desenvolvimento da criança dão protagonismo às mediações sociais, isto é, aos seres humanos que estão no entorno da criança e que se situam no caminho entre a criação cultural, a coisa, e ela, criança. A criação pode ser o livro de literatura. Entretanto, essa coisa não é um objeto isolado dos atos humanos, dos usos humanos, do fazer humano. A coisa, o objeto, a história criada, porta com ela esses atos todos que são, em síntese, o conjunto semiótico já aqui referido. É necessário considerar, por essa razão,

que o ser humano não é o mediador entre a criança e o bem cultural, mas ele próprio encarna o bem e a ele dá vida. O homem adulto não seria simplesmente uma estrada, como sugere a metáfora de Vigotski e de Luria. Se assim fosse, os signos e todo o conjunto semiótico não seriam os mediadores, mas os mediados, e a função de mediador, a de estrada, seria a do adulto. Esta composição contraria os princípios que atribuem aos signos essa função.

É clássico o argumento entre vigotskianos de que se a humanidade sofresse uma hecatombe e se somente um ser humano recém-nascido sobrevivesse, ele não se apropriaria da cultura humana, mesmo se os bens culturais continuassem existindo, porque não haveria o outro homem adulto que o ensinasse a compreender e a usar os bens culturais. Como vem sendo discutido até aqui, a coisa não se separa do homem e o homem não se separa da coisa.

## Fatos sociais e mediadores

Por quem o conceito de mediador teria entrado no cenário russo nos anos 1920? Para comentar esta interrogação que a mim me fiz, foi necessário recorrer aos estudos de Tylkowski (2012) sobre o contexto intelectual de que Volóchinov se nutria. Entre os sociólogos da época, a pesquisadora encontrou nos estudos sociológicos de Pitirim Sorokin (1889-1968) as pistas que estabeleciam o elo entre esses dois pesquisadores. Volóchinov não teria tido contato direto com Sorokin, mas o conhecimento de sua obra teria sido feito por meio dos estudos de Pavel Sakulin (1868-1930) de quem ele era próximo e com quem

convivera em Nevel, nos duros tempos da crise econômica russa. Sorokin publicara dois tomos de *O sistema de sociologia*, muito citado por Sakulin, com previsão de oito volumes. O primeiro cuidou da interação entre os indivíduos e o segundo da interação entre grupos sociais. Os demais não foram publicados porque ele foi expulso da Rússia pelos bolcheviques em 1922 e se instalou posteriormente nos Estados Unidos. (Tylkowski, 2012).

Sorokin considera a interação entre dois indivíduos como o fato elementar de toda a vida social constituída pela interação entre grupos de indivíduos e grupos sociais. Para ele, “as vivências psíquicas [*psixiceskie perezivaniija*] ou os atos exteriores [*znesnie akty*] de um indivíduo mudam em função das vivências e dos atos exteriores de um outro (ou de outros) indivíduo(s)”. (Sorokin [1920] 1993:102, apud Tylkowski, 2012, p. 2017). Para analisar esse fato social elementar, ele propõe um método objetivo que considere “os atos, os movimentos, os gestos, as mímicas, o conteúdo da fala, a entonação, etc., como fato exterior observável” (Tylkowski, 2012, p. 217). Os estudiosos das obras de Volóchinov e de Vigotski encontram neste trecho pontos de contato entre os três, especialmente em relação à noção de troca, formação social do psiquismo e os signos exteriores como objetos de estudo. O conceito de mediador vai se constituindo a partir desse Outro, do fato social elementar e de sua estrutura, assim concebida por Sorokin, conforme registra Tylkowski (2012, p. 218):

Sorokin define o fato elementar como um fenômeno com três componentes: (1) ao menos dois indivíduos que condicionam mutuamente sua vivência e seu

comportamento; (2) os atos pelos quais os indivíduos se influenciam uns aos outros; e (3) os “mediadores” [*provodnik konduktori*] que veiculam os atos de um indivíduo a outro (ibi:142).

Os mediadores entre os homens são os signos exteriores, instrumentos que permitem a troca de atos sociais e, conseqüentemente, dão as condições para que os homens se influenciem mutuamente na formação de suas consciências. Antes, portanto, de Vigotski e de Volóchinov, Sorokin já tinha esclarecido o conceito de mediador e apontado quem são esses mediadores. Mais interessante ainda é o aprofundamento da conceituação que revela ser ele uma das possíveis fontes de onde Volóchinov e seus amigos, entre os quais Medviédov (1892-1938), Bakhtin (1895-1975) e Jakubinskij (1892-1945) teriam bebido da água que os levaria a escolher o diálogo amplo, não somente o diálogo face a face, como matriz das relações humanas. Para Tylkowski (2012, p. 219): “Sorokin define os ‘mediadores’ como os fenômenos que permitem interagir não somente as pessoas que se encontram em presença física imediata, mas também aquelas que estão separadas do ponto de vista espacial e temporal.”

Os estudos de Tylkowski revelam que Sorokin, em 1913, bem antes de Volóchinov, de seus amigos e de Vigotski, discutia o conceito de símbolo e de seu papel na vida social, como precursor de estudos semióticos. Os símbolos seriam os mediadores, isto é, os signos, uma vez que “Sorokin designa por mediadores os símbolos ou os signos que ele define como ‘as formas externas de todo pensamento [*mysl'*] e de todo ato consciente’. (Sorokin,

1913:10)” (Tylkowski, 2012, p. 219). As fontes de Sorokin para analisar o conceito de símbolo estariam, para Tylkowski, nos estudos linguísticos de Humboldt (1767-1835), pesquisador que Volóchinov situa no campo do subjetivismo idealista – e retomados por Potbenjá (1835-1891). Tylkowski o encontra em Sorokin para quem

a palavra humana é *inteiramente simbólica* já que ela exprime o pensamento, que ‘a vida social não é outra coisa senão o simbólico’ ou um *processo de troca de símbolos* (ibid: 12-13). Se Sorokin faz a distinção entre os ‘símbolos’ e os ‘símbolos de símbolos’ (ou símbolos de segundo, terceiro graus, etc.), no *Sistema sociológico*, ele opõe ‘mediadores físicos’ a ‘mediadores simbólicos’. (Tylkowski, 2012, p. 220, *itálicos no original*).

Neste trecho, estão inclusos a noção tão cara a Volóchinov de *troca social* por meio de signos/símbolos quanto o pensamento de Vigotski ao se referir à escrita como um símbolo de segunda ordem, por tomar a linguagem oral como de primeira ordem: “É natural que uma fala sem sonoridade real, somente imaginada e representada, que exige simbolização de segunda ordem, resulte à criança tão difícil em relação à fala oral como a álgebra em relação à aritmética.” (Vigotski, 2012, p. 340). Sorokin e Vigotski se encontram na expressão “segunda ordem”, tão citada entre os vigotskianos.

Um dos objetivos anunciados na introdução deste capítulo fazia referência ao debate do papel de mediador conferido a professores, bibliotecários, como profissionais, ou a qualquer ser humano, em qualquer etapa da vida, quando introduz o outro na cultura humana, nas criações ideológicas, entre as quais se

acomoda a literatura para crianças. As incongruências, divergências ou deslizes conceituais certamente se manifestam em virtude de opções teóricas distintas, de pontos de ancoragens não próximos uns dos outros. Para os que querem se situar no campo dos estudos do enfoque Histórico-Cultural, onde se situa Vigotski, ou em um dos campos da Filosofia da Linguagem no qual se abriga Volóchinov, convêm melhor esclarecer o lugar de onde se posicionam para observar, na conceituação de Sorokin, o fato social elementar, a troca social por meio de signos e a distinção entre mediadores físicos e mediadores simbólicos, para quem “o ‘mediador’ é uma rede intermediária entre dois fatos psíquicos” (Tylkowski, 2012, p. 220).

Para discutir o papel simbólico de um mediador físico, Sorokin faz referência ao uso de um pano vermelho em países e situações não coincidentes. Em um país em tempos de paz, um trapo vermelho içado na rua causa especulações entre os transeuntes a respeito de seus sentidos e objetivos de quem o içou. Em um país estremecido por movimentos revolucionários os sentidos serão outros. Nas duas situações, *“o indivíduo que o içou pode condicionar o comportamento de outras pessoas pelas propriedades puramente físicas desse mediador”* (Tylkowski, 2012, p. 221, grifos da autora), mas

o indivíduo que içar uma bandeira vermelha determina e influencia o comportamento dos outros, menos pelas propriedades físicas do mediador, do que pela significação simbólica pela qual o mediador deve comunicar, ‘assinalar’ às outras pessoas (ibid. 183). (Sorokin apud Tylkowski, 2012, p. 221).

Estas afirmações de Sorokin, encontram-se, para Tylkowski (2012, p. 221), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Vološinov, notadamente ao encontrar nessa obra a afirmação de que “o signo tem uma significação que ultrapassa seu caráter de dado singular”, sem, entretanto, fazer qualquer referência a Sorokin.

O professor/bibliotecário/ ou qualquer ser humano, em seu aspecto físico, por si só não é um mediador, mas poderá vir a ser, se compuser um amplo conjunto semiótico a ser apropriado pela geração emergente. Ainda em Vološinov há referência mais próxima à simbologia do tecido vermelho de Sorokin, ao fazer referência à foice e ao martelo no emblema da URSS como símbolos ideológicos em vez de apenas uma imagem dos objetos. Reafirma o que dissera Sorokin: “Todo corpo físico pode ser também percebido como uma imagem de qualquer coisa [...] (Vološinov, 2010, p. 129), mas “um corpo físico, por assim dizer, idêntico a ele mesmo, nada significa, coincidindo inteiramente com seu caráter de dado único e natural” (Vološinov, 2012, p. 128). A referência ao pão e ao vinho no universo cristão também é por ele citada como exemplo de metamorfose de instrumento a signo: “Por exemplo, o pão e o vinho tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Mas um produto de consumo como tal não é em caso algum um signo.” (Vološinov, 2012, p. 129). Portanto, o homem pode vir a ser signo apenas na condição e na situação em que se remete para fora dele mesmo, como a foice e o martelo, como o pão e o vinho.

Ler livros com as crianças e para as crianças desvela um dos modos culturais dos atos de ler recriados e legados de uma geração a outra. Os signos, a literatura

para crianças, os modos de ler do homem, seus gestos e atitudes formam um conjunto semiótico que medeia essas relações. Os seres humanos em diferentes gerações se relacionam, neste caso aqui abordado, por uma forma de cultura – a literatura para crianças, que é uma das formas ideais na qual a criança deve mergulhar para dela se apropriar por meio de um outro, e, em seguida, recriá-la e legá-la às gerações subsequentes.

A convivência entre gerações durante dezenas de anos permite a apropriação e transmissão da cultura. Suas relações históricas rompem fronteiras e compõem um grande cenário em que se banham as gerações, de modo mais superficial ou mais profundo, conforme a intensidade maior ou menor de suas relações. As gotas que formam esse cenário/oceano cultural são as recriações e as criações culturais constituídas por signos de toda natureza, uma verdadeira babel semiótica por meio da qual o ser humano se alimenta de cultura para poder se desenvolver em seu processo de humanização. Humanizar-se é, então, experimentar, é viver o processo de apropriação dos signos culturais que medeiam as relações.

Professoras/bibliotecárias/pais que leem uma narrativa para crianças fazem parte dessas relações mediadas pelos signos. Eles próprios, com sua voz, seu corpo, seu olhar, suas entonações, com o seu modo de virar a página, de rolar a tela, se tornam formas ideais de cultura em processo de apropriação pelo outro. Ninguém gosta de formas ideais de cultura não conhecidas e não apropriadas, nem sabe, por isso, apreciá-las.

O papel dos seres humanos se alarga, porque são eles, ao mesmo tempo, agentes das relações com a cultura escrita, mas são eles próprios e seus gestos os objetos

culturais de apropriação e de transformação. Ensinar o ato de ler com suas múltiplas variações e compartilhar esses atos promovem o desenvolvimento do ser como espécie e estabelecem um real processo de humanização.

O adulto/professor não é, então, um mediador, uma estrada, como sugeriu Vigotski (apud Nascimento, 2014), mas pode vir a ser um signo cultural, social e ideológico que encarna outros signos e suas manifestações. Forma, assim, um conjunto híbrido de signos que vai mediar as relações de uma geração a outra e compor o mundo complexo do processo de humanização. Sem o homem precedente, que já se apropriou da cultura, não haverá a apropriação correspondente pelo homem subsequente. Bibliotecários, professores e pais são esses homens históricos, sociais e culturais, responsáveis por legar tudo isso às crianças que já nasceram e às que ainda nascerão. Todas essas questões aqui comentadas ficam por aqui, perambulando, mal acabadas, à procura de outras reflexões.

Na próxima etapa desta caminhada teórica de comparações, de confrontações e de discussões, há lugar ainda para comparar alguns trechos de traduções de MFL em algumas línguas. O leitor terá a oportunidade, nos próximos capítulos, os últimos, de analisar a pluralidade do ato de tradução.



## Estudos de conceitos e suas traduções em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*

Este capítulo dá início a comentários a respeito das escolhas feitas por tradutores, em diferentes línguas, em diferentes países e em diferentes épocas da obra mais conhecida de Volóchinov: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Na condição de pesquisador que recorre a traduções, entendo ser de boa conduta compreender conceitos para fazê-los entrar em disputa com outros elaborados por tendências divergentes. A disputa ajuda a esclarecê-los. Caso muito comum se dá entre os pesquisadores de Vigotski que estabelecem o contraponto de seus conceitos como os de outros autores e de outras tendências do campo da educação. Entretanto, entre eles há divergências a respeito da melhor tradução para o português deste ou daquele conceito.

Se no campo do Enfoque ou Teoria Histórico-Cultural havia divergências, na Filosofia da Linguagem não havia, até as últimas décadas do século passado, divergências conceituais, principalmente porque a grande referência era a tradução brasileira de MFL dos anos 1980, derivada da tradução francesa da década anterior. As traduções no presente século de outras obras de Bakhtin, de MFL, com autoria atribuída a Volóchinov, e da obra de Medviédev com propostas de uma abordagem social da análise

literária, trouxeram debates e atualizações de conceitos antes tomados sem contestações.

Evidenciou-se que as traduções não são nem melhores nem piores, umas em relação às outras, porque são, sobretudo, diferentes. O argumento em defesa desta afirmação reside no fato de que as traduções são feitas em línguas, em culturas, em épocas e contextos diversos. Por essa razão, o pesquisador que se debruça sobre as obras da filosofia da linguagem tem de atentar-se para os deslizamentos conceituais para poder fazer suas escolhas. Com elas, e com convicção, poderá fazer suas análises de dados de pesquisa.

Este capítulo tem a intenção de oferecer ao pesquisador de MFL, a possibilidade de analisar traduções de alguns conceitos, frequentemente citados, entre eles, sentido, significado, enunciado, troca verbal, meio, ideologia. Para isso, será preciso recorrer ao conceito de contexto.

Tylkowski (2012) atribui o conceito de *contexto* ao conjunto de obras publicadas, às discussões e aos temas presentes nos debates e nas instituições científicas em uma determinada época, que podem servir como referências a pesquisadores. Volóchinov, Bakhtin e Medviédev, considerados nos anos 1970 membros de um círculo produtivo nos anos 1920, banharam-se no mesmo conjunto de ideias no período pós-revolucionário na Rússia. Ao serem traduzidas para o francês nos anos 1970, as obras de Bakhtin sofreram, como afirma Tylkowski, “certa *modernização* quando da sua introdução na França por Julia Kristeva que as apresentou em um seminário dado por Roland Barthes em 1966.” (Tylkowski, 2012, p. 13. Grifo da autora). O contexto francês no período da

tradução de MFL era caracterizado, entre outros aspectos culturais, pelo “apogeu do paradigma estruturalista com a ‘morte do sujeito’; pela ‘emergência da teoria da enunciação de Émile Benveniste’; pelo ‘desenvolvimento da análise do discurso (Pêcheux)’; ‘pela leitura de Marx e Engels por Althusser’; e pelo ‘interesse por tudo o que se passava no Leste, no plano literário e no plano político’.” (Tylkowski, 2012, p. 13-14).

Tylkowski (2012) delimita o período do contexto de Volóchinov, entre 1890, ano em que o marxismo foi introduzido na Rússia, e 1930, porque depois dessa data Volóchinov nada mais publicou. Entretanto, esses limites inferiores e superiores do período são rompidos por ela:

Eu me permito algumas vezes ultrapassar esse limite para me referir à noção de signo em Santo Agostinho, aos Ideólogos, a Marx e a Engels, aos trabalhos sobre ‘discurso interior’, para mostrar a gênese das noções (de ‘signo’, de ‘ideologia’, de ‘discurso interior’) utilizados nos anos vinte pelos pesquisadores russos, entre os quais Vološinov. (Tylkowski, 2012, p. 30).

Nesse limite, a pesquisadora elege alguns temas e alguns autores. Os temas são as bases da linguística marxista e a recepção de Saussure na Rússia; os princípios da psicologia marxista, incluída a psicanálise; a filosofia da linguagem e o conceito de *palavra*; a análise das interações sociais, entre as quais a verbal; e o marxismo, sua aplicação, análise dos fatos verbais e os fenômenos da consciência. Os autores eleitos foram Rosaliia Sor (1894-1939), Gustav Spet (1879-1937), Georges Plekhanov (1856-1918), Lev Jakubinskij (1892-1945), Lev Vygotski (1896-

1934) e Konstantin Kornilov (1879-1957), mas outros não citados também foram por ela estudados em virtude de haver alguns princípios deles expostos nas argumentações em MFL.

Tylkowski (2012) tentou reconstruir o que considera a biblioteca virtual de Volóchinov, isto é, o que ele poderia ter lido quando elaborava a obra. Ao analisar o termo *ideologia*, faz incursões em direção não somente a Plekhanov, mas também a Lênin (1870-1924), Alexandre Bogdanov (1873-1928), Nicolas Bukharin (1888-1938), Vladimir Adorastkij, Isaak Razumovskij (1893-?), Eugéne de Roberty (1843-1915) e Pitirim Sorokin (1889-1968). Nesse cenário, a pesquisadora russa levanta uma hipótese:

Pode-se formulá-la assim: *o contexto intelectual geral da época (o 'macro contexto') no qual trabalha um pesquisador (em meu caso, Vološinov) tem um papel de primeiro plano na interpretação de sua obra, porque ele permite apreender o sistema de pensamento e de compreender suas ideias.* (Tylkowski, 2012, p. 31).

Por esse ponto de vista, sua hipótese se estende além do contexto cultural da elaboração de MFL, porque atinge o contexto cultural das épocas em que foram feitas as traduções no Ocidente, especialmente em uma França impregnada por conceitos estruturalistas, por teorias de enunciação de Benveniste (1902-1976) e da análise do discurso de Pêcheux (1938-1983) na área dos estudos de linguagem. Seu esforço é o de não ser influenciada, ao longo do tempo de suas pesquisas em fontes primárias na Rússia, pela “significação atual dos termos, e de apreender

os sentidos que os pesquisadores davam às palavras nos anos 1890-1920.” (Tylkowski, 2012, p. 33). Manifesta-se, nessa observação, a possibilidade de expressões e de termos russos terem sido traduzidos de acordo com o contexto intelectual do momento, de acordo com o contexto cultural do país de publicação e conforme a formação intelectual do tradutor, se de natureza técnica ou com conhecimentos linguísticos. Neste último caso, não deixa de ser relevante a vertente teórica a que se vincula. Essas razões levam o estudioso de Volóchinov a dedicar-se a uma tarefa quase impossível: a de lê-lo com as lentes do mundo intelectual russo dos anos imediatamente anteriores e posteriores à Revolução de 1917.

Nos tópicos a seguir serão alinhavados trechos com o intuito de destacar variações entre eles em relação a alguns termos. É necessário destacar que, do mesmo modo que as traduções são objetos de análise, as traduções do autor deste trabalho também se submetem aos riscos próprios dessa natureza. O objetivo, entretanto, é o de observar variações no interior mesmo das línguas vernáculas, em dado contexto histórico, em trechos do primeiro capítulo intitulado na primeira edição brasileira *Capítulo 1. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem*.

## Sentido, significado e enunciado

No segundo parágrafo do capítulo, a primeira edição brasileira registra que “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*.” (Bakhtin [Volochinov], 1988, p. 31. Grifos no original). O mesmo trecho é assim traduzido

em francês: “Tudo o que é ideológico possui um *sentido* (*sens*): isso representa, substitui qualquer coisa que é exterior a ele. Dito de outro modo, tudo que é ideológico é um *signo*. Aqui onde não há signo, não há ideologia.” (Vološinov, 2010, p. 127). O termo francês *sens* poderia indicar sentido ou significado, mas há especificamente *signifié* para *significado*, como o usado por Saussure (1995), como se verá nos parágrafos seguintes.

Há ainda, a supressão na edição brasileira da forma verbal *representa* e na última afirmação o termo *signos* vem no plural, diferentemente da francesa. A edição italiana também emprega os termos *significado*, *representa* e *signo* no singular, mas inclui a forma verbal *simboliza* em vez de *substitui*: “Tudo que é ideológico possui um significado: representa, simboliza, está para qualquer coisa que se encontra fora de si: é, quer dizer, um *signo*. Onde não há signo não há também ideologia” (Volosinov; Bachtin, 1999, p. 121).

A edição argentina utiliza a palavra *significación* em vez de *significado*; *reproduz* em vez de *substitui* e *simboliza*; introduz a palavra *produto* para se referir ao que é ideológico: “Todo produto ideológico possui uma significação: representa, reproduz, substitui algo que se encontra fora dele, isto é, aparece como signo. Onde não há signo não há ideologia.” (Voloshinov, 2014, p. 27). Em nota de rodapé, a tradutora observa:

Traduzo a palavra *znachenie* como “significación” e não como “significado”, posto que este último termo remete à dicotomia saussuriana *significante/significado*, para a qual em russo se usam outros derivados da palavra *znak*

(“signo”, a saber: *oznachaiuschee/osnachaiemoe*. (Voloshinov, 2014, p. 27).

Ao analisar a natureza e as duas faces do signo linguístico, isto é, o conceito e a imagem acústica, Saussure escolhe dois termos que formariam a dicotomia mencionada pela tradutora Tatiana Bubnova, isto é, um composto conceitual intensamente debatido nos estudos linguísticos do século XX. Assim escreve Saussure (1995, p. 99):

A ambiguidade desapareceria se se designassem as três noções aqui presentes pelos nomes que se chamam um e outro, opondo-as entre si. Nós propomos de conservar a palavra *signo* para designar o total, e de substituir *conceito* e *imagem acústica*, respectivamente, por *significado* (*signifié*) e *significante* (*signifiant*). Esses dois últimos termos têm a vantagem de marcar a oposição que os separa, seja entre eles, seja no total de que fazem parte.

Comparadas as quatro versões quanto à escolha da tradução da palavra russa *znachenie*, observa-se a similitude entre a primeira tradução brasileira (é necessário lembrar, via primeira francesa) e a italiana (*significato*) ao optarem por *significado*. Para escapar da possível aproximação com a nomenclatura saussuriana, a espanhola opta por *significación*. Sériot (2012) escolhe a palavra francesa *sens* (sentido) em vez de *signifié* (significado). Sua opção parece aproximar-se mais do pensamento de Volóchinov, que atribui ao significado o papel de dar relativa estabilidade ao signo, que praticamente não se manifesta nos enunciados. As outras duas edições – a italiana e a primeira brasileira –

parecem afastar-se mais do universo volochinoviano ao escolher *significado*.

No contexto de Volóchinov a palavra *sentido* parece melhor adequada na expressão “tudo que é ideológico possui um sentido/significado”, porque *significado* aproxima-se do conceito de *sinal* de Volóchinov. Nas críticas que faz a Saussure sobre o conceito de signo, notadamente sobre a relação entre o locutor e o outro que o compreende, Vološinov (2012), na versão francesa, argumenta que

Dito de outra maneira, para o auditor-compreendente, pelo fato de ele pertencer à mesma comunidade linguística, uma forma linguística dada não é um sinal imutável e sempre igual a ele mesmo, mas um signo mutante e flexível. (Vološinov, 2012, p. 258).

E ao distinguir o conceito de compreensão do de reconhecimento, afirma que

Não se deve confundir compreensão e reconhecimento. São dois processos profundamente diferentes. Somente um signo se compreende, enquanto que um sinal não é senão reconhecido. O sinal é uma entidade singular, interiormente estática que, em realidade, não substitui nada, nem reflete nada e nem refrata nada; ele é apenas um meio técnico de designar tal ou qual objeto determinado, imutável, ou tal e tal ação (também determinada e imutável. O sinal não tem nada a ver com a ideologia, ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido largo do termo.) (Vološinov, 2012, p. 259).

Este último trecho, lido na primeira tradução brasileira logo a seguir, espelha claramente as influências da terminologia estruturalista. Compare-as o leitor:

O processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é descodificado; só o sinal é identificado. O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso ou imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo. (Bakhtin [Volochínov], 1988, p. 93).

O termo *descodificação*, usado na versão brasileira, não faz parte do pensamento volochinoviano, nem poderia ser equivalente a *compreensão*. A tradução italiana opta por três termos - *identificação*, *reconhecimento* e *compreensão*: “O processo de identificação não deve ser de nenhum modo confundido com o processo de reconhecimento. Eles são profundamente diversos. Compreende-se somente o signo, se reconhece, em vez, o sinal” (Volosinov; Bachtin, 1999, p. 186). A edição em espanhol desse trecho (Voloshinov, 2014, p. 116) se distancia da primeira brasileira e se aproxima das demais. As divergências se dão em relação ao signo que é *compreendido* (segunda francesa, italiana, argentina), *identificado* (primeira brasileira); *meio técnico* (francesa, italiana, argentina) e *instrumento técnico* (primeira brasileira); *entidade singular, interiormente estática*

(francesa); *coisa singular* (italiano), *coisa unitária* (espanhol) e *entidade de conteúdo imutável* (primeira brasileira) com supressão da palavra *singular*; *objeto determinado* (francesa, italiana, argentina) e *objeto preciso* (primeira brasileira).

Essas diferenças de tradução indicam as opções da primeira tradução francesa, na qual se baseou a brasileira, influenciada pelo estruturalismo na França nos anos 1970. O termo *instrumento* não equivale a *meio* na “biblioteca virtual” de Volóchinov. Tylkowski revisita esse conceito de *meio* no pensamento de alguns autores do período, entre eles Plekhanov, que o utiliza com o sentido de *circunstâncias*. Em referência aos estudos de Marx, afirma que “A tarefa do materialismo no domínio da história, tal como a concebia Marx, consistia [...] explicar precisamente de que maneira o “meio” [*obstojatel'stva*] pode ser modificado pelos homens que são eles mesmos o produto desse meio” (Plekhanov apud Tylkowski, 2010, p. 47). O termo *meio* usado por Darwin (1809-1892) contribuiria para o seu uso também nas ciências humanas nesse período na Rússia. Estudiosos como Kanaev (1893-1983), Bogdanov (1873-1928) e Plekhanov trabalhavam com esse conceito para discutir o homem e sua adaptação ao meio da vida social, sem abrir mão, contudo, do princípio de que o homem faz a história. Tylkowski enfatiza que “o termo *meio* é largamente empregado em MFL, obra na qual é um dos conceitos-chave.” (Tylkowski, 2010, p. 47).

As variações entre *entidade singular*, *coisa singular* e *coisa unitária* expõem deslizamentos semânticos, notadamente entre os termos *singular* e *unitário*, não equivalentes. Do mesmo modo a expressão *objeto preciso* não equivale a *determinado*, como registra a primeira

edição brasileira. Percebe-se que o signo se torna signo e só pode ser compreendido no fluxo da interação verbal, nos enunciados constituintes do discurso, no universo das superestruturas.

Os trechos citados estão no capítulo 5, segunda parte da primeira edição brasileira chamado *Língua, fala e enunciação*, anunciado na edição francesa como capítulo II da segunda parte *Língua, linguagem e enunciado (enoncé)*; na italiana, capítulo II, segunda parte, *Língua, linguagem, enunciação (enunciacione)*; na argentina também capítulo II, segunda parte *Língua, linguagem, enunciado (enunciado)*. A primeira edição brasileira traz, novamente, no título e no corpo do capítulo, um termo próprio do pensamento saussuriano – *fala* – da dicotomia *língua e fala (langue/parole)*. *Fala* foi a escolha dos tradutores brasileiros de Saussure para *parole*, assim por ele utilizada:

A parte psíquica não está totalmente mais em jogo. O lado executivo permanece fora da causa, porque a execução não foi feita pela massa: ela é sempre individual; e o indivíduo é sempre o mestre: nós a chamaremos *fala (parole)*. (Saussure, 1995, p. 30. Grifo no original).

O uso do termo *fala* na versão brasileira foi uma opção que não se coaduna com o pensamento de Volóchinov, contestador veemente do estudioso genebrino. É necessário destacar que a versão francesa e a argentina elegem o termo *enunciado* em vez de *enunciação*, como fizeram a italiana e a primeira brasileira. Por essa razão, talvez seja estranho referir-se a Volóchinov como um estudioso da teoria da enunciação. A melhor opção talvez seja a de compreendê-lo como teórico do enunciado. Ao

comentar o que considera como adaptações de Bakhtin na França, Tylkowski (2012, p. 13), cita entre elas “um certo número de tentativas de ultrapassagem, de transbordamento, de pluralização (Dosse, 1992: 71) do estruturalismo, isso que se traduz entre outras coisas pela emergência da teoria da enunciação de Émile Benveniste (Ono, 2007).”

A primeira tradução brasileira e a argentina, escorregam em direção à teoria da enunciação criada por Benveniste, enquanto a segunda francesa, mais recente, e a italiana retomam o termo *enunciado*, próximo do pensamento do controverso “Círculo de Bakhtin.”

Após esta breve incursão ao capítulo 5 para destacar o traço estruturalista na edição brasileira, supostamente acompanhando a primeira edição francesa, é necessário retornar ao primeiro capítulo para rever outros conceitos. Antes, todavia, de entrar pelas páginas das versões, uma visita aos estudos de Sériot (2010) e de Tylkowski (2012) é fundamental.

## Ideologia e trocas verbais

Quando estava na Faculdade de Ciências Sociais, Volóchinov acompanhou, no quarto ano, seminários dedicados ao estudo das ciências ideológicas (Sériot, 2010), que o teriam influenciado em seus próprios estudos sobre esse tema, altamente relevante em MFL. Sériot transcreve uma única citação atribuída a Volóchinov em que ele tenta conceituar ideologia para situar esse conceito no universo múltiplo de sentidos que teria adquirido entre os marxistas:

Por ideologia, nós compreendemos todo o conjunto de reflexos e de refrações no cérebro humano da realidade social e natural, expressa e fixada por ele sob a forma verbal, de desenho, esboço, ou outra forma semiótica. (Vološinov, CTJ, p. 53, n.5, apud Sériot, 2010, p. 64).

Para Sériot, essa escolha o afasta da ideia de assujeitamento desenvolvida por Althusser e por Gramsci, da falsa consciência exposta por Marx e Engels em *Ideologia Alemã*, para então o aproximar do conceito de ideologia como cultura.

Se em *Ideologia Alemã*, Marx e Engels entendem ideologia como “uma *deformação* intelectual da realidade material” (Tylkowski (2012, p. 39), no prefácio de *Contribuição à crítica da economia política*, Marx “define ‘ideologia’ como uma ‘superestrutura’, como ‘as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, condicionadas pela ‘estrutura econômica da sociedade’, dito de outro modo, a ‘base’”. (Tylkowski (2012, p. 40). Este último sentido seria abraçado por Volóchinov, reafirmado por outros teóricos de sua biblioteca virtual, entre os quais se encontram Bogdanov, Sakulin (1898-1930) e Bukharin. Para Bogdanov, a consciência social ou ideologia “representa a sistematização da experiência humana adquirida durante a atividade social” e “se a ‘consciência social’ (a ‘ideologia’) organiza a sociedade, a palavra (*le Mot*) constitui o instrumento dessa organização” (Tylkowski (2012, p. 50) e

é graças à palavra (na linguagem) que se estabelece e se desenvolve as relações interindividuais no trabalho e nos outros domínios (econômico, político e pessoal). Em MFL, Vološinov formula uma ideia extremamente próxima ao

afirmar que a palavra é ‘o meio mais puro e mais sensível de troca social’ que ‘pode preencher *toda* função ideológica: de ordem científica, estética, moral ou religiosa’. (Vološinov, [1929] 2010: 137, 139). (Tylkowski, 2012, p. 50).

Volóchinov realmente acentua, como faz Medviédev (2012), a relação de ida e volta entre a infraestrutura e a superestrutura, entre a base e os fenômenos ideológicos. Esses fenômenos, materializados pelos enunciados, seriam os constituintes da consciência humana, portanto, essa consciência seria constituída e desenvolvida pela palavra nos enunciados. É por essa razão que Volóchinov e outros teóricos da época atribuem à palavra o papel de excelência da formação da consciência nas trocas interindividuais, como é caso de Vigotski (2001), ao formular o conceito de discurso interior, e de Bogdanov, ao discorrer sobre as formas da consciência humana, de acordo com as referências de Tylkowski (2012, p. 53):

As “formas da consciência humana” significam aqui a concepção do mundo dos indivíduos, seus julgamentos e seus conhecimentos, sua ciência, sua filosofia, etc. Tudo isso com as relações jurídicas e políticas na noção geral de “formas ideológicas” que constituem a “superestrutura” da “base econômica”. Estes termos da arquitetura, é preciso compreendê-los simplesmente no sentido que a “economia” determina a “ideologia”. (Bogdanov [1902] 1904: 36 n. apud Tylkowski, 2012, p. 53).

Ao criticar o que nomeia como idealismo e positivismo psicologista, Volóchinov se aproxima das afirmações acima citadas a respeito dos signos constituintes da consciência. A primeira edição brasileira

registra “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais.” (Bakhtin (Volochnov), 1988, p. 35). A versão francesa parece mais próxima do pensamento do autor, principalmente pela opção de usar *troca social* em vez de *relações sociais*, entre *adquirir* e *constituir*, *signos* e *material semiótico*, *grupo organizado* e *coletividade organizada*, como pode-se aqui comparar: “A consciência se constitui e se realiza no material semiótico criado pela troca social no seio de uma coletividade organizada” (Vološinov, 2010, p. 137). A versão argentina espanhol insiste em empregar a palavra *comunicación*, em vez de *troca social* ou *relações sociais*: “A consciência se constrói e se realiza mediante o material *signico*, criado no processo de comunicação social de um coletivo organizado.” (Voloshinov, 2009, p. 33). A tradução italiana introduz uma palavra importante - *scambio* - que significa troca: “A consciência se compõe e se realiza no material *signico*, criado no processo do escambo social de um coletivo organizado.” (Volosinov; Bachtin, 1999, p. 125). A palavra equivalente a trocas econômicas em português - *escambo* - parece revelar o núcleo da relação eu/tu, de somente alguém entregar alguma coisa, se algo receber em troca, como seria o processo de *troca verbal* ou de *escambo verbal*. Desta maneira, a palavra *comunicación* revela mais um traço de tradução influenciada pelo estruturalismo. Na nota *d* da Introdução de MFL, Sériot 2012, p. 123) explica sua opção, que merece aqui ter alguns trechos destacados:

A palavra *obščenie* pode ser traduzida por “comunicação” ou por “troca”. Donde “troca ideológica”: Voloshinov utiliza sempre a palavra *obščenie* e não *kommunikacija*, que

ele usa uma só vez para explicar a noção de mensagem. (MPL, p. 88). Essa oposição está presente na vida intelectual na Rússia. Por *kommunikacija* se compreende uma troca entre entidades estáveis e individuais, que não se modificam no curso desta troca (grosso modo, eles trocam sem mudar), enquanto que *obščenie* é compreendida como o campo da existência de “sujeitos” que não existem fora dessa troca e separadamente um do outro. *Obščenie* é formada a partir de *obscij* [comum a um conjunto unitário], enquanto que *kommunikacija* designa uma troca que sublinha a diferença, a ruptura.

Sériot refere-se às traduções da palavra *obščenie* por *scambio*, em italiano e *intercourse*, em inglês, mas reconhece que a boa tradução poderia vir do alemão com a palavra *Verkehr*, mas, curiosamente, afirma, a edição alemã usa *ideologische Kommunikation* (comunicação ideológica). *Verkehr* pode ser compreendido como “movimento de veículos e de pessoas em um caminho, como a rua” “circulação” “trânsito” ou “contato entre pessoas” (Pons grosswörterbuch, 2006, p. 1465; Langenscheidt, 2011, p.1227). O trânsito (*Verkehr*) revela cenas em movimentos: carros que vêm e vão, que negociam passagens, que trocam informações, piscam, reduzem e aceleram, que passam uns pelos outros como se fossem dançarinos em uma imensa arena. Entretanto, de meu ponto de vista, escambo e troca em português são termos que parecem melhor revelar conceito pensado por Volóchinov.

Apesar de sua aproximação com Bogdanov, Volóchinov não o cita, conforme observa Tytkowski (2012), ao destacar que ambos beberam nos conceitos de Bukharin, executado no expurgo dos anos 1930, também

não citado em MFL, como também não é citado Sakulin, que concebe dois tipos de ideologia, uma prática e outra teórica. Nele aparece a ideia de neutralidade da palavra, empregada por Volóchinov em MFL, causadora de amplas discussões entre seus leitores. Para Sakulin, nas palavras de Tylkowski (2012, p. 56),

Se a “ideologia” prática tem um caráter de classe, a “ideologia” teórica não exprime nunca [...] os interesses sociais ou a “visão de mundo” de uma classe ou de um grupo social particular. Como sistema de ideias objetivas, a “ideologia” teórica pode ser “neutra”, quer dizer, ter um “caráter interclasse” [*mezduklassovyj xarakter*] (IBID: 125). Assim o determinismo social tem certos limites.

Em relação à função ideológica do signo e ao caráter neutro da palavra, a primeira versão brasileira registra: “O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. (Bakhtin [Voločínov], 1988, p. 35). A segunda edição francesa pouco difere: “Neste caso, o signo nasce de uma função ideológica particular e ele não pode ser dela separado. A palavra, inversamente, é neutra no que concerne às funções ideológicas específicas. Ela pode preencher *toda* função ideológica: de ordem científica, estética, moral ou religiosa.” (Vološinov, 2012, p. 139). A distinção entre signo e palavra, neste enunciado específico, se aproxima da distinção entre sentido e significado ou entre signo e sinal. O signo refrata a

realidade e se forma a cada manifestação singular no universo dos enunciados ideológicos, mas a palavra, o sinal, o significado, não preencheriam essa função, a ideológica. Ela é neutra, como se fosse a matéria prima que rola por diferentes mãos, ou bocas, ou mentes, para receber delas os seus traços singulares. A edição italiana e a argentina também não se distanciam das duas edições acima citadas. O que importa é registrar a ligação de Volóchinov com o pensamento de Sakulin, apesar de não ser por ele referenciado, a respeito da neutralidade.

Resta trazer, agora, o aporte do pensamento de Bukharin sobre ideologia, por meio dos estudos de Tylkowski, para ampliar o arcabouço teórico formado por pensadores do que essa pesquisadora considera como formadores da biblioteca virtual de Volóchinov. Uma linha virtual de relações teóricas a respeito do conceito de ideologia poderia ser assim traçada: Volóchinov – Bukharin – Sakulin – Bogdanov – Marx (*Prefácio de Contribuição à crítica da economia política*). Bukharin conceitua, de modo relacional, *superestrutura*, *ideologia social* e *psicologia social*: a superestrutura seria uma “forma de fenômenos sociais que se eleva acima da base econômica”; a ideologia social seria um “sistema de pensamentos, de sentimentos ou de regras de conduta”; e psicologia social seriam “os pensamentos e as disposições gerais não sistematizadas ou pouco sistematizadas que se manifestam em uma sociedade, uma classe, um grupo, uma profissão, etc.”. (Boukharine, [1921] 1967; 220 apud Tylkowski, 2012, p. 57). A distinção que Bukharin faz entre superestrutura e ideologia é significativa, conforme entende Tylkowski:

A “ideologia” é então o resultado de um trabalho relevante da “superestrutura”. A diferença entre essas duas noções consiste no fato de que a superestrutura é uma entidade complexa que compreende “as coisas e os homens”, enquanto que “ideologia” é um produto intelectual, ideal [*idejnyj produkt*] (Boukarine [1921]1967: 230 (Tylkowski, 2012, p. 58).

Tal como Bogdanov e Plekhanov, Bukharin tem uma visão positiva da ideologia, o mesmo conceito em que se apoia Volóchinov em MFL para desenvolver suas argumentações a respeito do signo.

Ao final deste curto percurso resta afirmar que os estudos comparativos das traduções de MFL provocam algumas inquietações em qualquer pesquisador: a desconfiança de se apoiar em apenas uma tradução em razão das diferenças de empregos de palavras, de acordo com as demonstrações aqui rapidamente apontadas; o vazio intelectual que se abre em virtude do desconhecimento da “biblioteca virtual” de Volóchinov, de seus companheiros e, conseqüentemente, dos conceitos discutidos por estudiosos de sua referência, principalmente entre os não explicitamente citados; e, por fim, a sensação de que é preciso melhor conhecer o homem intelectual chamado Valentin Nikolaiévich Volóchinov.

O último capítulo, a seguir, dispõe para os leitores trechos de traduções de MFL como objetivo de povocar reflexões a respeito da instabilidade cultural, temporal, geográfica e linguística das opções e das escolhas no emprego de palavras e, obviamente, dos conceitos que por elas escorregam. São alguns dos trechos analisados,

cotejados e discutidos pelo grupo de pesquisa por mim coordenado. Espero que o leitor plurilíngue se enfie por esse labirinto de conceitos e por ele seja afetado.

## O capítulo III da primeira parte de MFL: conceitos e traduções

Este capítulo difere dos demais porque nele não me proponho a comentar conceitos de todos os estudiosos russos protagonistas dos capítulos anteriores. Vou me dedicar apenas a inserir trechos dos capítulos I e III de MFL, com autoria atribuída a Volóchinov.

Membros do grupo de pesquisa leram e discutiram MFL tendo como referência em português, inicialmente, a primeira tradução feita por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, editada pela Hucitec. A partir de 2017, às discussões foi agregada a segunda tradução feita por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, editada pela Editora 34. As discussões foram enriquecidas com o cotejo de outras traduções: em alemão, feita por Samuel M. Weeber, editora Verlag Ullstein GmbH; em italiano, sob os cuidados de Augusto Ponzio, editora Piero Manni, com tradução de Margherita De Michiel; em francês, feita por Patrick Sériot e Inna Tylkowski-Ageeva, pela editora Lambert-Lucas, e em espanhol sob a responsabilidade de Tatiana Bubvona, editada pela Ediciones Godot, Argentina. Durante anos nos debruçamos sobre MFL e, especialmente em relação ao capítulo aqui referenciado fizemos alguns recortes de alguns conceitos com a intenção de verificar os deslizes de sentido entre as traduções.

Passados os anos, com a intenção de publicar esta obra que reúne artigos meus publicados sobre linguagem, aqui reescritos e reorganizados, decidi juntar alguns trechos para que o leitor interessado na filosofia da linguagem pudesse comparar, ele mesmo, no limite de seu conhecimento das línguas, entre as quais o russo, o que há de comum e o que há de divergente entre os conceitos de vivência, experiência, atividade psíquica, sentido e significação e outros.

Na segunda tradução brasileira de MFL feita por Grillo e Américo (2017) o capítulo 3 da primeira parte tem o título *A filosofia da linguagem e a psicologia objetiva*. O conjunto de temas anunciado por Volóchinov registra na primeira página suas intenções:

A tarefa da definição objetiva do psiquismo. A ideia da psicologia compreensiva e interpretativa (Dilthey). A realidade sgnica do psiquismo. O ponto de vista da psicologia funcional. O psicologismo e o antipsicologismo. A particularidade do signo interior (o discurso interior). O problema da auto-observação. A natureza socioideológica do psiquismo. Conclusões. (Volóchinov, 2017, p. 15)

Nesse capítulo, Volóchinov retoma suas discussões anteriores a respeito dos rumos da psicologia na Rússia no início do século, notadamente, do conceito de psicologia do cotidiano, no qual a linguagem ocupava um papel fundamental. É neste capítulo que ele parece expor, com convicção, o contraponto ao movimento que propunha a psicanálise freudiana como a corrente da psicologia que poderia servir aos interesses do marxismo na recriação da visão de homem em sua época. Mesmo

não sendo psicólogo de formação, Volóchinov ensaiou uma teoria da psicologia do cotidiano, cujas raízes, segundo Tilkowski (2012), podem ser encontradas em Plekhanov. Enquanto ele escrevia em Petrogrado/São Petersburgo, Vigotski fincava, em Moscou os alicerces de um conjunto teórico que seria conhecido como Enfoque Histórico-Cultural, como querem os cubanos, ou como Teoria Histórico-Cultural, como a ele se referem os brasileiros.

A seguir, apresento a relação das obras que forneceram os recortes, a foto de suas capas e os trechos recortados que convidam o leitor a se tornar um pesquisador à cata do detalhe distintivo entre as traduções.

Referências das obras dos trechos destacados, na sequência, para que sejam cotejados por leitores e pesquisadores da área

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

VOLOSINOV, Valentin N. *El Marxismo y la filosofía de la lengua*. Tradução Tatiana Bubvona. Buenos Aires: Godot, 2009.

VOLOSINOV, Valentin N. *Marxismus und Sprachphilosophie*. Grundlegende Probleme der soziologischen Methode in der Sprachwissenschaft. Herausgegeben und eingeleitet Von Samuel M. Weeber. Berlin: Verlag Ullstein GmbH, 1975.

VOLOŠINOV, Valentin N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Mrksizm i filozofia jazika. Osnovnye problemy sociologiceskogo metoda v nauke o jazike.* Leningrad, Priboj, 1930. Édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010

VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSINOV, Valentin N.; BAKHTIN, Michail M. *Marxismo e filosofia dei linguaggio. Problemi fondamentali dei método sociológico nella scienza de linguaggio.* Tradução de Marguerita De Michiel. Lecce: Ed. Piero Manni, 1999.



Foto 1. Obras

## **1. Primeiro recorte**

### **Tradução brasileira Hucitec (1988)**

“O principal problema que se coloca, a partir dessa ótica, é o da apreensão objetiva da “vivência interior”. É indispensável integrar a “vivência interior” na unidade da vivência exterior objetiva.” (p. 48).

### **Tradução brasileira Editora 34 (2017)**

“A primeira tarefa que surge nessa direção é a definição objetiva de “experiência interior”. É necessário inserir a “experiência interior” na unidade da experiência exterior objetiva.” (p. 116).

### **Tradução francesa (Editora Lambert-Lucas, 2010)**

“Notre première tâche essentielle, de ce point de vue, va être de donner une définition objective de l’ “expérience intérieure” laquelle doit être incluse dans l’unité de l’expérience objective extérieure.” (p. 169).

### **Original russo. Edição bilíngue Lambert-Lucas, 2010.**

“Первая принципиальная задача, которая встает в этом направлении, задача объективного определения «внутреннего опыта». Необходимо включить «внутренний опыт» в единство объективного внешнего опыта.” (p. 168)

### **Tradução alemã (Verlag Ullstein GmbH, 1975)**

“Die erste prinzipielle Aufgabe, die sich daraus ergibt, ist die objektive Bestimmung der “inneren Erfahrung”. Es ist

unumgänglich, die „innere Erfahrung“ in die Einheit der objektiven äußeren Erfahrung einzuschließen.” (p. 74).

**Tradução italiana (Piero Manni, 1999)**

“Il primo compito di principio che si pone in questa direzione è il compito di una definizione oggettiva dell’ “esperienza interiore” È necessario includere l’ “esperienza interiore” nell’unità dell’ esperienza oggettiva esterna.” (p. 139-140).

**Tradução argentina (Editora Godot, 2009)**

“La primera tarea fundamental que se plantea desde este punto de vista es la de una definición objetiva de la “experiencia interna”. Es preciso incluir la “experiencia interna” en la totalidad de la experiencia exterior objetiva.” (p. 53).

## **2. Segundo recorte**

**Tradução brasileira Hucitec (1988)**

“A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis porque *o psiquismo interior não deve ser analisado como uma coisa; ele não pode ser compreendido e analisado senão como um signo.*” (p. 49).

**Tradução brasileira Editora 34 (2017)**

“A vivência psíquica é uma expressão sîgnica do contato do organismo com o meio exterior. É por isso que *o psiquismo interior não pode ser analisado como objeto e só pode ser compreendido e interpretado como signo.*” (p. 116-117).

**Tradução francesa (Editora Lambert-Lucas, 2010)**

“Le vécu psychique est l’expression sémiotique du contact de l’organisme avec le milieu extérieur. C’est pourquoi *le psychisme intérieur ne doit pas être analysé comme une chose, il ne peut être compris et interprété qu’en tant que signe*” (p. 169).

**Original russo. Edição bilíngue Lambert-Lucas, 2010.**

“Психическое переживание является знаковым выражением соприкосновения организма с внешней средой. Поэтому-то *внутреннюю психику нельзя анализировать как вещь, истолковывать как знак.*” (p. 168)

**Tradução alemã (Verlag Ullstein GmbH, 1975)**

“Das psychische Erlebnis ist der Zeichenausdruck der Berührung des Organismus mit der Außenwelt. Deswegen *kann die innere Psyche nicht als Gegenstand analysiert, sondern nur als Zeichen erklärt und verstanden werden*”. (p. 74).

**Tradução italiana (Piero Manni, 1999)**

“La esperienza psichica vissuta è l’espressione segnica del contatto dell’organismo con l’ambiente esterno. Per questo non si deve analizzare *la psiche interna come una cosa: la si può comprendere e interpretare solo come segno.*” (p. 140)

**Tradução argentina (Editora Godot, 2009)**

“Uma vivencia psíquica es la expresión semiótica del contacto entre el organismo y el ambiente externo. Es por eso que la psique interior no debe analizarse como uma

cosa sino que debe entenderse e interpretarse como signo.” (p. 54). (sem grifos).

### 3. Terceiro recorte

#### **Tradução brasileira Hucitec (1988)**

“Para ele, a atividade psíquica não se define em termos de existência, como se diria para uma coisa, mas em termos de *significação*. Se perdermos de vista esta significação, se tentarmos alcançar a realidade pura da atividade mental, na realidade, encontramos segundo Dilthey, diante de um processo fisiológico do organismo, perdemos de vista a atividade mental.

Da mesma maneira que, se nós perdermos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra, que fica, assim, reduzida à sua realidade física, acompanhada do processo fisiológico de sua produção. O que faz da palavra uma palavra é sua significação.

O que faz da atividade psíquica uma atividade psíquica é, da mesma forma, sua significação. Se abstrairmos a significação, perdemos, ao mesmo tempo, a própria substância da vida psíquica interior.” (p. 49)

#### **Tradução brasileira Editora 34 (2017)**

“Para ele, a vivência subjetiva e psíquica não somente existia como objeto, mas *significava*. Abstraindo-se dessa significação em busca da pura realidade da vivência, na verdade, de acordo com Dilthey, deparamo-nos com o processo fisiológico do organismo e perdemos de vista a própria vivência, assim como a abstração da palavra nos leva a perder de vista a própria palavra, restando apenas

o seu som físico e o processo fisiológico de sua pronúncia. É a significação que faz com que uma palavra seja uma palavra. É também a significação que faz com que uma vivência seja uma vivência.” (p 117).

**Tradução francesa (Editora Lambert-Lucas, 2010)**

“Pour lui, le vécu psychique subjectif n’existe pas comme existe une chose : *il signifie*. Si l’on ne tient pas compte du fait que le vécu signifie, si l’on essaie de trouver la réalité pure de l’expérience vécue, en fait, selon Dilthey, on ne va trouver qu’un processus physiologique se déroulant dans l’organisme. Quant au vécu, nous le perdons de notre champ de vision, de la même façon qu’en faisant abstraction de la signification du mot nous perdons le mot lui-même, pour ne trouver qu’un son physique, à l’état pur, accompagné de son processus physiologique d’articulation. Ce qui fait d’un mot un mot, c’est sa signification. Ce qui fait d’un vécu un vécu, c’est également sa signification. Et on ne peut pas en faire abstraction sans perdre l’essence même de la vie psychique intérieure.” (p. 169 e 171).

**Original russo. Edição bilíngue Lambert-Lucas, 2010.**

“Для него субъектив-ное психическое переживание не столько существовало, как существует вещь, сколько *значило*. Отвлекаясь от этого значения, пытаюсь найти чистую действительность переживания, мы, на самом деле, по Дильтею, оказываемся перед физиологическим процессом в организме, переживание же мы теряем при этом из поля нашего зрения, подобно тому как, отвлекаясь от значения слова, мы теряем самое слово, оказываясь перед голым

физическим звуком и физиологическим процессом его произнесения. То, что делает слово словом, это - его значение. То, что делает переживание переживанием, это тоже его значение. И нельзя отвлечься от него, не утрачивая самого существа внутренней психической жизни." (p. 168 e 170).

### **Tradução alemã (Verlag Ullstein GmbH, 1975)**

"Für ihn *existierte* das psychische Erlebnis (wie ein Gegenstand existiert) weniger als dass es etwas *bedeutete*. Wenn wir uns dieser Bedeutung abwenden und versuchen, die reine Wirklichkeit des Erlebnisses zu finden, so stehen wir, nach Dilthey, in den Taten vor einem physiologischen Prozeß im Organismus und verlieren das Erlebnis aus unserem Gesichtskreis. Es ist so, als wende man sich von der Bedeutung eines Wortes ab: man verliert dann das Wort selbst, und was übrigbleibt, ist nur der physikalische Laut oder der physiologische Prozeß seiner Artikulierung. Es ist aber erst die Bedeutung, die das Wort zum Wort macht. Die Bedeutung ist es auch, die das Erlebnis zum Erlebnis werden lässt." (p. 74-75)

### **Tradução italiana (Piero Mani, 1999)**

"Per lui, l'esperienza psichica soggettiva non esiste come esiste un oggetto: essa *significa*. Facendo astrazione a questo significato, cercando de trovar la pure realtà dell'esperienza interiore, secondo Dilthey noi ci troviamo di fatto di fronte a un processo fisiologico dell'organismo, perdendo intanto di vista l'esperienza; esattamente come astraendo dal significato de la parola, perdiamo la parola stessa, trovando ci di fronte a un nudo suono e al processo

fisiologico della sua pronuncia. Ciò che rende tale la parole è il suo significato. Anche che fa dell'esperienza vissuta un'esperienza vissuta è il suo significato. E non se può astrarre da esso senza perdere l'essenza stessa de la vita psichica interna." (p. 140).

#### **Tradução argentina (Editora Godot, 2009)**

"Para él, una vivencia psíquica subjetiva más significa que existe como objeto. Según Dilthey, si nos abstraemos de la significación al tratar de hallar la pura realidad de la vivencia, damos con un proceso fisiológico en el organismo, mientras que la vivencia desaparece de nuestro campo de visión, de la misma manera que al abstraemos de la significación de una palabra la perdemos y captamos solamente un sonido físico y un proceso fisiológico de su pronunciación. La significación convierte la palabra en lo que lo es. La vivencia asimismo sí convierte en tal mediante su significación. Es imposible dejar de lado la significación sin perder la propia esencia de la vida psíquica interior." (p. 54).

## **4. Quarto recorte**

#### **Tradução brasileira Hucitec (1988)**

"Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação

contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.

É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais.” (p. 66)

### **Tradução brasileira Editora 34 (2017)**

“Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar, mais cedo ou mais tarde, uma réplica responsiva. Como já sabemos, uma palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.

É assim que o psiquismo e a ideologia se interpenetram dialeticamente no processo único e objetivo da comunicação social.” (p. 140).

### **Tradução francesa (Editora Lambert-Lucas, 2010)**

“Dans chaque acte de parole (*řečevoj akt*) le vécu subjectif s'annule dans le fait objectif du Mot-énoncé proféré et celui-ci se subjectivise dans l'acte de compréhension-réponse pour engendrer tôt ou tard une réplique. Chaque mot, nos le savons, est une arène en réduction où s'entrecroisent et sont en lutte des accents sociaux d'orientations diverses. Le Mot dans la bouche d'un individu isolé est le produit de l'interaction vivante des forces sociales.

Ainsi, le psychisme et l'idéologie s'imprègnent mutuellement dans un processus unique et objectif d'échange social." (201 e 203).

**Original russo. Edição bilingue Lambert-Lucas, 2010.**

“В каждом речевом акте субъективное переживание ничтожается в объективном факте сказанного слова-высказывания, а сказанное слово субъективируется в акте ответного понимания, чтобы рано или поздно породить ответную реплику. Каждое слово, как мы уже знаем, является маленькою ареною скрещения и борьбы разнонаправленных социальных акцентов. Слово в устах единичной особи является продуктом живого взаимодействия социальных сил.

Так психика и идеология диалектически проникают друг друга в едином и объективном процессе социального общения.” (p. 200 e 202)

**Tradução alemã (Verlag Ullstein GmbH, 1975)**

“Im jedem Redeakt geht das subjektive Erlebnis in der objektiven Tatsache der gesprochenen Wortäußerung auf, während das gesprochene Wort sich im Akt des antwortenden Verstehens subjektiviert, um früher oder später die antwortende Replik hervorzubringen. Jedes Wort ist, wie wir bereits wissen, eine kleine Arena, in der sich verschiedengerichtete soziale Akzente überschneiden und bekämpfen. Ein Wort aus dem Munde eines Einzelwesens ist das Produkt der lebendigen Wechselbeziehung sozialer Kräfte.

So durchdringen Psyche und Ideologie einander dialektisch im einheitlichen und objektiven Prozeß der gesellschaftlichen Kommunikation.” (p. 94).

### **Tradução italiana (Piero Manni, 1999)**

“In ogni atto discorsivo l’esperienza interiore soggettiva se nega nel fatto oggettivo de la parola-enunciazione detta, mentre la parola detta se soggettivizza in un atto di comprensione rispondente, per generare prima o poi una replica di risposta. Ogni parola, come già sappiamo, è una piccola arena in cui si intrecciano e scontrano accenti sociali diversamente orientati. La parola in bocca a un individuo singolo è prodotto della viva interazione di forze sociale.

Così la psiche e l’ideologia si compenetrano dialetticamente nell’unitario e oggettivo processo dello scambio sociale.” (p. 157).

### **Tradução argentina (Editora Godot, 2009)**

“En todo acto discursivo la vivencia subjetiva se anula dentro del hecho objetivo, del discurso-enunciado, y la palabra se subjetiviza en el acto de la comprensión de respuesta, para generar, tarde o temprano, una réplica como respuesta. Como sabemos, una palabra es una pequeña arena de cruce en lucha de los acentos sociales de diversas orientaciones. La palabra en los labios de un individuo aislado aparece como producto de interacción de las fuerzas sociales vivas. De esta manera, el psiquismo y la ideología se compenetrán dialécticamente en un proceso singular y objetivo de la comunicación social.” (p. 78).

Recortes do terceiro capítulo da primeira parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, apenas referentes às edições brasileiras, à da Editora Hucitec: *Filosofia da Linguagem e Psicologia Objetiva* (1988) e à da Editora 34: *A filosofia da linguagem e a psicologia objetiva* (2017)

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Os trechos seguintes pertencem apenas às duas edições brasileiras. Por elas, o leitor poderá verificar e comparar as opções dos tradutores em relação a alguns trechos referentes aos mesmos temas no Capítulo 3, da Primeira Parte, de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Vale lembrar que a da Hucitec é de 1988, com base na primeira tradução francesa, feita do russo. A da editora 34 é de 2017, baseada diretamente no original em russo. São dois tempos distintos, dois países distintos, dois autores distintos, **Mikhail Bakhtin (Volochninov)**, na primeira, e **Valentin Volochinov (Círculo de Bakhtin)**, na segunda. Os temas são *vivência, experiência, atividade mental, psicologia interpretativa, código, signos interiores, consciência, ideologia, enunciado e enunciação*. Há diferenças nas

traduções. O pesquisador, em suas citações ou estudos, poderá fazer a sua opção, com as devidas referências.

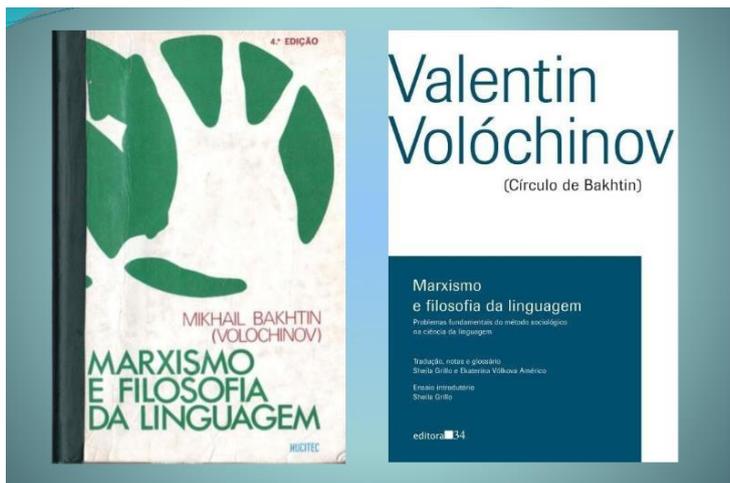


Foto 2: Versões MFL

## 1. Primeiro recorte

### Editora Hucitec

“O primeiro e principal problema, que se coloca a partir dessa ótica, é o da apreensão objetiva da “vivência interior”. É indispensável integrar a “vivência interior” na unidade da vivência exterior objetiva.

Que tipo de realidade pertence ao psiquismo subjetivo? *A realidade do psiquismo interior é a do signo*. Sem material semiótico não se pode falar em psiquismo.” (p. 48-49).

### Editora 34

“A primeira tarefa importante que surge nessa direção é a definição objetiva da “experiencia interior”. É

necessário inserir a “experiência interior” na unidade da experiência exterior objetiva.

Que tipo de realidade pertence ao psiquismo subjetivo?

- *A realidade do psiquismo interior, isto é, a realidade do signo.*

Não há psiquismo fora do material sígnico.” (p. 116).

## **2.Segundo recorte**

### **Editora Hucitec**

“Na verdade, a relação entre atividade mental e palavra, em Dilthey, não passa de uma analogia destinada, destinada a esclarecer uma ideia e, além disso, só muito raramente a encontramos em sua obra. Ele está muito distante de extrair desta comparação as conclusões que se impõem.” (p. 50).

### **Editora 34**

“De fato, a comparação entre a vivência e a palavra é, para Dilthey, uma simples analogia, uma imagem explicativa e, além disso, bastante rara em sua obra. Ele está muito longe de tirar as devidas conclusões dessa comparação.” (p. 119).

## **3.Terceiro recorte**

### **Editora Hucitec**

“A ideia de uma psicologia de análise e de interpretação é muito antiga e sua história é muito instrutiva. É sintomático que, nos últimos tempos, em ligação com as exigências metodológicas das ciências humanas, isto é, das ciências eu se ocupam das ideologias, ele tenha sido

objeto de argumentações mais profundas. Um dos seus defensores mais ardentes e fundamentados foi Wilhelm Dilthey.” (p. 49).

#### **Editora 34**

“A ideia da psicologia compreensivo-interpretativa é muito antiga e possui uma história instrutiva. É peculiar que na modernidade ela tenha encontrado uma fundamentação profunda no que concerne às necessidades metodológicas das ciências humanas, isto é, as ciências das ideologias.” (p. 117).

## **4.Quarto recorte**

#### **Editora Hucitec**

“Assim, não existe um abismo entre a atividade psíquica interior e sua expressão, não há ruptura qualitativa de uma esfera da realidade à outra. A passagem da atividade mental à sua expressão exterior ocorre no quadro de um mesmo domínio qualitativo, e se apresenta como uma mudança *quantitativa*. É verdade que, correntemente, no curso do processo de expressão exterior, opera-se a passagem de um código a um outro (por exemplo, código mímico/código linguístico) mas o conjunto do processo não escapa do quadro da expressão semiótica.” (p. 52).

#### **Editora 34**

“Desse modo, entre a vivência interior e a sua expressão não há um salto, não há uma passagem de uma qualidade da realidade para a outra. A passagem da vivência para a

sua expressão exterior se realiza nos limites de uma mesma qualidade e representa uma passagem *quantitativa*. É verdade que, às vezes, no processo de expressão externa realiza-se a passagem de um material sígnico (por exemplo, da expressão facial) para outro (por exemplo, o verbal) mas todo o processo não extrapola os limites do material sígnico.” (p. 120).

## 5. Quinto recorte

### **Editora Hucitec.**

“Por outro lado, todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória. Repetindo: todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce deste oceano de signos interiores, e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior.” (p. 58).

### **Editora 34**

“Por outro lado, qualquer fenômeno ideológico passa, no processo de sua criação, pelo psiquismo, por ele ser uma instância necessária. Reiteramos: qualquer signo ideológico exterior, independentemente de seu gênero, banha-se por todos os lados nos signos interiores, isto é, na consciência. Esse signo exterior tem sua origem no mar dos signos interiores e nele continua a viver, pois a sua vida se desenvolve no processo da sua compreensão, vivência

e assimilação, ou seja, em sua inserção contínua no contexto interior.’ (p. 128).

## **6.Sexto recorte**

### **Editora Hucitec**

‘Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social.” (p. 59).

### **Editora 34**

‘Se, por um lado, o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro, os fenômenos ideológicos são tão individuais (no sentido ideológico da palavra) quanto os psíquicos. Cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores, mas essa marca é tão social quanto todas as demais particularidades e características dos fenômenos ideológicos. Portanto, todo signo, até mesmo o da individualidade, é social.’ (p. 129-130).

## 7.Sétimo recorte

### **Editora Hucitec**

“Somente o recurso ao monismo materialista pode trazer uma solução dialética a todas as contradições dessa ordem. De outro modo, seríamos obrigados ou a ignorar as contradições, a fechar os olhos, ou a transformá-las em antinomias sem saída, em impasses trágicos. Em suma, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior.” (p. 66)

### **Editora 34**

‘A solução dialética de todas as contradições desse gênero é possível apenas no terreno do monismo materialista. Em um outro terreno, essas contradições teriam que ser ignoradas ou desconsideradas, ou se transformariam em uma antinomia insolúvel, em um trágico beco sem saída. Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante eu seja.’ (p. 139-140).

Estas traduções, deste modo confrontadas, fecham esta obra do ponto de vista físico, mas, paradoxalmente, a abre para visitas de pesquisadores interessados nesses deslizamentos entre as traduções, nem boas, nem más, mas elaboradas em um lugar – um país – e em uma época, em um cruzamento histórico e cultural. O leitor conhecedor do russo terá, como já afirmei, melhores oportunidades de

aprofundamento, porque terá diante de si trechos do texto original de Volóchinov, cuja primeira edição foi em 1929, com a correção feita em 1930, retirados da edição bilíngue da editora Lambert-Lucas, de Limoges, França.

Os artigos e capítulos que deram origem a esta obra resultam dos anos de estudos e discussões do grupo de Pesquisa PROLEAO. Meus alunos de graduação, de mestrado e de doutorado, alunos de outros orientadores de outros estados, e mesmo professores de rede pública e colegas pesquisadores, estiveram todos juntos em encontros pesados, com discussões duras, análises e reanálises frequentes de trechos da obra MFL, com o apoio de uma obra de base como referência, a de Inna Tylkowski. Sem ela, não teríamos caminhos para analisar traduções e encontrar a origem dos conceitos espalhados pelas obras de Volóchinov, Vigotski, Bakhtin e Jakubinskij.

Espero com esta reunião de reescritos, refeitos e realinhados, deixar, de modo mais organizado, alguns dos tantos conceitos elaborados por esses russos que reviraram pelo avesso o nosso modo de pensar e de ensinar a linguagem.

Relação de artigos ou capítulos publicados que, reorganizados ou atualizados, cederam trechos parciais ou integrais que deram origem a esta obra. O aproveitamento dos artigos e capítulos foi autorizado pelos editores

1. ARENA, D.B. O conceito de diálogo e o de monólogo entre russos no início do século XX: aproximações e distanciamentos. *Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.* |Uberlândia, MG|v.1|n.3|p.491-514|set./dez. 2017  
ISSN: 2526-7647

2. ARENA, D.B.; ARENA, A.P.B. *Palavras e seus sentidos em traduções de Marxismo e filosofia da linguagem. Todas as Letras*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 223-235, maio/ago. 2018.

3. ARENA, D.B. Os conceitos de fala dialogal e de massa aperceptiva observados em mensagens escritas por crianças por meio do aplicativo WhatsApp. *VI Jornadas Internacionales de Investigación y Prácticas en Didáctica de las lenguas y las literaturas*. Editorial UNRN. Rio Negro, Universidad Nacional, Bariloche, Argentina. Congresos y Jornadas. 2018.

4. ARENA, D.B. Sobre a função dos aspectos imateriais no ato de ler: Jakubinskij, Vološinov, Bakhtin e Foucambert. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.38, n.78, p.19-33, 2020.

5. ARENA, D. B. Algumas referências filosófico-religiosas de Mikhail Bakhtin. *Educação: Teoria e Prática*/ Rio Claro, SP/ v. 30, n.63/2020. ISSN 1981-8106[2020].

6. ARENA, D.B. Estudiosos russos dos anos 20 e 30 do século XX e o ensino da linguagem escrita cem anos depois: funções do rascunho mental e da linguagem interior. In ABREU-TARDELLI, Lília Santos; Riestra, Dora. (org.). *As contribuições dos linguistas russos dos anos 1920-1930 ao ensino atual de línguas*. Araraquara: Letraria, 2021.

7. ARENA, D.B. Mediadores e literatura para crianças. *Desenredo*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 7-21, jan./abr. 2021.

## Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Ivone de Castilho Benedetti. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 7 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoievski. 5 ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTINE, Mikhail. *La poétique de Dostoïevski*. Traduction de Isabelle Kolitcheff. Préface de Julia Kristeva. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

BAKHTIN, M; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Tradução do italiano por Daniela Miotello Dondardo. São Carlos: Pedro & João, 2008.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução do italiano por Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOTCHAROV, S. À propôs d'une conversation et autor d'elle (extraits). Trad. De Catherine Depretto. In: DEPRETTO, C. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: Presse Universitaire de Bordeaux, 1997. P. 180-204.

BRAIT, B; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

BRANDIST, C. *Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. Tradução de Helenice Gouveia e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.

BRANDIST, Craig. Iurii Pavlovich Medvedev: um obituário. Traduzido por Cláudia Garcia Cavalcante. Revista Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 253-256, jul./dez. 2013

BRONCKART, J-P.; BOTA, C. *Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio*

coletivo. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

DEPRETTO, C. Préface. In: DEPRETTO, C. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: Presse Universitaire de Bordeaux, 1997. P. 9-16.

DEPRETTO, C. Bakhtine dans la culture russe du XXe. siècle In: DEPRETTO, C. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: Presse Universitaire de Bordeaux, 1997. p. 107-122.

DÉSERT, M. Bakhtine à tout faire. In: DEPRETTO, C. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: Presse Universitaire de Bordeaux, 1997. p. 122-132.

DENNES, M. Bakhtine, philosophe? In DEPRETTO, C. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: Presse Universitaire de Bordeaux, 1997. p. 79-106.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANÇOIS, F. *Bakhtine tout nu* ou une lecture de Bakhtine en dialogue avec Volosinov, Medvedev et Vygotski ou encore Dialogisme, les malheurs d'un concept quand il devient trop gros, mais dialogisme quand même. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

FREITAS, M.T.A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.

GRILLO, S. V. C. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

IVANOVA, I. (Org.). *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Textes edités et présentés par Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

JAKOBSON, R. Prefácio. In: BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

JAKUBINSKIJ, L. *Lev Jakubinskij: une linguiste de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Textes edités et présentés par Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

JAKUBINSKIJ, I. *Sur la parole dialogale*. In: IVANOVA, I. (Org.). *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Textes edités et présentés par Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

JAKUBINSKIJ, I. *Sobre a fala dialogal*. Trad. de Dóris Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

JAKUBINSKIJ, L. *Sobre el habla dialogal*. trad. de Gabriela Roved Peluffo. Viedma: Universidad Nacional de Rio Negro, 2018.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Sandra Keppler. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.

KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida / Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. – 131. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: FEB, 2013.*

LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH. *Der Portugiesisch-Deutsch-Deutsch-Portugiesisch*. Langenscheidt. Berlin, 2011.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVIÉDEV, Iuri Pávlovitch. Pável Nikoláievitch Medviédev: nota biográfica. In MEDIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVIÉDEV, Iúri Pávlovitch; MEDVIÉDEV, Dária Aleksándrovna. O Círculo de M. M. Bakhtin: sobre a fundamentação de um fenômeno. Revista Bakhtiniana, São Paulo, Número Especial: 26-46, jan./jul. 2014.

NASCIMENTO, R. de O. *Um estudo da mediação na teoria de Lev Vigotski e suas implicações para a educação*. 2014. 406p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Uberlândia. 2014.

OLLIVIER, S. Bakhtine aux États-Unis. In: DEPRETTO, C. *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: Presse Universitaire de Bordeaux, 1997. p. 9-16. Volosinov e a filosofia da linguagem. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

PONS. *Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Stuttgart: Ernst Klett Sprachen, 2006.

PONZIO, Augusto. *Encontro de palavras: o outro no discurso*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Général*. Édition critique préparée par Tullio di Mauro. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1995.

SÉRIOT, P. Préface. Volosinov, la philosophie de l'enthymème et la Double nature du signe. In: VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

SOUCHIER, E. CANDEL, E.; GOMEZ-MEJIA, G. *Le numérique comme écriture*. Malakoff: Armand Colin, 2019.

TYLKOWSKI, I. *Volosinov en contexte*. Essai d'épistémologie historique. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: suivi de Écrits Du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.

VIGOSTKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L.S. *Pensamiento y lenguaje. Obras escogidas II*. Trad. José Maria Bravo. Visor: Madrid, 1997.

VIGOTSKI, L. *Pensamiento y habla*. Trad. De Alejandro Ariel González. Buenos Aires: Colihue, 2012.

VYGOTSKI, L.S. *Obras escogidas II*. Trad. José Maria Bravo. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, L.S. *Estudio del desarrollo de los conceptos científicos en la edad infantil. Obras escogidas II*. Trad. José Maria Bravo. Visor: Madrid, 1997.

VIGOTSKI, L. S. *Quarta aula: a questão do meio na pedologia*. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, 2010, 21 (4), p 681-70. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642010000400003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400003). Acesso em: 27 jul. 2020.

VOLOŠCHINOV, V.N. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Ensaaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLOSHINOV, V.N. La structure de l'énoncé. In TODOROV, T. (Org.). *Mikhail Bakhtine le principe dialogique* suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Tradução de Tzvetan Todorov. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

VOLOŠINOV, Valentin N. *Marxisme et philosophie du langage: les problemes fondamentaux de la methode sociologique dans la science du langage*. Марксизм и философия языка: фундаментальные проблемы социологического метода в науке о языке. Édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010

VOLOŠINOV, V. N. Rapport d'Activité 1927-1928. Anexe. In. VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et Philosophie du Langage*. Les problémes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Préface de Patrick Sériot. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

VOLOŠINOV, V.N. Qu'est-ce que la langue e la langage? In: *Marxisme et Philosophie du Langage: les problems fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Trad. Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. e Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSINOV, V. N.; BACHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia del linguaggio: problemi fondamentali del metodo sociologico nella scienza del linguaggio*. Traduzione dal russo di Margherita De Michiel, Lecce: Pietro Manni, 1999.

VOLOSHINOV, V. N. *El marxismo y la filosofia del language*. (Los principales problemas del método sociológico en la ciencia del lenguaje). Traducción de Tatiana Bubnova, Buenos Aires: Ediciones Godot, 2014.

YAGUELLO, M. Apresentação. In: BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

YASNITSKY, A. El arquétipo de la psicología soviética: del estalinismo de los años 1930 a la “ciência estalinista” de nuestros días. In. *Vygotski revisitado*. Una historia crítica de su contexto y legado. YASNITSKI, A.; VEER, R. V. D.; AGUILAR, E.; GARCÍA, L. N. (Orgs.) Buenos Aires: Mino y Dávila Editores, 2016.

### **Sites consultados**

<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-sofia/108/102/> Acesso em 8 de maio 2019

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_Sofia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Sofia) Acesso em 8 de maio de 2019.

[https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s\\_serafim\\_de\\_sarov.html](https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_serafim_de_sarov.html) Acesso em 8 de maio de 2019

[https://en.wikipedia.org/wiki/Dmitry\\_Merezhkovsky](https://en.wikipedia.org/wiki/Dmitry_Merezhkovsky)  
Acesso em 8 de maio de 2019.

## Referências do Cotejo de traduções

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

VOLOSINOV, Valentin N. *EI Marxismo y la filosofia dei lenguaje*. Tradução Tatiana Bubvona. Buenos Aires: Godot, 2009.

VOLOSINOV, Valentin N. *Marxismus und Sprachphilosophie*. Grundlegende Probleme der soziologischen Methode in der Sprachwissenschaft. Herausgegeben und eingeleitet Von Samuel M. Weeber. Berlin: Verlag Ullstein GmbH, 1975.

VOLOŠINOV, Valentin N. *Marxisme et philosophie du langage: les problemes fondamentaux de la methode sociologique dans la science du langage*. Édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010

VOLÓCHINOV, Valentin N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSINOV, Valentin N.; BAKHTIN, Michail M. *Marxismo e filosofia dei linguaggio*. Problemi fondamentali dei método sociológico nella sienza de linguaggio. Tradução de Marguerita De Michiel. Lecce: Ed. Piero Manni, 1999.

Os temas abordados nesta obra giram no entorno de homens e de conceitos de linguagem. As escolhas se apoiam na concepção de que a linguagem oral e a escrita são vivas porque impregnadas estão de atos humanos. O que importa são estes atos históricos, culturais e sociais. A linguagem não merece ser concebida meramente como objeto de natureza técnica, descolada dos atos. Por essas escolhas, os comentários se amparam na filosofia da linguagem dos russos do começo do século vinte e giram em torno de Volóchinov, Bakhtin, Medviédev, Duvakin, Vigotski, Sorokin, Jakubinskij, Sakulin, Bukharin e de uma pesquisadora do século XXI, Tilkowski e de seu orientador francês, Sériot.